

FIALHO D'ALMEIDA

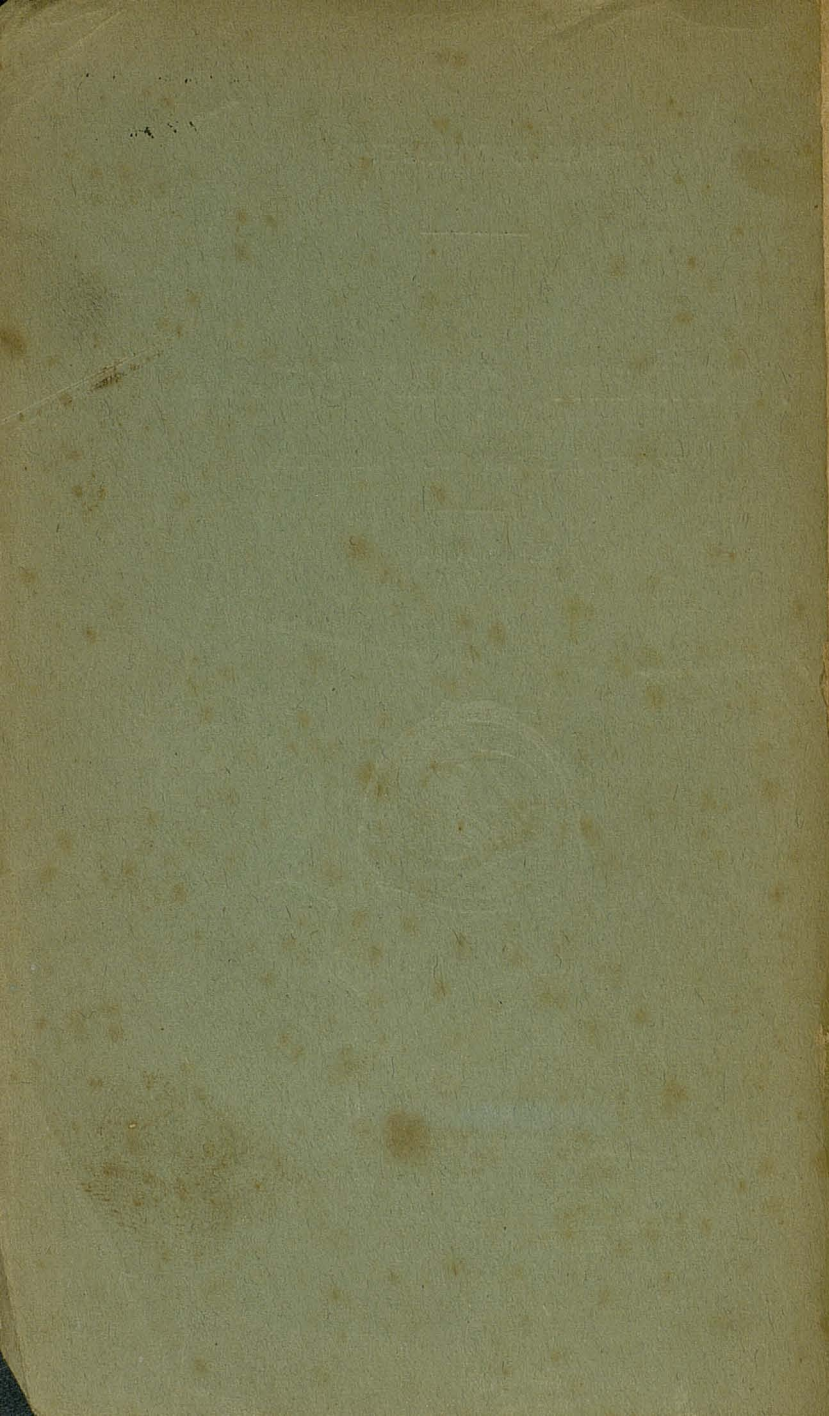
Saibam quantos . . .

(CARTAS E ARTIGOS POLITICOS)

2.ª EDIÇÃO



LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17
1917



a. Laranjeira
1930

Obras completas de FIALHO D'ALMEIDA

II

Saibam quantos...

Lu. Siqueira Gomes
1985.

Do mesmo autor

A' esquina	500
Barbear, pentear.	600
Cidade do vicio	600
Contos	600
Gatos, 6 vol	3\$600
País das uvas.	600
Saibam quantos	500
Vida ironica	600

FIALHO D'ALMEIDA

Saibam quantos . . .

(CARTAS E ARTIGOS POLITICOS)

2.^a EDIÇÃO



LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17
1917

TIPOGRAFIA SEQUEIRA
114, Rua José Falcão, 122—Porto

LISBOA, 1 DE NOVEMBRO DE 1910.

Um mez depois de proclamada a Republica, a situação politica não parece tão assegurada, nem tão certa a liberdade moral dos cidadãos, como a principio promettiam os discursos dos ministros e o porta-voz optimista das suas gazetas.

Alguma coisa *desandou* na alma altruista dos salvadores da patria (chamemos-lhe assim, por emquanto), uma vez adquirida a certeza de que pela liquidação infame dos partidos monarchicos, não mais será possível a volta da monarchia; e esse alguma coisa teria apeado o Conselho dos seus primeiros propositos de concordia, e ter-lhe-hia acerbado na consciencia, agora um, ao depois outro, certos sinistros propositos de vingança.

É o que pelo menos se infere da prisão do antigo presidente do conselho, João

Franco, primitivo chefe dos *thalassas*, effectuada hoje na sua quinta de Cintra, e a sua trazida ao tribunal da Boa Hora, donde sahiu apupado e perseguido por uma escolta daquella turbamulta das ruas que, segundo parece, é quem governa e dirige agora as acções do governo republicano.

As folhas radicaes que detalham e descrevem a prisão do celebre caudilho, não lhe poupam apódos e phrases carniceiras — se bem que por entre declarações hypocritas de que nem por sombra desejem ou preguem vindictas pessoaes — e fazem saber que não é ao governo que pertence a iniciativa da captura de João Franco, senão ao requerimento de certo patriota, que por seus entendimentos com o ministro da justiça, mui zelosamente serve a represalia official.

Seis dias antes da prisão de João Franco em Cintra, tinha-se dado a do jornalista Homem Christo, incisivo director do *Povo d'Aveiro*, e a suspensão immediata deste jornal, de que se vendiam cerca de vinte mil exemplares, e que tão violentas campanhas fez contra os republicanos, fóra e dentro do governo.

Tambem aqui os jornaes republicanos

declaram que a prisão de Homem Christo não deriva do fragor dos seus ataques d'imprensa, senão da urgencia que a autoridade tem de esmiuçar os seus actos publicos e secretos, da proclamação da Republica para cá. Foi trazido a Lisboa, pronunciado sem fiança, e remettido á prisão do Limoeiro. É conspirador? Não é conspirador? O caso levará porventura tempo a indagar, e entretanto o *Povo d'Aveiro* não incommoda o governo tolerante da Republica, que é, provavelmente, o que elle quer.

Se conjugarmos estes actos, tão indicativos como amostra, com o das espionagens que o governo auctorisa sejam feitas por alcatéas de populares, sem investidura legal nem competencia policiaca de nenhuma especie, aos cidadãos que essas mesmas alcatéas tomam de ponta; e ainda por cima destes atropelos da liberdade e da segurança pessoal, repararmos nas demissões em massa, de funcionarios antigos, alguns cheios de serviços, para metter anonymos da republica, hemos de convir que afinal o começo deste regimen novo cheira diabolicamente ao fim do velho, e

que os puritanos e amigos de puritanos, cunhados de puritanos e primos de puritanos, tudo afinal são roedores de appetite voraz, que nem por enrouquecerem a dar vivas á patria se esquecem que a patria lhes haverá que pagar quarto e comida, dispensando um ou outro, quando muito, a roupa lavada...

Evidentemente, com introitos destes, a consolidação pacifica das novas instituições não me parece coisa certa, nem governos que dest'arte interpretam a liberdade e a tolerancia, tenham ou não tenham a servir-os bombas e *camorras*, são os mais aptos para fazer vingar o quer que seja.

Aqui pelos cafés e tabacarias, boqueja-se (ou com verdade ou sem ella) que alguns elementos de maior prestigio moral do gabinete, como os srs. Theophilo Braga e Antonio José d'Almeida, descontentes com o espirito vingativo e facioso de certos decretos, começam a queixar-se de fadiga e a fallar em substitutos. Certo entreviram já as dificuldades de transformar uma sociedade, sem de antemão se ter feito a sua materia viva, transformavel; certo acquiesceram em como a liberdade só é dom pre-

cioso quando estejam os povos feitos para ella; e em como dar a um semi-barbaro instinctivo as regalias de um ser culto e consciente é, *ipso facto*, pôr a civilização na contingencia d'um regresso brutal á barbaria.

— Sim, sim! difficuldades tremendas, umas já previstas, outras incidentes, outras subitaneas. E mais se aggravarão se á expectativa benevola com que foi recebida a Republica por banda dos que, indifferentes ás fórmãs de governo, só demandam o progresso e o bem da sua patria, as ancias vingativas do partido republicano fizerem succeder o mau humor despeitado e a rancorosa irritação. Difficuldades tremendas! E agora é que ellas surdem, formidaveis, trovejando nos longes, injectando as nuvens de claridades sulfurosas, acastelando-se n'um bochornoso ceu de tempestade.

Como já devem saber, os partidos monarchicos, no todo ou em parte, dissolveram-se logo aos primeiros dias da Republica proclamada, e os respectivos adeptos tiveram carta para adoptar a politica que quizessem.

Alguns grupelhos adheriram logo á Re-

publica, em massa, e são por signal quem mais açula o odio do governo e das suas queridas sociedades carbonarias contra o *grande e órrivel criminoso* (vá o estylo de pregão de folha volante) João Franco.

A furia das adherencias foi tanta, e ameaça de tal módo subverter o nucleo dos republicanos primitivos, que ministros e procéres do novo regimen, aterrados do enxurro, não fazem em escriptos e discursos senão chamar vendidos e canalhas a esses *christãos novos*, que terão de sofrer as vaias afrontosas — e muitos nem salvarão os viveres que os obrigam a estas figuras tristes — mas que nem por isso deixarão d'acercar-se e cingir de perto a situação nova, gritando que são republicanos desde a aparição dos dentes caninos, que toda a sua alma é jacobina e toda a sua caspa é democratica.

E quando essa gente de fomes historicas, acostumada ao devorismo do erario, fôr maioria nas urnas, e mandar outra vêz na administração (pois o partido republicano não póde recusar adhesões e ter a porta fechada aos novos conversos), como é que os republicanos chamados puros manterão

na Republica a austeridade administral com que sonhavam? Como poderão bater esta avalanche? Como poderão guardar a Arca Santa?

Fal-o-hiam com exito, tendo uma massa popular educada, instruida, conhecedora dos deveres civicos, capaz de formar por si uma opinião publica serena, e uma consciencia publica pensante, para onde os governos apelassem.

Mas o partido republicano não soube, nem quiz cerebralisar nos seus trinta annos d'oposição, essa grande força popular. O partido republicano não soube, nem quiz coagir os governos monarchicos, com a poderosa força d'oposição de que dispunha, a decretarem uma organização escolar progressiva, completa e mobilisada pelos novos critérios educativos.

Não impôz a instrucção primária obrigatória, não curou da educação moral e civicia das massas, não quiz transformar em cidadãos os adeptos, em força intelligente a força bruta; e isto para haver em mãos só gentes fanatisaveis, irreflexivamente credulas e broncas, com as quaes facil chegaria pela arruaça e pelo sangue, á conquista

do mando—quando a parte nobre de tal conquista estaria simplesmente em confiál-a a uma evolução pacifica e letrada.

Como o que a maior parte dos marechaes do partido republicano queria, era, (como de resto os partidos monarchicos) simplesmente a chefia empenachada que faz vista, sem lhe importar que o paiz andasse ou desandasse, aprestou-se á revolução sem mais preambulos, e tirou proveito da massa embrutecida, fanatisando-a publicamente em comicios, e secretamente organisando-a em companhias carbonárias, com lições de vias de facto anarchistas, com as quaes poude anarchisar a cidade e influir pelo terror nas classes ricas e dirigentes.

Este é o segredo da especie d'apathia com que em Portugal foi recebido o novo regimen: apathia onde por egual entraram o terror, o egoismo, a descrença, e aqui em voz baixa, uma espantosa falta de character.

*

* *

Agora a Republica está feita, e porque a monarchia liquidou sem nobreza e os partidos d'ella se deixaram arrasar sem dignidade, o mais prudente é conservál-a e mantê-la, na expectativa de que por este meio possamos levar o escanzelado barco luzitano ás avistadas d'alguma rada segura e redemptora.

Pensar em restaurações dynasticas é loucura que, visto o momento doloroso, nenhuma cabeça solida albergará. Restaurações dynasticas para que?

Com um rei inexperiente e pusilanime, que brinca com soldados de chumbo e não sabe dizer coisa com coisa; com uma rainha metediça, que quer fazer politica, tendo a prosápia imbecil d'uma creada; com chefes rotativos, atrazados de tres seculos, e comprometidos em roubalheiras de Bancos e combinações ignobeis de *blócos*; com uma côrte de peraltas *ga-gás*, um conselho d'estado d'Acacios e Prudhommes, uma burocracia de cerdos e uma diplomacia

de pavões, o regresso ao antigo regimen não é coisa que interesse mais um povo, nem transe que valha a pena resgatar em nome de quaesquer ideias de progresso ou de fortuna.

A força de cohesão monarchica, tradicional na terra de Nun'Alvares, faliu pela incapacidade de tres gerações de politicos inhabeis, quebrando a continuidade de oito seculos de dynastias, durante os quaes Portugal se creou como paiz preponderante na historia. A tentativa republicana é a ultima consentanea d'um Portugal integral e independente.

Se ella falhar, a Europa terá reconhecido a nossa incapacidade politica d'Estado, e todos sabem como essa carta d'irresponsabilidade se chancéla por um protectorado semelhante ao do Egypto, ou pela incorporação n'um paiz grande, como succedeu á Bosnia e Herzegovina, o que seria o meio, já o general Weyler o disse, de pôr d'acordo todos os partidos politicos hespanhoes.

A monarchia morreu... Deixemol-a na podridão silenciosa do seu transe, que nem a lyra dos bardos entoará por ella ságas

epicas, nem a bôca dos augures hade rezar-lhe outros responsos que não sejam desdenhosas vaias por não ter sabido defender-se.

E entretanto aguardemos os factos, façamos uma recepção gentil á formula nova, nunca esquecendo porém que esta acquiescencia não quer dizer cumplicidade, mas simplesmente a expectativa anciosa d'um auditório correcto deante do primeiro acto d'um drama cuja acção nem sequer ainda se esboçou. Porque só idiotas e ingenuos irão supôr que tres dias de descargas regeneram povos indolentes e tardos, como o nosso, integrando-lhes aptidões d'iniciativa, de trabalho e correcção moral, porque elles desde muito móstram repugnancia. — Não, não, amigos meus!

Este Portugal republicano é aquelle mesmo que tem nas cidades 75, e nas aldeias 90 por cento d'analphabetos; que apedreja os medicos por ocasião das epidemias, que crê parvamente em Messias políticos e bruxas, que vive d'industrias ficticias e agriculturas rutinárias, e com um jornalismo pedante de reporters, uma sciencia de copistas e uma literatura de decálicos, chegou a este gráu de subalternidade

mental e moral: no campo das liberdades politicas só conhecer *vivas* e *morrás*, e de tal maneira ter perdido a noção das realidades e o instinto justiceiro dos galardões, que é vêr um diabo d'espingarda, desatalogo a chamar-lhe heroe, e a trazê-lo pela rua ás cavalitas.

E a razão é simplissima: só em Portugal se acredita ainda que as fórmás de governo tenham que vêr na marcha perpetuamente evolucional das sociedades. As nações experientes, os homens de cultura e razão modalizada pelo estudo rigoroso da sciencia social e da historia, de ha muito vêem como na realidade estas coisas, fórmula de governo e progresso social, vivem completamente estranhas uma á outra.

A Belgicá é ha 28 annos governada por catholicos, e isso não impéde que a sua Igreja viva separada do Estado; que os seus immensos progressos industriaes sejam regidos pela ultima palavra dos avanços scientificos; que a riqueza publica suba formidavelmente dia a dia, apesar dos dispendios terriveis com que a industria belga perpetuamente se renova; que o nivel cultural do povo seja dos mais altos da Eu-

ropa; que as suas escolas de Liége, de Gand, de Bruxellas e d'Anvers, tão ricamente dotadas, sejam ponto de reunião d'escolares de todo o mundo; e emfim as liberdades publicas, tão perfectas e completas como as inglezas e francezas, permitam que as mais avançadas questões de livre pensamento e socialismo ahi tenham fócios de criação e irradiação que o livro explica, a imprensa diaria repercute, e a democracia da praça publica defende.

Demais, em paizes cultos e com uma noção definida de liberdade, republica e monarchia constitucionaes são taboetas annunciando uma só mercadoria. Não diférem quasi como instrumento de governo. Dentro d'uma monarchia constitucional, como dentro de uma republica constitucional, cábem todas as reformas que possa desejar a nação mais progressiva e ter proposto o directório republicano mais radical. Para implantar no paiz essas reformas, não vále a pena derribar o monarcha para assentar no throno o presidente.

O que é preciso é ter confiança na capacidade mental e moral do cidadão. O que é preciso é ter fé na sinceridade e honra

politica dos chefes. O que é preciso é curar da disciplina austera dos grupos. E tudo isto não é a fórmula de governo que o dá, mas uma instrução e uma educação singularmente perfeitas e solícitas. A proclamação da Republica foi uma imprudencia, filha das ambições de mando dos chefes e das cubiças desenfreadas dos subalternos. O povo portuguez não está educado para comprehender e amar a liberdade. Na monarchia tinha mais que a necessaria, e por isso e pela relaxação suprema dos dirigentes, a anarchia alastrou, e a revoluciuñcula foi possivel com um bando de soldados indisciplinados e meia duzia de milhares de carbonários.

Em balde os jornaes republicanos gabarão a cordura e a ordem d'este povo, que, digam o que dissérem, precisa ser refeito de nervos e de musculos, de sentimento e d'espírito, pois se a materia prima é bôa, o que alguns seculos d'ignorancia cebosa e preguiça estúpida puzeram na bagagem moral e mental d'este agregado, o collóca em actividade e crendice a par dos negros, e em exhibicionismo ingenuo e farofia grotesca abaixo dos mandarins da China rutinária.

Este teria sido, repetimos, na sua opposição de trinta annos, o verdadeiramente grande e patriótico papel do partido republicano: refazer o portuguez desde a teta materna, crear no seu gremio uma *élite* de reformas capaz de dar ás turbas uma disciplina de character; generalisar a instrução e a educação por todas as classes activas, e sacar emfim do povilêu impulsivo e gritador das ruas de Lisboa, simplesmente uma massa calma, com vontade propria e consciencia propria, e pela sua intellectualisação, liberta dos crócs da sugestão fanatica e do engajamento para aventuras de sangueira.

*

* *

Se o partido republicano tem levado a cabo, com exito, esta campanha (como nós tantas vêzes escrevemos, e foi esta a razão principal do nosso afastamento), a Republica de hoje, em vêz d'um problema errisado d'interrogações, em vêz d'uma simples mudança de taboleta á mesma droga, a todos ao contrario surgiria como solução definitiva, pois teria vindo em razão propria

sobre uma nação civicamente feita e culturalmente preparada para essa nova vida messianica.

Assim, não.

Dada a ignorancia e o desmazelo relaxado, que foi o que a monarchia legou ás classes médias, dadas as tendencias vaziammente exhibicionistas, que foi o que o partido republicano deu ás multidões, a Republica, como fórmula de governo, ha-de reproduzir todos, absolutamente todos os fracassos da monarchia... Na essencia, o paiz ficará o mesmo. Que digo eu? Ficarà peor.

O que já está succedendo é inquietante; o que para além se descortina é pavoroso. Ninguem se illuda.

Póde a Republica, n'um futuro longinquo, resolver a equação da vida portugueza. Mas não ha-de ser pelas veredas que agora trilha, nem pelos abusos que já cométe, nem pelos processos dubios que toléra, nem pelas cobardias singulares de que dá mostra. Uma oligarchia substituiu outra, e mais nada. Expulsaram os Bazilios, ficam os Figaros, o que não próva que a partitura seja outra.

Por mais que as folhas affectas ao governo encaminhem o leitor para uma visão optimista das coisas, a verdade é que os actos do gabinete não teem espirito de sequencia, e revelam gente mal preparada e vergando sob o pêso esmagador do que lhe exigem. Ha ministros atacados da doença do somno, que são puros manequins republicanos; ha outros, nefelibatas, cultivando principalmente a parte ornamental das pastas, — discursos bombasticos, recepções aos «patriotas», viajâtas com musica e vivo-teio —; e ha, finalmente, alguns cuja actividade, geralmente exaltada nos centros de cavaco, se reparte entre a promulga de leis dispensaveis (verdadeiros fundos de gaveta), e a consabida incrustação nos logares gordos d'uma variada e illustre parentéla.

O que se legisla é pouco e máu, como por exemplo a lei d'imprensa, incompleta e muito menos liberal que as anteriores, e cujos primeiros paragraphos parecem redigidos de propósito para pôr o jornal do Homem Christo á mercê das prepotencias da auctoridade civil. Demissões, exonerações, juntas de saude, convites á reforma... balões d'ensaio nos jornaes dizendo

quem vae ser demittido, e quem, *ipso facto*, o substitue; e em pouco mais se cifra a acção governamental republicana.

A questão dos inqueritos aos diversos ramos d'administração publica, acordada d'afogadilho, entregue a parcerias d'amaveis desconhecidos e austeros anonyms, sem experiencia nem technica; os logares chamados de confiança, todos muito bem remunerados e de « peso », e para os quaes são precisas categoricas competencias e seguros dótes, pela maior parte em mãos de jornalicástros e arengadores de comicio, pouco menos de bacôcos; as commissões para a revisão e reforma da instrucção publica, pequena e grande, formadas de creaturas que, salvo uma ou outra, estudiosa, não teem a menor competencia para o encargo, e isto porque a Republica quer mobilar as corporações só com republicanos de gema, recusando papel a tudo o mais; finalmente a provisão dos postos diplomaticos, outra procissão drolatica de bohemios e patuscos que está pedindo um Caran d'Ache...

Dia e noute os ministerios regorgitam de pretendentes, alegando os *serviços* que prestáram e os martyrios atrozes que so-

freram. Os memoriaes são montanhas de papel; e se todos que alégam ter-se batido na Rotunda e vir sofrendo perseguições desde a revolta do Porto, realmente citassem factos verdadeiros, a lista dos defensores autenticos das intencionas republicanas daria talvez o dobro da população de Portugal. Isto quanto á *abnegação* dos civis. Pelo que respeita aos militares, é outra esferencia de desinteresse que ameaça desorganisar o exercito e subverter os restos da disciplina.

O governo deu póstos d'acesso a soldados, cabos, sargentos e officiaes que tomaram parte na revolução; os mais salientes tiveram a Torre-Espada e pensão em dinheiro correspondente; reintegrou nos quadros os militares demitidos desde os ultimos pronunciamentos, dando a cada um o posto que hoje lhe corresponderia se tivessem continuado a vestir farda...

Ora este succulento agápe teve exito. E atraz dos heroes e dos martyres, vieram os que a si mesmo se chamam «*perseguidos pelo ominoso rancor da monarchia*» — e após os perseguidos, os alvejados, e após os alvejados, os mal vistos, que tudo isto aléga

ter prestado serviços, e conseguintemente *esperar receber mercê* (como se dizia nos requerimentos antigos) da Republica... agradecida.

Pelos jornaes de Lisboa e da provincia constantemente cartas onde *irózes* ignorados e *martyles* esquecidos vem á luz do sol autobiografar suas façanhas, e pedir que o governo da Republica os não olvide. A tal ponto este atropelo inquieta já os que não foram promovidos, isto é, os que até á ultima nobremente se conservaram fieis ás velhas instituições, que ha poucos dias os sargentos de Lisboa reuniram-se para tratar da sua situação, ameaçada, supponho, por esta intrusão de heroes retardatarios e de martyres em guiza a canonisação e *rito duplex*.

E' evidente a perturbação que este estado de coisas lança na moral militar, e as desencontradas paixões que a esta hora barafustam no exercito, fazendo d'elle um laboratorio d'intrigas e um instrumento de futuras rebeliões. Lembremo-nos dos officiaes fieis que o spectaculo das corrupções politicas enérva; dos sargentos fieis, enciumados pelas promoções ao officialato de camaradas

seus que violáram a disciplina; dos soldados que ouviram por toda a parte proclamar a indisciplina e a revolta como coisas gloriosas e magnanimas; de revolucionarios que um golpe audacioso de mão promoveu a postos que por vias regulares não teriam atingido; de corpos sem organização, e de chefes sem capacidades militares; e digamme se a continuar no exercito este espirito anarchico, elle não é um perigo, não só para a integridade do territorio, como também para a integridade da Republica.

A mesma gente das ruas, tão pacifica nos tempos monarchicos, agora aparéce em scena com propósitos de dirigir o Estado e impor á lei da razão, a força bruta. Os carbonários mandam em tudo, são arbitros de tudo, nas côres da bandeira, como na escolha dos funcionarios e distribuição das recompensas. A gentuza dos bairros fuscos que debutou na politica por vias de facto anarchistas, atirando bombas, terrorisando pelo assassinato das *choças*, agora quer fazer parte da policia civica (!), para ter a cidade á mercê do seu espirito de *vedetta*.

Lisboa tem o ar d'uma cidade coacta e estrangida, com as casas fechadas, as

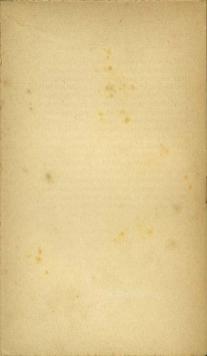
avenidas desertas, os restaurants e as grandes lojas ás moscas. Pelas ruas, de quando em quando, ajuntamentos de plebe arregangada, que parece esperar não sei que Paschoa; ou bichas de gente correndo ao governo civil e aos ministerios, e atroando os ares com berrarias que os jornaes chamam pomposamente «manifestações». A tropa sae dos quartéis para fazer apoteoses (!), como o outro dia ao Magalhães Lima. Os heroes e os ministros andam pela provincia no *record* dos vivas e na patuscada dos jantares. A gente rica retrae-se, a classe preponderante desaparece e sóme-se; e todos, atonitos, perguntam se é este o quadro do Portugal redimido e aberto á liberdade!

Digam-me então se pelo que acabo d'expôr, o paiz não ficou peor depois da Republica, do que estava nos «ominosos tempos da monarchia».

Pela adhesão em massa dos monarchicos, ao novo regimen (e não ha meio nenhum de a evitar), todas as roubalheiras e vicios da sua politica passarão intactas para a Republica; e haverá que lhe ajuntar a cubiça feróz e a desesperada ambição dos republicanos, que se vae vendo, não são

melhores nem mais correctos que os seus antecessores. Logo, todas as questões capitães de que depende o prestigio, a integridade e a fortuna do paiz, seguirão sob a Republica, irresoluveis, porque muitas não ha dinheiro para as pagar; ex.: a instrucção, marinha, exercito — e outras, continuará a não haver quem nas resolva.

Sim, sim! os governos da monarchia eram perdularios, infames, devassissimos, mas ao menos no tempo d'elles, exercito e multidão das ruas, bem ou mal, viviam tranquillos e acomodados a uma vida de disciplina e de trabalho. E agora, estes dois monstros, familiarisados com a revolta, e afeitos á recompensa pela desordem, nunca mais deixarão d'assediar com os seus uivos o socego estudioso dos estadistas.



LISBÔA, 16 DE NOVEMBRO DE 1910.

Ainda o anno passado, por este tempo, quando ás primeiras chuvas as familias volviam do campo e praias, para encher as ruas lisboetas, ás tardes, do rumor alegre das suas chalras; ainda o anno passado, apezar de ter sido um máu anno de negocios, a capital tinha um tal ou qual aspecto d'urbe fina, rica, elegante, e algo soberba dos seus palacios de pedra, das suas avenidas d'ailantos e faulónias, dos seus *coupés* e dos seus autos, dos seus cavalleiros e das suas amazonas.

A mudança do regimen transformou completamente a fysionomia das ruas, e influiu na qualidade e até na quantidade dos viandantes.

Lisbôa parece uma versão plebea de si propria, uma cidade de creados de servir e d'operarios sem trabalho.

Nos bairros novos e de poucas lojas, onde teem rezidencia as familias mais ricas, nas largas avenidas arborisadas e ladeadas de palacios e prédios d'aluguel de renda cára, um silencio e um abandono páiram, parecendo que só um terço das casas tenha gente, e essa gente capriche em se apagar quanto possivel, como quem se arreceia de tomar parte n'um carnaval que lhe póde ser funesto.

A mesma quasi solidão pelas ruas da Baixa, á hora das compras; o mesmo luttoso silencio pelos sitios que ainda ha um anno era protocolar frequentar.

As lojas de módas sem damas, as pastelarias e casas de chá sem *five ó clocks*... Nos talhões da Avenida, do lado direito, que era o da móda, nas manhãs e tardes do Campo Grande, em dias de sol, parece que um halito malsão, de fome e péste, varreu os passeantes e as equipagens, e com ellas uma das expressões do luxo e da alta vida lisboetas.

Para obstar á derrocada commercial que este significativo retrahimento determina, imaginaram alguns organizar da provincia, romarias patrioticas a Lisbôa, sob o pre-

texto um pouco vazio de saudações aos membros do governo provisório da Republica, e não sei que outros vultos egrégios, a vêr se assim supririam na gaveta dos lojistas o *deficit* causado pela desapareção da antiga clientéla.

Os jornaes vêm cheios de listas de casas que fazem 10 por cento d'abate aos forasteiros, sobre os preços marcados nas fazendas, e de reclames aos espectaculos e diversões que o *patriota* da Azambuja e Boliqueime, de Baleizão e Celorico, pôdem encontrar por pouco preço, na capital que os aguarda de braços abertos, paralelamente á delicia mystica de vêrem sorrir a boquinha á Duze do sr. Bernardino Machado, trovejar o verbo mosaico do sr. Antonio José d'Almeida, ou parir alguma lei nefelibata o cerebro pyrotechnico do sr. Affonso Costa, especie de Solon com intercadencias terçãs de deita-gatos.

De feito, as romarias fazem-se, segundo o programma proposto pelas commissões. Um Domingo são duzentos e cincoenta patriotas de Thomar e da Castanheira; na quinta-feira, quinhentos de Mafra; depois, trezentos ou quatrocentos de Leiria...

Descem do caminho de ferro ao som dos vivas, com os saquinhos de quadros onde vem os farneis e o reforço minguante de roupa branca, precedidos de filarmônicas fardadas de *grooms* ou de marujos; passam pelas ruas, cabisbaixos e apáticos, ao som dos vivas; resignadamente soffrem que os enfóque um photographo do *Diario de Noticias* ou do *Seculo*, ao som dos vivas; e entre vivas vão ao Terreiro do Paço ouvir o discurso pathetico que lhes delita o ministro do Interior, e que pela banalidade exhaustiva não parece vir do interior do ministro, senão dalgum gramofone que elle traga no bolso, para o effeito; finalmente entre vivas se deixam palmar a carteira e os alfinetes de gravata, e entre vivas abalam para as suas terras, com os saquinhos e as musicas, (eis o seu unico signal d'intelligencia), sem haverem comprado coisa alguma.

Tam pouco nos theatros a *season* prosegue com mais desafogo financeiro. Em balde as empresas substituiram os antigos titulos realengos de *Th. de D. Maria II*, *D. Amelia*, *Principe Real*, etc., por outros mais consentaneos da nova idolatria popu-

lacheira. A gente de dinheiro não sáe de casa, ou debandou para a provincia, e quanto á outra, como ha quasi dois meses não trabalha, claro que não tem dinheiro para espectaculos, e engana o estomago fazendo demonstrações festivas aos mandantes, e mesmo nos intervalos d'esta a si mesma...

O caso do teatro lyrico é frizante. Na epocha passada o dinheiro das assignaturas deu ao empresario de S. Carlos uma cifra de 120 contos portuguezes. Este anno a assignatura desceu a 55 contos, pondo a empresa na contingencia de não poder cumprir o seu mandato... Valeu-lhe n'este apuro o governo republicano, que ao lhe exigir a caução de 30 contos, expressa na letra do contracto, e que os governos monarchicos geralmente lhe perdoavam, forneceu ao homem uma excellente occasião para falir.

*

* *

Quaes as causas provadas d'este perigoso retrahimento, d'esta coacção geral,

cuja gravidade o leitor comprehende, e que a proseguir será funesta á vida de Lisboa?

Muitas e complexas, de cujo môlho destacarei algumas, principaes:

1.^a O character conservador e estabilista das classes ricas e dirigentes, alarmado com os factos da revolução, e todos os que lhe succederam e a precederam. Entre estes, deve contar-se a repulsa que lhe inspirou a ideia de Republica desde a chacina régia de 1 de fevereiro, e o character carbonário e populacheiro do partido republicano que metteu em scena gente atirando bombas e fazendo apotheoses repugnantes aos regidas.

2.^a O facto d'um certo numero de medidas da Republica attentarem contra o espirito tradicionalista d'aquellas classes, com a lei do registro civil, a separação da Igreja do Estado, e mesmo, para alguns, a expulsão das ordens religiosas com medidas de violencia que o character pacifico d'aquellas corporações logo tornaram despoticas e odiosas, *precisamente por serem feitas em nome da liberdade.*

3.^a O predomínio incondicional exer-

cido pelas sociedades secretas em quasi todos os actos do governo, como por exemplo na escolha das côres da bandeira, deposição de funcionarios antigos e com direitos adquiridos, e imposição d'outros sem mais competencia do que as suas cumplicidades carbonárias; e ainda certas sanções de character socialista, como a declaração do direito á grêve, que tão fundas perturbações logo lançou, e nunca mais deixará de lançar nas já periclitantes relações entre trabalho e capital.

4.^a O facto publicamente declarado em jornaes, *d'aquellas sociedades secretas não desarmarem*, e seguirem n'um caminho de reпреzalias por onde se dará vazante a odios nefastos de classe, e ciumes entre multidões desigualmente instaladas nos confortos da vida e conquistas da cultura.

5.^a A campanha ignobil que contra as classes ricas e conservadoras, e principalmente contra senhoras, vem sendo feita ha annos por jornaes d'accentuada voga revolucionaria, que insultam e difamam sem criterio, funcionarios probos, no meio d'outros culpados, invadem o dominio da familia e da vida privada, fazendo correr contra

essas pessoas, todas as especies de historias injuriosas, facto absolutamente unico na Europa, e só consentido n'um paiz anarchisado por uma gangrena moral inveterada.

6.^a Finalmente (como se em coisas sérias se não intromettesse sempre o ridiculo), o espirito de snobismo d'essas mesmas classes ricas e conservadoras, que deposta a monarchia, por chic aristocratico e rigidez macaqueada d'avoengos, exaggeraram o lucto monarchico, fingindo-se proximas da côrte, e não querendo pactuar portanto tão cedo com os cantadores da *Maria da Fonte* e da *Portugueza*.

Estas são razões d'ordem moral. Mas ha tambem d'ordem economica, que não serão das menos exigentes:

1.^a A demissão de numerosos altos funcionarios, cujas familias, afeitas ao estipendio mensal certo, e á aposentação final garantida do chefe, eram quem mais gastava em aparato externo e vida d'espectaculos, e que terão de ficar, ou sem recursos, ou reduzidas á renda dos seus haveres particulares. Todos sabem que é gente d'esta que principalmente cobre as assignaturas das companhias theatraes estrangeiras que

vem a Lisboa, frequenta restaurantes e cafés, vae ás praias e thermas, e exhibe emfim as modas da estação por essas ruas. Alguns d'esses funcionarios são ricos e entretinham pela provincia cacicados eleitoraes que lhes valeram a posição official que disfructavam. Muitos voltarão ás suas terras; outros abaterão o estado de casa e passarão a viver na meia sombra. Finalmente alguns, *fashionables*, consta que irão viver para o estrangeiro.

2.^a A pobreza e miseria real da cidade, que exceptuando certas fortunas do commercio, certas grandes reservas africanistas, certas capitalisações do trabalho portuguez no Brazil, tornado á patria, não tem senão proletariado autentico, que qualquer crise perturba, e mesmo nas epochas tranquilas vive num perpetuo transe financeiro.

Ha quatro ou cinco annos que o commercio de Lisbôa se arrasta por entre as perturbações e desassocegos que na cidade introduziram os republicanos, na sua perpetua aspiração para a revolta. Colherão agora os fructos dessa anarchia tremenda que a sua cobiça espalhou na terra portugueza.

Amanhã, se o Banco de Portugal fizer um gesto sobre o masso de letras que lhe abebéira as caixas-fortes, seiscentas ou setecentas casas commerciaes irão a baixo.

E sobre a dolorosa penuria dos humildes, basta atentar nos bandos de gente porca e esfrangalhada que a policia toléra no pedincho das ruas, numa ostentação de baixeza que tão bem se coaduna com o character sordido e bastardo de certos rebentões peninsulares.

Todo o europeu para além dos Pyrinéus pede trabalho e encontra-o. Dos Pyrinéus para cá, só pedem esmola. Eu acabo de percorrer a melhor região da Europa culta, e em parte alguma vi gente rota, gente porca ou gente mendicante. Aqui o piolho é um symbolo, uma bandeira o farrapo, e um systema de governo a mendicancia.

Parece que não ha meio de sarjar este bubão d'infamia, esta mania d'inferiorisar-se pela esmola, que o portuguez do povo traz no sangue, especialmente n'aquellas provincias onde a religiosidade vincou mais fundo—Beiras e Minho, por exemplo, onde o rabuzano pede por passa-tempo, por habito, e até por instincto de desfructe e

burla, se topa algum estranho (*meu fidalgo!* diz logo), que lhe cheire a ter dinheiro.

Em Lisbôa, no Entrudo, as mascaradas ou *paródias* do baixo povo, mui pelo claro elucidam esta psychologia do frangalho humano sofrendo passivamente as degradações da miseria crapulosa.

De facto, taes paródias reproduzem sempre alguma versão d'estas quatro fases sociaes da populaça: ou um destacamento de soldados, ou uma scena de captura com policias, ou um episodio de moços de fretes levando cargas ás costas, ou então uma guitarrada entre fadistas e marafonas. Tudo coizas de humilhação, submissão, degradação, e acabando por um peditorio lamuriento.

*

* *

«É-se mendigo por miseria ou por vicio, diz o jornalista hespanhol J. M. Salaverria. O primeiro caso pertence aos sociologos, aos governantes, aos tratadistas. O segundo aos tribunaes. Eu creio que os mendigos não são filhos da miseria temporal, mas da

miseria historica. Quando um estado social se mantem durante muitos seculos em tom de continúa pobreza, de comer mal, dormir com frio e trabalhar sem esperança, então a natureza publica decompõe-se, e sobre-vém um dos symptomas de gangrena, chamado mendicidade.

Nasce então o prurido de pedir; rebaixado o orgulho, anemica a dignidade individual, o acto de pedir verifica-se espontaneamente, sem esforço; e pode então resultar (quem sabe se será este o nosso caso!) que toda a nação ande exercendo, d'um modo ou d'outro, a mendicidade...»

Categórico, perfeito diagnostico!

— «*Póde então resultar que toda a nação, d'um modo ou d'outro, ande exercendo a mendicidade.*»

É tal qualmente o que succede. Desde a proclamação da Republica que em Lisbôa se não faz outra coisa senão pedir.

É uma obsessão, uma vezania furiosa, um delirio de posse que ameaça subverter toda a energia volitiva. E são os republicanos quem mais reforça e exagera, pelo frenesi do arrivismo, esta antiga pécha nacional. Da provincia chegam continuamente

reservas de correligionarios e poluções d'aventureiros, que invadem os ministerios e fazem *remembers* nos jornaes, armando á gratidão do directorio e do governo. Uns trazem atestados das commissões municipaes, outros bilhetes dos governadores civis, e quasi todos memoriaes patrioticos, dizendo que em 5 d'Outubro estiveram na Rotunda—sem nunca terem vindo á Capital.

É a alucinação pantomimeira da epocha, ter prestado á Revolução serviços de sangue, ter feito parte do bando que na barricada da Rotunda, por quasi não haver inimigos, como aquelle cavallo das ultimas corridas de Belem, se venceu a si mesmo.

Com o advento do regimen creado pela cohesão patriotica popular, parece que a primeira exhibição da sociedade nova é generalisar a todas as classes o systema de pedincha que antigamente era apanagio só do baixo povo. Actualmente em Lisbôa tudo pede.

Pedem os mendigos da rua.

Pedem os mendigos da politica.

Pedem os estudantes.

Pedem os padres.

Pedem os caixeiros.

Pedem os artifices.

Pedem os amanuenses.

Pedem até a malécagem dos prezidios
e as gualdranas da viela.

E como se este carnaval da penuria
drolatica não bastasse, constantemente
bandos precatorios correm os bairros, com
musicas e *cidadões*, a aparar nos baldes os
ultimos cinco réis que o pobre lisboeta cre-
dulo sangra ainda para as victimas da Re-
volução, que a estas horas devem d'estar
mais ricas do que eu.

Como lhes disse, a mendicidade organi-
sada para a exploração nacional do «venha
a nós».

E viva a Republica!

LISBOA, 4 DE DEZEMBRO DE 1910.

Alguns livros de prosa que n'esta stáse da patriotice boçal em adoração perpétua aos fetiches novos da Republica aeroplanem noss'alma, sendo possível, para as puras regiões da illusão, onde o oxigenio tenha menos detritos de bandalheiras democraticas e vivós . . .

Lisboa Tragica.

Serão Inquieto.

Doida d'Amor.

Livros d'escriptores novos, do melhór-sinho da mentalidade moderna portugueza, que nisto de letras, como no mais, é uma mentalidade desconexa, desorientada e europêamente inferior.

Comecemos pela *Lisboa Tragica*, do sr. Albino Forjaz de Sampaio, moço de vinte e tantos annos, que vive laboriosa e estreitamente entre um escriptorio de companhia

de seguros, e a collaboração d'algumas folhas que lhe pagam artigos pelo preço por que ás esquinas os moços de corda não querem mais fazer recados.

O direito á greve, que foi uma imposição da rua revolucionária ás sêdes de voga do sr. ministro da Justiça — um dos dois ou tres aspirantes já visiveis, á presidencia da Republica — o direito á grêve que em quatro dias fez rebentar no paiz 40 ou 50 grêves, tres ou quatro das quaes bastariam para pôr em perigo o governo provisório — o direito á grêve, dizia, todas as corporações agitou, excepto esta dos trabalhadores das lettras e da imprensa, principaes e escorchadas victimas do analfabetismo publico e da infamante exploração dos editores de livros e das emprezas donas de jornaes. A talvez razão maior da decadencia das lettras portuguezas é uma razão puramente economica: com a falta d'um cyclo vasto de leitores que paguem, a falta de lizura dos editores, que reservam para si os poucos lucros das já resumidas edições que lançam no mercado.

Grande parte dos livros (mencionadamente versos) que nos doze mêses do anno

publicam as editoriaes de Lisbôa, Porto e Coimbra, são *borlas* dos auctores aos editores: a gloriola do nome impresso no portico das brochuras, constituindo paga bastante para inflar prosápia n'esses arbaleteiros da chimera escripta, menos avidos de *beefs* que de fama. Resultado: não haver vida litteraria professional, e ser só possível a litteratura chamada «d'amadores», o que explica o character efemero dos livros, e a evidente desnacionalisação da arte de compôr e d'escrever.

Alguns homens de lettras que em Portugal teriam podido escrever livros e artigos á altura dos que em Inglaterra e França se publicam, ao chegar á plena maturação do seu talento, com pasmo se reconheceram estraviados na miseravel bestificação moral e mental da terra, e preferiram emudecer e retirar-se, desinteressando-se d'uma patria que não podendo absorvêl-os na sua crapulosa vida politica, pela maior parte os abandonava, e quasi por completo os repelia. Eu sofri muitos annos, no tempo de D. Carlos, o rancor vilanaz d'alguns pisaflores da zarzuela realenga, que delegavam em logares-tenentes da sua laia a confeção d'afrontosas

diatribes visando difamar-me como escriptor e como homem. Claro que nenhuma d'estas canalhices, que lancei ao desprezo, me fez senão ganhar ao dia seguinte mais solidas estimas, e que d'ahi data a confiança cega que passei a ter nas deliberações do meu consenso intimo, unico tribunal que me julga, e o imenso orgulho com que a recordação do que tenho sido, e do que sou, constantemente avigora a altivez da minha alma velha, mas vivaz. Não referi á responsabilidade pessoal do rei estas pouco fidalgas armadilhas, mais proprias de lacaios, e tudo referi á biologia moral do meio palaciego, propicio ao borborigmar das más paixões.

O séstro d'afastar dos cargos e de votar ao ostracismo os escriptores pouco dispostos ao mister d'apologistas foi principio em voga no reinado de D. Carlos, onde a politica teve sempre character de corruptéla e veniaga, e só faziam carreira os sabujos dos chefes de partido.

Em todos os paizes de cultura escassa ou reduzida população, onde o consumo de livros é pouco, e periclitante portanto a situação financeira dos autores, usa o Estado

guardar para elles certos logares e cargos publicos, que ficam sendo um verdadeiro apanagio dos cultores das artes e das lettras.

Directorias de bibliotecas, museus e escolas publicas, redacção de publicações officiaes, presidencia de manufacturas e industrias do Estado, catalogação d'archivos, professorado, etc., tudo isto podia dignificar e independentisar a situação social de certos escriptores, interessando-os nos progressos da civilisação nacional, e dando-lhes *em nome do paiz* — que não no d'um ministro amigo ou cabotino — n'esses progressos, colaboração responsavel e eficaz.

A tradição do Terreiro do Paço em materia de cargos publicos, des'que a malandragem politicante que na monarchia teve nome de rotativos bloquistas, e outros varios apódos de quadrilha, alli sentou cavernas, é que o Estado só deve apaparicar os que chamam, fazem e desfazem eleições, atacam ou defendem ministerios, sendo todos os demais cidadãos simplesmente ovelhas ranhosas, *chair á canon*, materia colectavel...

Ora é contra este desprezo official a que as lettras de Portugal andam votadas, que

certos escriptores de ha muito se deveriam ter pronunciado, correndo a chicote os que lhes barram o caminho, e impondo pela energia da sua penna e pela altivez de sua personalidade, respeito á categoria que na vida publica lhes compete.

Temol-os pois reduzidos, por falta de publico, pelas roubalheiras e uzuras dos editores, e pelo desprezo escarninho que todos os governos lhes votam a uns como belfurinhos da novela, da chronica e do poema, só produzindo litteratura nos intervalos lucidos do ganha-pão, e dando-se por muito felizes quando a camaraderia dos jornaes adversos lhes chama só *canastrões*, *reaccionarios* ou *burros*, e não vem outros epitetos encher-lhes a familia e a vida privada d'imundicies.

*

* *

Albino Forjaz de Sampaio é por agora com tres livros d'artigos que leva publicados, um estofo moderno de chronista de

jornal—estofa *lizeré* de veludo e seda, *broché á fleurs*, como esses brocados de que no tempo de Rubens se faziam mantos e vestidos, tapeçarias e bandeiras, e nas procissões de santos e cortejos de heroes eram a alegria das cidades e o prestigio das côrtes ostentosas.

Com um vocabulario rico, uma prosa suficientemente sonóra e musculada, o moço escriptor produz paginas já virilmente rajadas de côr séria, de figurações e imagens da propria retina, de pontas de pessimismo hervadas de galhófa: dótes magnificos, de cujo unisono floreja a resultante d'um escriptor, se bem que em formação robusta, e inda não feito, todavia rebentando de seiva e annunciando alguem que póde vir a falar nas lettras patrias.

Claro que nem pela raça, nem pelos annos que conta d'existencia, o sr. A. Forjaz de Sampaio póde, dentro das suas prendas d'artista e litterato, aparecer forrado pelo *systema* d'ideias d'um filosofo, ou ter construido para escóra das suas opiniões e reforço das suas criticas uma sociologia e uma psychologia que lhe permitam observancia d'um certo numero de principios e

leis schematicas da sua teoria social e scientifica.

Nem pensar n'isso.

O sr. A. Forjaz de Sampaio é, como os escriptores ligeiros de quasi todos os paizes, um repentista que vê os assumptos das chronicas atravez d'um certo numero d'emoções affectivas e mentaes que melhor ou peor caracterisam a sua individualidade, e consequentemente expõe esses assumptos mais como documentos da sua autobiografia d'artista, do que como peças de processo para julgamento impessoal da sociedade de que se faz censor e acusador. Assim devem ser vistas as melhores paginas da sua prosa, e interpretados o esforço e o viço d'esse talento de syfonista e solista que tão elegantemente sábe compôr pastoraes e sonatas dramaticas, caminho d'uma futura grande opera onde todos os vãos humoristicos do seu estro e todas as energias amargas do seu character dêem alfim testemunho de razão completa e turgencia saborosa.

Esta *Lisbôa Tragica* é o melhor dos tres livros de chronicas que o sr. A. Forjaz de Sampaio tem publicado. Ha um progresso evidente na interpretação artistica dos as-

sumptos, na execução sisuda e no cuidadoso acabamento.

Certas paginas d'impressão paysagesca, certos quadrinhos de vida do novo e dos *ghettos* inféctos da capital, são iluminuras dum Rhembrandt preocupado dos claros-curos rapidos, dramaticos, e das epilepsias do monstro que em Portugal só desde o advento da Republica começa a desenrolar os seus aneis e a experimentar o poder das suas fauces...

*

* *

O auctor do *Serão Inquieto* chama-se Antonio Patricio. É um medico da Escola do Porto, um medico de hontem, que por via de viagens e leituras juntou cabedal d'observações e noções, consideravel, e cuído que vae dedicar-se á carreira consular. Tem um volume de versos intitulado *Oceano*, onde tres ou quatro composições são do mais vehemente e melhor da poesia moderna portugueza, e publicou em 1909 uma *historia dramatica em dois quadros*,

chamada *O Fim*, em prosa e verso, que tem como protagonista a rainha D. Maria Pia, figurada de doida na catastrophe.

O *Serão Inquieto* é traça de fáses diferentes da vida literária do auctor, e por isso as seis composições que formam o volume nem são eguaes de factura, nem expressam e desenvolvem os assumptos n'uma igual altura de conceito. N'ellas se poderão seguir o poder do esforço orgulhoso e o dom de penetração do instinto esthético, creando na *terre glaise* da linguagem as curtas pompas do estylo, limando dia a dia as aréstaras barbaras dos periodos, apurando as estatuetas dos nichos, pondo em apothéose as elipses da ogiva, perfilando os renques de columnas, e desenvolvendo emfim, como *leit-motif*, as animalidades e vegetações fantasticas dos capiteis.

N'este livro ha todas as versões ou transees com que documentar, n'uma critica da formação do estylo, as fáses porque, no espirito dum escriptor, passa a arte de escrever, desde a fórma dissonante, arytmica, dura, sêca, desprovida de pictoresco e sem frenesis de buril nos acabados, até á fórma atica, musical, toda em linhas de baixo re-

levo e moldagens de beleza viva e respirante.

Não é pois um texto de prova onde o escriptor se conte em plena razão definitiva, senão uma especie de *espoliarum* em que se desnudam, com gestos bruscos, muitas das faculdades *avant-coureuses* d'uma tempera fortissima d'artista, capaz dos maiores arrojos e com energia e vigor para obras bellas.

Examinaremos o *Serão Inquieto* sob tres aspectos principaes que sumariamente iremos exhibindo.

PRIMEIRO: *Typo das composições e desinvolução e condensação dos episodios*. Poder-se-hão incluir os capitulos do volume (é um livro de contos) no grupo talvez dos contos filosoficos, se bem que a estrutura mental d'Antonio Patricio penda o menos possivel para a literatura d'ideias, e o mais possivel para a d'imagens, pinturas e impressões.

O conto filosofico supõe pelo menos um filosofo — como a omeleta pelo menos um ovo — um pensador d'estylo abstracto, servindo-se da symbologia literaria para exprimir paradoxos ou conceitos.

Barbey d'Aurivilly, Villier-de-lisle Adam, Edgar Poe, Rudyard Kepling, H. G. Wells, etc., são exemplares de plumitivo forrado do filosofo, exprimindo o seu sonho critico do homem, e das associações humanas a sua theoria cosmica e social. Ora basta lêr duas paginas seguidas d'Antonio Patricio para inferir que o que neste escriptor domina é, como de resto em quasi todos os portuguezes, principalmente a memória visual, a que vinca o artista, e faz o estylo de côr, permitindo pintar por via de figuras verbaes os diversos movimentos da vida, transformar em visões todos os aglomerados de palavras — e não a emotiva, que especialmente decide o escriptor d'ideias, e cria o livro de thése e d'emoção.

A confirmação d'esta tendencia é absoluta quando se chega ao cabo das 217 paginas do volume, e se reconhece como as narrativas e excerptos mais preocupadamente filosoficos (*Dialogo com uma aguia*, parte do *Homem das Fontes*, *Words*) são por assim dizer obras escriptas de côr, com o espirito despectico pela fermentação de leituras mal mastigadas, e como os restantes (o *Precóce*, *Suze*, etc.) confirmam, des-

envolvem, justificam um artista de rara adolescencia formativa e um poeta d'incomparavel poder d'orquestração.

Tanto no problema ou thèse do *Dialogo com uma aguia*, como no do *Homem das Fontes*, narrativas em que melhor se poderia evidenciar do escriptor a tempera filosófica, o enunciado é confuso, deixando vêr falta de firmeza critica e a primordial desvertebração de quem não está de pé nestes assumptos.

A aguia, lida em Balsac, e exprimindo em invéctivas atabalhoadas pedaços da theoria nietzschiana, para humilhar o homem que a interroga, é uma figuração ridicula até pela maneira de falar, mais propicia das cabotinas do Dona Amelia, do que d'uma rainha dos espaços.

As permissas de hereditariedade morbida que explicam as invenções de mechanica hydraulica do *homem das fontes* são extravagancias pictóricas que fazem vir ao chão com estrondo o *palacio da agua* do arquifantastico Harry Young, alias descripto por uma penna de remige larga e maravilhosa força evocatriz.

Tambem na concatenação dos episódios

d'estes contos, na fôrma d'escalonar as peripecias, e de as guiar logicamente á explosão catastrófica do desfecho, ha uma falta de metodo, agravada por uma falta de paciencia, que é das lacunas que mais prejudicam a arte narrativa d'Antonio Patricio. Nesta, quasi sempre a primeira parte é bellissima d'exposição clara, preparo firme, e iniciação dramatica original; mas quasi sempre tambem uma especie de pressa impulsiva vem comprometter o exito da segunda, com tal ancia de chegar á porta de sahida, que as deduições episódicas manquejam, os fundos descolóram, os typos encarquilham, e acabam *croutes*, quadros de mestre, e resultam fantoches, typos que desde o introito o contista arcabouçára para aguentar grandes papeis.

*

* *

SEGUNDO: *Psychologia e paisagem.*

Nos typos do *Serão Inquieto* não ha, não poderia haver por enquanto, isso que no escriptor se chama o esforço consciente

de crear almas ou cerebros, em tantas versões diversas, quantos os manequins postos em scena. O psychologo creador de typos é a ultima fásé d'evolução do novelista, aquella que só vem nos periodos avançados de maturação mental e experiencia, quando já outras aspirações satisfeitas, outros escôlhos vencidos, a fórma definitivamente adquirida, os processos d'entrexar e detalhar completamente em posse do escriptor, este volta os olhos para *os por dentro* dos seus mônos, e como Buonarroti e Canóva, Constantino Meunier e Rodin, tenta acender-lhes no cerebro uma ideia e insuflar-lhes no peito um coração.

Por agora, melhor ou peor, com mais subtileza ou menos arte, os typos d'Antonio Patricio são o que não podem deixar de ser n'um escriptor desperto para uma faina complexa que lhe não é familiar: em alguns contos, simples cabides de dialogo, áparte ou paradoxo: em outros contos, abstrações da ofegancia autobiografica d'um espirito inedito, morrendo por surprehender-se e revelar-se.

É isto dizer que faculdades d'analyse e poder cirurgico de dissécção falem na penna

do moço evocador d'assumptos estrambóticos?

De maneira nenhuma.

Em muitas paginas até, e n'aquellas *peças anatomicas* em que o seu bisturi d'artista está práctico, ou para as quaes pelo menos elle sente atração mais decidida, em algumas paginas, dizia, a originalidade um pouco maluca da analyse, a percepção transvisual, sobrenatural d'aquelles assumptos mais gratos ao seu espirito, tudo isto revéla agudezas de superior visão constructiva explicativa, galerias inexploradas d'um minério mental que pelos annos além, dado que a evolução mental se cumpra, porão em fóco um escriptor mui estranho e de singulares predileções, como entre nós Eça de Queiróz e poucos mais. Onde essas faculdades de psychologia minuscula, onde essas galerias de riquezas ocultas se adivinham, é na sua vibratilidade ante a paysagem, no maravilhoso poder d'evocar por traz das fórmulas fisicas das coisas, especies de subentendidos telepáticos, mundos de sombra hamelética forrando de claros-curos de sugestão os panoramas d'uma natureza que nos parecia clara e sem intervenção

directa nos sincêlos da consciencia humana e da razão.

No *Dialogo com uma aguia*, pag. 34:

«A noite começa a entrar nas coisas. Um grito de pavão varou o parque, assustou os jardins que adormeciam, e um instante no ar, teve saudades... Uma angustia sem nome andava esparsa, cahia das arvores grizalhas, que pareciam á escuta, com terror. Em frente o chorão vergáva mais, quasi razava a terra com doçura, em curvas d'um encanto nazareno. Uma sereia de vapor, já a sahir a barra certamente, mugiu como um agouro de naufragio. A tréva ia afogar toda a gaiola. Não via bem a aguia, mal a via. Só os olhos e as azas muito vágas. Era um fantasma d'aguia áquela hora, mas crescia em mim desmesurada, como um ser de fábula e tragedia, oraculo sarcastico e sinistro, lendo o horoscópo n'um poleiro réles, como se rasgasse a esperança com as garras. Afinal era eu a sua preza e ouvia-a passivo, a torturar-me...»

No *Precóce*, pag. 68:

«Já o luar escorria pelos vidros em lagrimas de opála e de mercurio. A noite vi-

nha vêr o seu filhinho e enchêl-a d'esperança e de coragem. Como o pae disse recolher mais tarde (uma entrevista no *club* p'ra negocios) mandou deitar as creadas, ficou só; esperál-o-hia, ali junto ao seu filho. Como dormia bem, tão socegado! Deus era bom, havia de salvál-o. E n'uma exaltação, quasi feliz, encostou-se á vidraça a olhar a noite. A magnólia ao luar estava divina. Não se lembrava de ter visto um luar assim. Fazia-lhe tão bem: calmava-a toda. Via ao longe o rio, as mastreações, e distinguia as vergas, o velame, a luz dos estaes á popa, nictitando. Villa-Nova, a cazaria, os arvoredos, subiam do outro lado empoalhados e a nevoa que se erguêra pouco a pouco, era já na collina ao luaceiro, uma via-lactea nova, avoejante, salpicada de luzes, muitas luzes como se Deus atirasse com amor, ás mãos cheias d'estrellas sobre a terra. Toda a móle granitica da Sé, galvanizada a lua, se animára: corria luar nas veias d'essas pedras morenas do sol de tantos seculos, e toda a cathedral se ethérisava como se as gargulas aladas das cimalthas acordassem para tentar um vôo ultimo. A casaria mesma estava absorta. Elfos de lua, gnomos,

rondas fluidas, andavam no ar com o pólen dos jardins, e as rozas de tocar por sobre o muro fechando todo o quintal em trepadeiras, tinham nuances de syncope, esmaiadas. A paysagem era um sonho deslumbrado, n'uma assumção para Deus, erguendo os caules, e os troncos, as torres das igrejas, e os olhos das janellas: de mãos postas. Deus fundira-se em lua, andava esparso, como um filtro de sonho, transcendente, proficiando, amando, perdoando...»

*

* *

TERCEIRO. *Trabalho do estylo: syntheses e poder synthetico do narrador.*

Na litteratura de todos os paizes (é já banal dizer-se) ha duas especies d'escriptores—os que escrevem sabendo escrever, e os que não sabendo, 'apezar disso, escrevem.

Em Portugal, e na epocha presente, raros homens de letras sabem escrever. A lingua escripta é, nos chamados escriptores d'estylo, uma palavrosa ordenação de pom-

pas pobres, pacotilha doirada, sem rigor expressivo de termos, medrando de logares comuns e perifrases sédiças, e que ao cabo de duas paginas de leitura põe o leitor estúpido e aborrecido.

Salvo um ou outro, de seguro gosto literario e inconfundivel dom pessoal da imagem e da palavra colorida, póde aplicar-se aos mais aquelle conceito de Buffon *«rien ne dégrade plus un écrivain que la peine qu'il se donne pour exprimer des choses ordinaires ou communes d'une manière singulière ou pompeuse. On le plaint d'avoir passé tant de temps á foire de nouvelles combinaisons de syllabes pour ne dire que ce que tout le monde dit.»*

Os escriptores d'ideias, os vulgarisadores de sciencia e historia que como Theofilo Braga, Pereira de Sampaio (*Bruno*) e Bazilio Telles, etc., podiam exercer sobre as camadas uma tal ou qual influencia educativa, esses escrevem em geral n'um estylo tabelionico e confuso que lhes desvia leitores, e como homens de letras os faz passar a uma categoria subalterna.

Des que a educação contemporanea apurou o gosto, e a leitura começou a ser

tão necessaria como o pão, escrever bem, isto é escrever claro, incisivo, brilhante (tanto monta dizer: escrever com estylo), tornou-se a exigencia inadiavel do publico a todo o precursor ou divulgáador que haja vistas comunicar co'a multidão.

Já no *Traité des Psaumès*, Santo Hilário de Poitiers, citado por R. de Gourmont, diz que *o máu estylo é pecado*; e eu opino que a sentença corra, para avisar os atabalhoados das letras de que lhes será fechada a bemaventurança, caso em vez de paginas rutilas, seguirem fabricando *mayonaises*. Ter estylo é falar no meio da linguagem comum, um dialécto artista, ráro e proprio, ao mesmo tempo lingua de todos e d'um só, lingua de deuzes que é a voz reveladora do que a cria, e como diz R. de Gourmont, lhe é tão pessoal como a côr dos olhos e o som da vóz: lingua de povos, que paralelamente enobrece a multidão que d'ella vibra, e por sua via comunga nos mysterios da vida superior.

Em Portugal, não falando nos escriptores d'ideias, que pela maior parte, dêz que Latino Coelho morreu, escrevem pessimamente, os homens chamados de letras, jor-

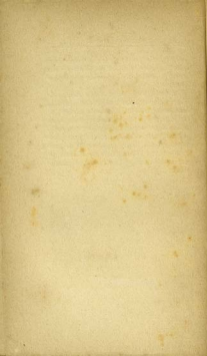
nalistas, novelistas, romancistas, dramaturgos, parece capricham em escrever n'um estylo torcido e precioso, de charlatães e caixeirólas, de que só ensaistas, chronistas, salvo meia duzia dos mais civilizados e mais lucidos, Sevéro Portélla, Forjaz de Sampaio, Anthero de Figueiredo, Justino de Montalvão, Antonio Patricio, etc., eis entre os novos cultores da proza moderna, a proza plastica, rythmada, pondo os vocabulários typicos como joias, e a tissitura dos periodos como uma rede metálica de fios ducteis, dos que melhor correspondem á ideia que póssam ter os familiares de livros francezes, d'um ourives prozista, senhor da esthética da lingua e dos complicados processos de cinzelar a imagem e fazer florir a locução.

Sobretudo Antonio Patricio é um estylo verdadeiramente artista que se fórma, ao mesmo tempo rico e sóbrio, imaginoso e faiscando sugestões singulares e ironicas ternuras, realista e idealista, segundo a complexa sensualidade d'esse *prince charmant* que se passeia por todos os jardins da sensação quimérica, e pelas peregrinações d'artista e cultura scientifica de medi-

co, e pode provêr de lenha olorosa, rica em braza, as caldeiras ebulitivas do seu éstro, os luzeiros fantasticos do seu impressionismo.

É um Eça que surge n'estes ensaios de proza independente? Fechará cyclo, um dia, esta evolução de novelista e de pintor?

Entrevejo, com orgulho, uma excessiva sofreguidão da vida fisica, e peor que tudo, o dandysmo *jínóta*, egotista, burguez, principal parazita destas organizações de luxo que nenhum ideal vehemente afervóra, e vão na vida a capricho da sua egolatria furiosa.



LISBÔA, 31 DE DEZEMBRO DE 1910.

Ha tres mêses complétos que esta Lisboa é uma imensa cloáca de *cidadonismo* arremangado e bestiága, emporcalhando as ruas de manifestações sem objecto, e fazendo consistir a vida civica n'um fervilhar d'escumalha que dá vivas e morras a heroes transitórios e a patriotasnos arrivistas. A gente tranquilla pergunta quando é que cessa esta feira d'alarves fingindo envergaduras de revolucionários conscientes, e quando é que a vida estudiosa e comercial reintegra outra vêz Lisboa na sua pacatez d'estudo e de trabalho.

Não é só a mascara externa e a geografia pictoresca da Capital que estão sofrendo a coação das turba-multas, mas o seu funcionalismo e visceralismo intimos, desorganizados pelas exonerações e recemnomeações d'empregados, pela febre dictato-

rial de reformas sem plano, pelo charivari de syndicancias entregues a patusquinhos inaptos e completamente alheios ás especialidades que syndicam; de sorte que toda esta politiquicé de secretarias e conventiculos republicanos é um inferno cahotico que não deixa a obra da Republica avançar um passo, e começa a enervar e a irritar os que da nova fórmula esperávam para o esmadrigado rincão nacional, dias melhores.

Sem duvida haverá nos homens do governo provisório, propositos taes ou quaes de fazer pelo paiz, algo benéfico. Mas entre furiosas alcatéas d'insignificantes, d'esfo-meados e d'estupidos, esses homens consomem a actividade e a paciencia, e quão impotentes todos fóra da compostura rigida a um partidarismo que só comprehende o paiz como logradoiro exclusivo das suas ambições e pequenezes!

Em tempos idos, quando os republicanos andavam pelos arrabaldes de Lisbôa, e terras sertanejas da provincia, agitando as populações e fazendo comicios difamatórios contra os governos da monarchia; em tempos idos, algumas vozes conscientes e desinteressadas lhes gritaram que, primeiro

que tudo, era necessario preparar o caracter e o cérebro da multidão para o advento da nova «fórmula democratica».

Entre os gritadores fui eu um d'aqueles que, vendo as coisas de fóra e de mais alto, se não podia illudir com panaceas, sabendo que os povos não progressam mudando as taboletas ao regimen e ficando portas adentro com os relaxamentos e depravações de quem não quer mudar coisa nenhuma.

Durante 25 ou 30 annos d'oposição systematica, os republicanos tiveram tempo de provocar no paiz uma forte reclamação contra o analphabetismo e a falta d'educação moral e civica do povo portuguez: e o sympathico d'este propósito, que ninguem deixaria d'auxiliar com enthusiasmo, e a força d'atração que logo desde o começo os republicanos souberam provocar nas classes litigiantes, como partido de reclamações e de má lingua, certamente lhes teriam dado a victoria d'uma causa inscripta como justa no animo de todos, e completamente indispensavel ao futuro politico da nação.

Mas esta campanha da educação civica

e da cultura publica, difficil de fazer com oradores mais desbocados que estudiosos; este serviço d'escolas e instrução obrigatoria, difficil d'organisar com partidarios que muito bem sabem que quanto mais culto o publico fosse, mais acerada critica elle faria ás demolições d'uma propaganda estúpida e desconexa, nem chegaram a ser pezados em sessões de directórios republicanos que, sabemol-o todos, queriam o poder, mas sem as canceiras de preparar o paiz para uma melhoria civica e social, absolutas.

O resultado está-se agora vendo na furia com que a desorientação legislista dos de cima, e a anarchia besta dos de baixo, unisono conspiram contra a vida da nação portugueza, dado que por este andar sigamos para a desordem geral que já se esbóça, para a contra-revolução em que se pensa, e enfim para o enxovalho d'uma intervenção e a perda da autonomia, que virão a ser a ultima marca do *cotillon* em que a *sacrosanta* da Rotunda nos meteu.

*

* *

O Governo Provisorio, precedendo denuncias e ameaças de um pasquim amarrado em delactor official dos desacatos á Republica, acaba de transferir para a Relação de Gôa (India Portugueza), os juizes que pronunciaram a inculpabilidade de João Franco e Malheiros Reimão em todos os actos da chamada dictadura franquista.

Dias antes, e tambem por denuncias do mesmo pasquim, transferira para os Açores um juiz acusado de... jantar com o ex-ministro franquista Teixeira d'Abreu !

Corre que outras medidas de violencia serão tomadas no sentido de desarmarem pelo terror as massas de cidadãos que não adheriram á Republica (inumeraveis), e *permaneceram onde estavam*, visto não quererem ser tachadas pelos jornaes do governo, de *canalhas e de infames*, que foi o que succedeu ás que adheriram.

Esta fraternidade da Republica eguala

os sentimentos de liberdade e d'egualdade a que assistindo vimos, desde o inicio.

Esperava-se, valha a verdade, que a magistratura em massa protestasse contra os insólitos decretos de desterro dos quatos juizes, decretos que acatados põem um precedente mais violento do que as mais violentas reprézalias do governo de João Franco contra os revolucionarios de 28 de Janeiro; e póde-se dizer, levarão os juizes á coação de d'oravante julgarem só pelo criterio dos rancores ministeriaes, não podendo até jantar senão com quem o snr. Affonso Costa dê licença.

Mas contra a expectativa geral, nenhuma tóga protestou, nenhum barrete se moveu.

A Associação dos Advogados fingiu ignorar comodamente o caso; os juizes enguliram a afronta, preparando a opinião publica para não mais ter respeito aos veredictos da justiça, e ir alijando os restos da confiança que a magistratura *intacta* lhe merecia.

A verdade é que o Governo Provisorio está coacto. Semanalmente reune com os membros do Directorio e da Junta consul-

tiva do partido republicano, para aceitar imposições d'estes dois corpos consultivos, que parece terem usurpado a auctoridade dos antigos conselhos d'Estado, e estarem pouco dispostos a confiar na iniciativa exclusiva dos ministros.

Antes d'estas assembleas semanaes se terem acordado, a harmonia entre os diversos elementos do partido republicano era tão estreita, que este trecho d'um artigo de fundo do *Intransigente* (jornal do snr. Machado dos Santos, o que em lingua flamifera é uso chamar-se *heroe da revolução*) basta para a exprimir e pintar a toda a altura :

«Hoje, com a enorme avalanche de adherentes, ligada em estreita união com uns sujeitos que no partido republicano haviam descoberto a maneira de melhor governarem a vidinha, tenta-se por todas as fórmulas esmagar aquelles que sem ambição pessoal, envidaram todos os esforços, com risco da propria vida, para salvarem esta patria não só da morte, mas coisa mais terrivel, da deshonra.

Amanhã, o que agora apenas se desenha, será um facto consumado — a Republica sel-o-ha apenas de nome — o snr. D. Manoel não voltará a governar o paiz, mas o pãgode será o mesmo, se o Governo Provisorio, com estes, ou outros homens, não souber

defender com energia a causa sagrada da Revolução, que com tanta confiança o povo lhe abandonou, sem que os seus verdadeiros dirigentes na «acção», tivessem dado o seu voto para a escolha dos homens, ou para a sua linha de conducta.

Hontem era facil encaminhar as coisas no sentido que o povo desejava. Hoje ainda se póde conseguir.

Amanhã só com outra revolução. Paciencia. Se p'ra salvar este povo necessario fôr arriscar de novo a vida, estamos promptos, mas entendemos que melhor seria não chegarmos a esses extremos.

Oxalá que o destino nos não force a isso.

Machado dos Santos.

Hein? É terminante e categórico. Outra revolução, sendo preciso...

Ora eu não sei até onde a coação do governo chega. Suspeito quasi que até seja completa. O certo é que do tempo d'este artigo, e d'outros do mesmo genero que os periodicos chamados revolucionarios tem lançado, dátam as combinações e acordos que deram em resultado os ministros não fazerem um passo sem *o visto* do Directorio, da comissão executiva do partido, da junta revolucionária, e não sei que outras tribune-cas mysteriosas, e tudo, absolutamente tudo,

na vida politica, está sujeito ao *contrôle* d'aquellas corporações.

Foi melhor? Foi peor?

Se a massa do partido republicano, que quer ter ingerencia directa nos negocios, fosse toda composta de cidadãos illustrados e com um lucido instincto da liberdade e da democracia, o facto da sua intervenção na administração publica seria um avanço na vida politica de Portugal, e daria o exemplo d'um verdadeiro governo do povo para o povo. Mas tal não succede. No Directorio e comissão executiva, onde ainda assim figura do melhórsinho do partido republicano, os cidadãos-arcontes nem todos pertencem á familia das aguias, symbolo da perspicacia, ou á dos mochos, emblema da sabedoria. Ha, é certo, algumas bellas intelligencias, esclarecidas razões, mas entre um involtório de banalidade vistósa que domina em todas as assembléas politicas, e faz a desgraça de paizes suggestionaveis pela retórica e pela diatribe.

Já seria perturbadora na ação do governo, a ingerencia quotidiana, escoldrinhante, miúda, d'aquellas duas entidades socialmente mal amalgamadas e intellectualmente

pouco densas. Mas ainda a peorar as coisas ha isto : o facto d'ellas tambem não terem para assim dizer, deliberação propria, e receberem inspiração forçosa e dirécta d'outras agremiações mais numerosas e confusas, que exigem tudo, querem mandar e ter opiniões em tudo, sendo como proveitoria social uma massa pouco menos de bronca, uivante, acefala, sem a menor ideia d'Estado e o mais ligeiro instincto da civilisação e do progresso. Refiro-me á carbonária, ás comissões municipaes e ás juntas de paróchia, nucleos politicos-celulas, onde se géra (ou antes, onde devia gerar-se) toda a força democratica da Republica. A *carbonária* é uma vasta associação de caracter revolucionario, e acentuados processos anarchicos, formada com gentes das classes populares, e dirigida por alguns homens esportos e ambiciosos que querem papel predominante na Republica. Procéde secretamente, debutou na revolta com explosivos, e d'ella guardou armas e arrogancias ameaçadoras, sendo da sua massa que sahem os figurantes dos batalhões voluntarios que começam a organizar-se pelos bairros de Lisbôa, e a estender a sua ação por outras cidades.

A existencia reconhecida, official, da carbonária, está feita. Ainda ha poucos dias os seus chefes foram dar pósito a um governador civil, no meio das apotheseoses partidárias. Ora para deixar vêr o character instavel da Republica basta um facto: ser ella o primeiro governo que no mundo aceitou governar com manuseadores de bombas e explosivos — artefactos só até hoje usados por inimigos da sociedade.

As comissões municipaes e juntas de parochia eram centros de propaganda e pontos d'irradiação miúda, destinados a estender a rede das persuações e conversões pelos bairros populosos da capital, fabricas, escólas, oficinas, tabernas e conventiculos, ou pelos burgos dispersos da provincia, aldeas e villórios, afim de recolher o maior numero de adeptos, e alfim desbravar e facilitar o terreno aos oradores enviados pelo poder central, á obra das conferencias e comicios — confirmação, baptismo, dos neodemocratas sertanejos.

Que gente compõe estas comissões municipaes e juntas de parochia, estes parlamentos plebeus, locaes, estas agremiações formilhantes e metediças que técem os fle-

xos da rêde miúda do partidarismo republicano?

Operarios, trabalhadores d' enxada, caixeiros de commercio, artifices, pequenos agricultores, pequenos proprietarios, pequenos lojistas ; gentes de pouco enfim, pela maior parte com um critério adusto e primitivo, á altura da nulla instrução e das grandes sedes de vingança que, como classes desprotegidas e proletárias sentem contra as superiores, de cujo criterio, ideal social e educação, não participam.

*

* *

Ora muito bem. Ahi temos a machina. Observem-lhe agora a maneira de funcionar, e terão a justificativa de certos actos de força impulsiva e de rancorosa vingança do governo, cortando bruscamente periodos tranquillos em que parece que os ministros vão alfim entrar n'um caminho de vida reparadora e conciliantè.

Aquelles assomos de violencia, que toda

a gente de juizo repróva, e só os exaltados e os que não teem que perder, exaltam e defendem, são o resultado da orelha que o gabinete cóla ás bôcas de certas corporações populares desorientadas e sem vistas d'abarco para reconhecer que os paizes se não governam com misérias de campanario e pecuinhas de ganhões desavindos á porta da taberna.

Hoje, na comarca de B., um membro da comissão municipal vae á repartição de fazenda cumprir certas clausulas respeitantes a uma venda de terras. O escrivão observe com a lei, que essas clausulas teem de ser cumpridas de tal e tal fórma. O homem, para não pagar, quer d'outro modo. Logo o conflicto rebenta, não já nos tramites reaes, mas sob este aspecto d'*ultimatum*: ou o escrivão de fazenda se cala, ou a Comissão Municipal pedirá em 24 horas a sua demissão ou transferencia.

Amanhã, o homem do talho mandou carne podre a casa do delegado ou do medico, que lh'a devolvem, *ipso facto*. Conflicto. Mas já deslocado da carne podre, para este novo aspecto de moral populacheira — ou os *casquinhas* recebem a car-

ne, ou o cidadão cortador fal-os-ha denunciar por suspeitos á Republica.

N'uma cidadesêta aqui perto, quizeram alguns influentes das Comissões Municipaes meter no professorado do lyceu dois cavalheiros que ganhavam pouco, e provavelmente ignorariam das disciplinas lyceanas, o necessario para... ensinar. Aventado o proposito, o corpo docente opôz-se á entrada dos estranhos alegando ser indispensavel por lei o concurso de provas, demonstrativo de competencia.

Oh ceus que tal disseste!

Nunca mais houve concordia entre o governador civil açulado pelas Comissões Municipaes, e o corpo de professores, que d'alli em diante começou a sofrer exautorações, chamadas a Lisbôa, descomposturas nas folhas, até ha dias aparecer enfim no *Diario do Governo* a nomeação dos novos lentes, creditados na sciencia, não por diplomas, mas pela garantia dos barbeiros e sapateiros da Comissão municipal republicana (!!)

Em Portugal os republicanos que antes da Republica só tinham nas classes média e superior, uma minoria pequena de leaes,

tiveram de recrutar o grosso das forças, por um sentimento de defeza, entre os populares, que só dispõem da força fysica; e o erro de lhes terem dado papel principal no movimento, já lhes acarreta angustias sem conta, e quem sabe se lhes virá a trazer fustos desenganos.

— Queres vêr o vilão.... diz o prologo.

A quantidade de denuncias, movidas por sentimentos baixos de ciúme, vingança, inveja, de que os jornaes demagogos ha mê e meio vem cheios, reproduzindo *diz tu, direi eu* de soalheiro, reclamando demissões, syndicancias, deixando vêr em profundezas de cloaca, a fundalha desprezivel do character collectivo, acorda nas almas delicadas um sentimento de protêsto de que a obra da Republica ha-de sentir mais tarde (se é que já não sente) a animadversão magoada e persistente.

Quem faz estas denuncias?

Sapateirólas macanjos, *opárarios* discursadores, lojistas atrabiliarios, caixeiros relaxos, estudantes cabulas, rendeiros analfabetos e signatários de comunicados imbecis... Membros da comissão republicana de Cazél-

las, da junta de paróchia de Mata Porcas, ou da liga patriótica do Beco dos Mortos, exasperados pelo exhibicionismo pifio que a Republica lhes deu, chamando-lhes defensores da patria e collaboradores da regeneração social d'este rincão.

Dizer que estes rastilhos perversos lavram só no espirito atrabiliariamente bronco dos incultos, seria não revelar toda a verdade. Homens de consciencia afinada, e razão provida d'elementos reflexivos, tambem, uma ou outra vêz, por contagio malsão, fazem denuncias. Ha pouco, uns estudantes de Lisbôa denunciaram ao Directório, como reaccionario (?) o lente, aliás illustre, d'uma escôla superior, por ter na aula feito qualquer alusão de defeza ao principio da manutenção d'uma energica disciplina no Estado e nas corporações trabalhadoras.

O mesmo fizeram outros em Coimbra, contra lentes conhecidos por suas opiniões franquistas, e que tiveram de abandonar os seus logares.

Para fundamentar o odio contra qualquer funcionario ou cidadão que desagrade, actualmente basta dizer — *é reaccionario!* — insinuar que conspira contra a Republi-

ca, para imediatamente se verem manadas d'olhos ferozes seguindo-o pela rua, alcateás de bôcas acendendo-lhe na esteira ameaças e invectivas. *Reacionario?* A significação precisa d'esta palavra perdeu-se em Portugal, des'que escrevedores rufiões usaram d'ella para mascarar por traz de principios a sua grotesca intransigencia e a sua desmarcada estupidez.

*

* *

Estes factos que isoladamente citei (e citaria melhores, sendo preciso) revelam já d'uma maneira terrivel, a criminosa soltura, a destrambelhada filáucia e a brutalidade insolente a que a turba-multa chegou, n'um paiz que já não tem para lhe opôr, desgraçadamente, nem uma burguezia corajosa, nem um exercito disciplinado.

Durante o seu delirio propagandista, e em especial nos ultimos tempos, os republicanos prometeram tais coisas á turba proletaria, pintaram-lhe a Republica como uma era tal d'agápes e fortunas, com toda a

gente rica, toda a gente livre e toda a gente triumphante, que ainda mal os ministros não aqueciam logar no Terreiro do Paço, já de todos os lados os collaboradores subterraneos da revolução vinham ululantes reclamar a porção choruda que prometido lhes fôra no festim.

Que lhes poderia o governo dar, em bôa justiça?

Algumas leis prudentes para a resolução de conflictos de trabalho, algumas facilidades de moradia e subsistencia, pouco a pouco adquiridas pela suspensão de impostos de consumo, leis mais humanas de inquilinato, e barateamento de generos necessarios á vida; alguns regulamentos de fabricas tendendo ás garantias hygienicas, ao respeito da infancia, prevenção da velhice operária e dos accidentes do trabalho, etc. — e por este estylo, coisas lentas, d'efeito gradual, propositando robustecer o trabalho, tornar a vida do obreiro mais doce, e menos tragicas as relações entre as classes sociaes.

Mais nada. Absolutamente mais nada!

Nem o governo tem meios d'enriquecer de chofre os proletarios, nem auctoridade

moral para lhes outorgar direitos abusivos, em detrimento das outras classes sociaes. E isto não tem querido entender a população das lojas carbonárias e das cafurnas de cáco onde, segundo se diz, vinte ou trinta mil sócios mantêm a antiga organização dynamitista, para arrancar ao governo, sob ameaças de bombas, todas quantas exigencias despoticas os seus mal intencionados sugestores lhes fazem fervilhar nas mioleiras.

As numerosas gréves que á lufa-lufa rebentam desd'a decretação governamental do direito á greve (que a população obreira tomou, não como uma liberdade civica, mas, *tout-court*, como incitamento explicito á desordem) — Electricos de Lisbôa, metalurgicos, caixeiros do comercio, ferro-viarios do sul e sueste, e norte e leste, gazomistas, electricistas, etc. — parece que não teem outra senha, nem fazem finca-pé n'outro argumento.

Finda a tarefa da revolução estes cyclopes da mina e estes hotentótes da barricada, querem simplesmente ser págos á bôca do cofre. É o que elles gritam á bôca cheia no tumulto das ruas, nas assembléas dos comícios, deante dos proprios ministros a cujos

ministérios vão reclamar. *A' bôca do cofre.* A Republica lhes prometeu derramar cornucópias de graças e benésses — maiores salários, menos horas de trabalho, garantias de pága na invalidez e na doença, aprendizado, e para um certo numero, a immediata destituição de chefes rigorosos, tanto monta dizer, archi-odiados.

Elles perderam tempo e arriscaram vidas, atirando explosivos, espionando domicilios, arrancando rails para obstar á vinda de tropas fieis, cortando fios telegraficos, canos de gaz, fazendo barricadas: não se fiam nas côrtes, nem cahirão na arara de fazer algumas d'estas retaliações em epochas tranquillias. A dictadura republicana é que lhes ha-de dar recompensa d'esta desinteressada dedicação ao engrandecimento da patria (*brrrrum!*) e á causa da Republica.

Frederico Chagas

Quando d'aqui a annos se fizer a historia tranquilla do *cinco d'outubro*, e fóra das hyperboles ronflantes e das romanticidades forçadas do triumpho se houver posto em proza simples (a proza simples da vida, a proza scientifica dos automatismos nervosos colectivos) este acontecimento que deu de si a proclama da Republica, ver-se-ha que o melhor da ruidosa epopêa se reduziu na essencia a alguns casos brilhantes de bravura pessoal, e a uma successão de correrias, escaramuças e vedetas que devem trazer a proporções menores o factio historico.

Será julgada então a attitude do exercito a uma luz em vêz de partidaria, patriotica, — a unica sob cuja incidencia a historia costuma vêr as attitudes militares — e d'esse exame necessariamente ha-de saltar o erro grave que é desviar regimentos d'outra mis-

são que não seja defender o paiz dos inimigos de fóra, e dar cá dentro ás aspirações theoreticas das massas uma expressão de consciencia que as libérte dos pezadelos da fronteira.

Da leitura das numerosas entrevistas que officiaes combatentes, dos mais dignos, ministros das ultimas chapas monarchicas, dos mais dubios, e procéres revolucionarios republicanos, dos mais vermelhos, ultimamente teem dado a jornalistas, resalta unanimemente que o exercito como está seja um perigo não só para a integridade do territorio, como até mesmo para a integridade da Republica.

Officiaes enervados das incoherencias dissolutas da politica, chefes hesitantes ou cretinizados pelos sedentarismos gordos da chefia, soldados analfabetos com prática d'insubordinações que viram aplaudidas como coisas grandiosas e magnanimas, promoções na fileira por actos de revolta, precedendo as dos militares tranquilllos, e provocando *ipso facto* ciumes e preferencias irritantes, etc., tudo isto deve ter creado, ou estará creando, um *livre-pensadeirismo* propicio á instabilidade moral e material das

gentes d'armas, e á propaganda anti-militarista que mui pela certa de todos os lados espreita esta desordem.

Ao mesmo tempo não é melhor a disciplina das ruas, o fundo d'alma das classes populares, que tendo debutado em politica por vias de facto anarchistas, pretendem agora fazer parte da nova policia urbana (!) e intrometer-se a julgar o passado de certas figuras do regimen transato, generalizando apupadas e pensando mesmo em fazer perseguições, sob a inacreditavel tolerancia do governo republicano a lhes dar força !

Nós não sabemos o alcance remoto d'estes e outros fremitos epidermicos do crócodillo revolucionario, mas sem duvida são elles indicio d'uma aura epileptica que se não fôr sustada a breve trecho, dará de si talvez perturbações sociaes de marca tragica.

N'estas circumstancias não é pessimismo dizer que Republica e republicanos mal avisados vão supondo que tres dias de tiros mudassem em ceara d'almas a estrumeira d'interesses, e fizessem do fango mefitico, *atelier* d'estatuas de Carrara. Agora é que verdadeiramente o caso é grave, porque se

sóman ás corrupções da monarchia morta, as cobiças da Republica triunfante, porque os grandes problemas nacionaes continuarão insolúveis, por falta de quem nos resolva e quem nos pague, e ainda porque, se a monarchia era infame (e era!), ao menos tinha um exército e uma rua tranquillas.

E agora...

Houve na revolução poetas de barricada que julgaram ter feito obra salubre precipitando a queda das ruinas monarchicas? Os que por esta chimerica mudança de taboleta, que é a substituição d'uma monarchia constitucional por uma republica, arriscaram d'impulsão fortuna e vidas, ninguem lhes estranha a febre de correrem empóz da illusão d'um Portugal transformado e rejuvenescido — ai! — rejuvenescido por uma fórma que, dada a incultura do povo e o seu nenhum valor como agregado pensante, nem se póde chamar rejuvenescimento, mas simplesmente a apparencia efemera que resulta d'algum cóрте novo de cabello, e do doairo trazido por qualquer casacão que se voltou, parecendo novo.

São fantasistas, esses, que reintegram a alma portugueza na velha aspiração aven-

tureira, sonhadores d'alma celtica convictos da transcendencia solemne das missões historicas dos povos, e por egual dessiminados nas fileiras de todos os partidos, os mais liberaes como os mais reacionarios, os com historia e os sem historia, porque não é privilegio d'este ter por correligionarios só anjos, nem máu séstro d'aquelle ter nas suas mesnadas só demonios — a percentagem de bons e máus estando por egual distribuida nas várias classes da família portugueza.

É o momento em que todas as bochechas sópram marchas de gloria enfatica aos vencedores.

— Mas, dirão outros, e a intemerata nobreza d'alguns vencidos?

N'aquelles dias de fratricidio as subserviencias foram tantas que quem se salvar do atoleiro precisa ser cantado em verso heroico. Ora entre os heroes legitimos uma admiravel figura destaca-se: Frederico Chagas, symbolo resplandecente d'essa coisa superflua, a lealdade; Frederico Chagas que não querendo render-se em Valle de Zebro á marinhagem revoltada, mete no coração duas cargas de revolver.

Sacrifício romantico, inutil como escudo d'uma causa perdida, inutil como syndroma d'uma alma integra e orgulhosa, inutil como protesto, inutil como exemplo...

Mas por essa inutilidade mesma, sacrificio sublime, lance intangivel, supremo, n'uma epocha em que o ideal cavalheiroso se afunda, e á medida que as sociedades avançam parece que o character vae retrocedendo.

A susceptibilidade do pudor militar d'este marinho, como as exalações do nardo, fuma do seu sepulchro e enche o ambiente heroico de legendas. Quantos entenderão o sentido d'este cavalheiroso aniquilamento?

A morte do rei

Não é facil em meia duzia de linhas falar do rei D. Carlos morto, pois se trata dum homem cujo character e cujo espirito teem complexas facetas, onde se mirraram e refrangeram defeitos e qualidades de invulgar poder d'antipathia e seducção. Esses que o desvairamento arrastou á ignominia d'aplaudirem e defenderem os que o mataram, farão d'elle a pintura de um monstro rancoroso e armado de manhas cynicas, com que acabou d'apodrecer os politicos e fomentar o descabro de toda a machina official e burocratica.

Os que porem lhe viveram cerca, pintal-o-hão como um assombro de pureza cidadina e graça fidalga, enojado da torpitude dos partidos, e tendo pela ideia de patria um culto inverosimilmente alto e absorvente.

Entre taes extremos supponho dêva medir seus passos a historia, acautelando-se de dar á figura do rey-martyr, qual a ferocidade sinistra do monstro, qual a rigidez archaica do idolo, pois nem d'um nem d'outro se trata, e não ha razão para da serena analyse dos factos se não colher o depoimento justificativo d'uma estatura de homem superior, intelligente, culto, bravo e mesmo generoso, soffrendo é certo, a espaços, a depressão moral que é tara de toda a familia portugueza, e em especial stygmatisa o grupo ou grupos d'onde verosimilmente sahiram os assassinos do monarcha. De feito, se vamos ás prendas que ornaram, no campo da pura cultura mental, o espirito de D. Carlos, vemos um homem com uma somma de ideias geraes permitindo-lhe dirigir vistas para uma infinidade de questões, interessando-se, não direi como um sabio, mas como um Mecenas lucido, por uma especialidade scientifica, amando as bellas coisas, fazendo elle mesmo arte como um pastelista de talento, e enfim exagerando um pouco a mania dos *sports*, o que até certo ponto havia utilidade n'um paiz onde ainda ha pouco a gymnastica

era uma coisa só aconselhada aos acrobatas.

O seu furor pela caça?... Mas quasi todos os principes o teem, e até por imitação, certos presidentes da republica, que são monarchas a dias — pois na verdade o que hão-de fazer os reis, *los de verdad*, senão cevar em coelhos e perdizes as ancestralidades fogosas com que a sua proveniencia de castas guerreiras lhes trabalha o sangue, n'esta epocha em que as guerras são mais de Bolsa que d'exercitos, e em que para os individuos até os codigos de honra preconisam, em vez de duelos, indemnisações pecuniarias?

*

* *

Recolhi pacientemente o testemunho de duzentas ou trezentas pessoas que me pareceram desinteressadas e serenas, isto é, sem expoente politico acirrado e que todas trataram e viram de perto o rei D. Carlos : pois nenhuma diverge d'esta opinião *charmêe* que o monarcha mais ou menos accentuadamente lhes deixou.

Quem tratava com elle podia não acquiescer na sua fórma laxa e *nonchalante* de fazer governo, mas nunca deixou de vir de palacio impressionado pela sua maneira fina e subtil de tocar os assumptos de palestra, os mais diversos, pela sua agilidade mental de homem afeito a fazer da intelligencia um *sport* quotidiano, e mesmo até da sua alta comprehensão por coisas a que ordinariamente os da sua *entourage* eram alheios.

Porque esta cordealidade risonhamente fidalga no trato intimo, é o aspecto bisonho, e aborrecido e duro com que o monarcha usava estar em publico?

Porque esta cerebralidade arguta, culta, indiscutivel, e o seu afastamento quasi proposital dos homens que pelo talento e estudo mais legitimamente lh'a poderiam apreciar e quotar em famas civicas?

E mais: se o rei D. Carlos aquentou no coração um ideal triumphante e dominador de patria portugueza, porque esse abandono, annos e annos, das coisas do Estado, ás aventuras dos dois partidos alternantes, exercendo o poder como n'uma caverna onde cada qual reclama a sua parte?

Não será facil a um *misanthrope* nos-

talgisado, como eu, em aldeotas selvagens da planície bejense, esclarecer e explicar com precisão todas as contradicções flagrantes da maneira do ser do rei D. Carlos; e só por inducções longinquas, presentimentos, saltos, eu lhes poderei dizer da formação d'este caracter, estranhamente complexo, profundo mesmo apesar de futil, e tão cheio de singulares bellezas, tão alternado de fugas e senões, e que provavelmente vem a sossobrar sobre as calumnias da historia, falta de ter tido a si junto alguem capaz de o justificar e exprimir pelos rigores do methodo scientifico, que não á luz das labaredas d'odio que acendra a demagogia bronca, a par da sepultura sangrenta que lhe abriu!

Foram táras d'educação? foram táras de casta, as causas propulsoras do desacordo entre os actos do trato intimo de D. Carlos como pessoa, e parte dos seus actos publicos como rei?

Se elle foi um espirito recto e bem formado, porque, vencendo a morrinha corrupta dos aulicos se não impôz como devia á delapidação das finanças e ao deploravel atrazo da nação?

Porque não empenhou elle a palavra e poz a corôa sobre alguma ou algumas das questões capitaes da sua terra — questão do ensino primario obrigatorio, questão de salubridade e revigoroamento da raça, nacionalisação do trabalho, subsistencias, protecção agricola, divisão da grande propriedade, etc., — coisas que n'um momento lhe teriam conquistado as almas, como já succedera na revolucionaria Italia ao neto de Victor Manuel, em meia duzia d'annos de reinado?!

*

* *

Mas não lancemos sobre a cabeça do rei todas as culpas, nem tornemos um homem só responsavel pelos erros de todo um paiz rotinario e de character incerto, com inveterados vicios d'educação e formação, deploraveis miserias d'orgulho, monomanias de grande, basofias — preguiçoso, invejoso, aborrecido do trabalho e da penuria, n'uma historia de mais de 80 annos de liberalismo conspureado d'oratoria e catilnarias d'imprensa; e tudo isto sob o avoejar d'uma

'bandeira gloriosa sem duvida, mas que se fartou de proteger em Asia e Africa, morticinios, ladroeiras e estorsões de toda a ordem.

Volvamos, volvamos á realidade, dos sonhos epicos de que tanto temos abusado para mystificar a civilisação e os portadores da divida externa. Um Victor Manuel II ou um *kaiser* Guilherme só são possiveis em paizes onde a cultura elevada e o nivel moral crearam uma consciencia civica perfeita e uma opinião publica robustecida no amor patrio e na mais alta noção da liberdade e do progresso.

N'esses paizes a multidão tem uma iniciativa, um criterio, uma autonomia mental com que se conta, e que uma *élite* de sabios artistas e homens d'Estado guia, afina, educa, movendo-as por correntes em espriados mares de marés voluntariosas, com que se fórma isso que á luz da sociologia se chama a nacionalidade, com seu character uno e indivisivel.

Mas em Portugal onde está essa multidão intelectualmente disciplinada e consciente? Onde a nacionalidade ou classes que a formam aglutinando-se em bloco

d'onde cada homem aufira uma sensação autonoma e tranquillã de força?

Povo? *Não ha povo.*

A turba acéfala, alternadamente feroz e sentimental (taráda em todo o caso), que em Portugal faz as vezes de povo, é uma força de inércia sem a menor consciencia de si propria, e que no estado de bestialidade africana em que jaz, tão cedo póde ter papel na marcha do paiz, restando-lhe continuar a ser explorada por caciques, ou levada para o mal por papagaios de comicio, no sentido das suas taras homicidas.

Burguezia, classe média?... essa que nas suas mãos retém a maior e melhor parte da riqueza publica, e cuja ação educativa e filantropica em Inglaterra e Estados-Unidos avança, se não excede muito a ação do Estado, que iniciativas, que cooperações, que sacrificios, que esforços (colonia do Brazil áparte) lhes deve a educação publica, tão triste, e os temerosos problemas que no campo da viricultura social teremos de resolver se não quizermos sosso-brar n'um cativeiro hespanhol cada vez mais verosimil? Universidades, bibliothecas, museus, escolas práticas, missões operarias

e scientificas aos paizes d'avanço, instituições de beneficencia, bairros salubres, lactarios, maternidades, cantinas, companhias d'irrigação, de navegação, d'agricultura colonial, etc., todos estes laboratorios de sciência, d'industria, de riqueza e de vida, que custam milhões, e com que o erario decididamente não póde, é evidente deviam estar sendo organizados pelo *beau geste* da iniciativa privada e de bemfeitoria coletiva n'um paiz onde a burguezia tivesse abnegação e grandeza civica; pois dado o transe de perdição em que nos vemos, incumbe aos ricos o rasgo de dinheiro para Portugal resurgir unificado e armado para a conquista do seu antigo logar na civilisação.

O povo é o que eu disse; a classe média é o que se acaba de ver, um aglutinado social com escassas luzes de civismo, subalternizado á procura do pão, e sem mais virtudes que não sejam uma sordida defeza de interesses pessoaes.

Toda esta gente, em vez de dar, parasita mais ou menos, roubando o publico, roubando o Estado, na mais perfeita indiferença do que sejam virtudes extra-familiares e deveres de cidadãos.

Mas enfim, parte d'essa burguezia inda trabalha e adquire os capitaes com que se doira. A má agricultura, a industria hesitante e as explorações financeiras pertencem-lhe. Mas que dizer das classes dirigentes? Dos politicos, dos professores, dos homens de lettras, dos artistas, dos philosophos e dos sabios — da gente de luxo e da gente de côrte, de tudo isso que ao de cima d'um povo na culminancia das classes, faz o casco doirado da vida refinada e superior?!...

*

* *

É evidente que o rei, magnificamente disposto para um reinado eficaz no campo do progresso moderno, não teve junto de si conselheiros e sugestores habilidosos, nem dispoz d'uma vontade energica, capaz de sobrelevar os pendores viciosos e as ronceiras manhas da nação.

No reinado de D. Luiz foram morrendo os ultimos grandes homens da época, Saldanha, Herculano, Sá da Bandeira, Sampaio, Fontes, e outros proceres. Oliveira Martins que,

cerca do throno, era o ultimo d'uma certa estatura intellectiva, envolveu-se ao chegar a Lisboa n'uma tertulia de janotas e snobs que lhe diminuíram a ação, se alguma pudesse ter no animo do rei. E o Bragança ficou só, entre os dois grandes partidos que se disputavam o mando, e cercado d'uma camarilha que, á parte intrigas de prato, não fazia falar de si pelas ideias.

Esses partidos sabe-se como entenderam governar um paiz de escassos recursos e mui trabalhosa urgencia de medidas no campo da administração e das conquistas materiaes.

Não governaram nunca (nem governam) segundo a lettra d'um programma esquisado com methodo, e levado a executar *quand même*, atravez as resistencias da preguiça e da selvajaria das massas; mas gastavam todo o tempo a inventar formulas burocraticas, a remover com expedientes questões sem espera, a tramar empréstimos que ficavam em gorgetas um pouco nas mãos de todos, e a amordaçar para os efeitos cobardes da tolerancia, as dissidencias rebeldes, com presentes de cruces e de empregos.

Assim se avolumaram e embruteceram esses partidos, afastando as raras collaborações sérias que por inadaptabilidade a estas práticas funestas preferiam deixar a vida publica, e chamando a si clientelas de mediocres que encheram as secretarias, entraram na diplomacia e nos cargos de responsabilidade, tornando a administração publica um privilegio de caciques, d'onde o fundamental divorcio entre os interesses da politica e os interesses da nação.

Tudo isto serviu para augmentar ainda mais o isolamento moral do rei, e para relegar na opinião publica o prestigio da monarchia como instituição civilisadora, a um plano apagado e secundario, iamos a dizer regressivo, de cuja funesta reputação seremos victimas se os monarchicos continuarem a ser para os efeitos revolucionarios do descredito, verdadeiramente, os primeiros republicanos.

Se o rei tem tido alguém de mirada ductil que aconselhando lhe fosse o carinho por certos individuos ou grupos capazes de mais cedo ou mais tarde interferir na opinião; se mercê dos conselhos perfidos dos janotas não tivesse feito um frio nos ho-

mens de letras, preferindo-lhes guitarristas e contadores de escandalos domesticos; se tem atrahido a si, com a sedução dos seus dias de bom humor, os poucos sabios e professores illustres que houvesse, se tem procurado aproximar-se de certas camadas operarias dos proceres das classes produtoras e dirigentes, de tudo quanto enfim pôde sentir a comunicabilidade d'um espirito e propagar enthusiasmo ou ternura por um credo; talvez que essa atmospheria d'exitto que os politicos lhe iam tornando mefítica, viesse a oxigenar-se outra vez, possibilitando a floração irasolar do principio monarchico, tanchado no solo portuguez com oitocentos annos de raizes, e perfeitamente apto á prática da mais larga democracia, e á evolução de quantas remodelagens necessitem os povos para atingir a méta da liberdade politica e da fortuna.

Porém o Bragança sentia-se cada vez mais isolado. Os grandes homens como Sá da Bandeira e Herculano tinham morrido; e conselheiros de juizo sereno e vistas largas, nem os havia, nem que os houvesse inspirariam confiança; porque, já o disse, o rei começava a fatigar-se das manigancias

dos politicos, começava a sentir a nausea das ambiçunculas e baixezas advinhadas á hora de assignar decretos, começava a descer do estado apathico das gentes, do saloismo geral, das virtudes sentimentaes sem profundeza, do character escorregado sem lealdade — sim, sim, a desconfiar de todos, a negar no seu fôro intimo, quem sabe? até a probidade pessoal do maior numero...

D'ahi, consequentemente, essa especie de tédio que durante tempo os negocios da politica interior pareciam causar-lhe, e a sua insistencia em só se entender com os presidentes do conselho, e de raro falar em politica com os titulares das outras pastas. Por ventura D. Carlos haveria sonhado, em vez da podridão ronceira que topava nos altos, e *do não te rales* forrado de sonambulismo asinino que era a expressão da massa plebêa, uma nervosidade de paiz com mais pendores para a ação, vontade firme, um ideal grande de patria, como ainda hoje tem o hespanhol, e enfim esse instincto de solidariedade e de defeza que vive nas raças validas a quem se póde comunicar a febre d'avançar e o gosto de viver.

Em publico aquelle tedio do rei chegava a revestir um rictus de mascara desdenhosa, que talvez fosse injustamente interpretado, e seria em parte timidez frente a uma multidão pouco expansiva, que de resto sempre se lhe mostrára pouco afecta.

O desdem pela inferioridade dos politicos, a visão critica do irremediavel atrazo do trabalho agricola e fabril, do nivel cultural da gente ultra-selvagem, dos costumes ronceiros, finalmente o desalento do homem orgulhoso visto a impotencia d'uma vontade só poder galvanisar a parecia de seis milhões d'inconsciencias — quem sabe? quem sabe se não seriam estas as causas de D. Carlos se recluir indifferente e aborrecido ao papel de rei prescripto pela Carta, e que Condorcet compára ao d'um fantoche!

Em certas épocas, aquella teimosia em se absorver nas caçadas e explorações oceanographicas quasi revela propositos d'esquecer e fugir á consciencia do cargo que o esborracha, á surda colera que os jornaes adversos ululam, áquelle alastramento de pantano que, visto d'alvo, deve ser no mapa a sensação da terra portugueza.

N'estes periodos o rei foge aos politicos,

mete a bordo alguns guitarristas e dois ou tres confidentes, que elle mais tolera do que estima: e eil-o na lande em batidas incansaveis, dormindo ao acaso das cabanas de pastores, ou cruzando a costa de yachtman, sobre o Atlantico gris-perla, onde pinta de dia aquellas portuguezas marinhas que elle sentiu e exprimiu como poeta, para levar a noite n'essas cavaqueiras joviaes, picadas de má lingua, que são o prato e o vicio de todo o portuguez civilisado.

Ah, os tempos muduram! Já não são os reis que fazem os povos. Mercê da cultura e da aspensão democratica moderna, os povos é que vincam hoje os reis. O povo inglez adora o seu *king*, pois exaltando-o reverencia-se a si mesmo. Rei ou rainha são magistrados que interpretam e servem a consciencia grandiosa da Inglaterra.

O povo portuguez não gostava do seu rei, porque justa ou injustamente veria n'elle a imagem do seu orgulho pueril, do carácter incerto e das suas frouxas qualidades. E como os macacos que se careteiam a um espelho, n'um impeto de furia partiu-o, julgando que assim deixava de ser mono...

*

*

*

Que D. Carlos fosse um cerebro de mentalidade clara e aperepção subtil no trato dos homens, provam-n'ó muitos actos da sua vida publica e privada, os excellentes, os bons e os muito máus, que todos desenham o perfil d'um homem superior, casando certas degenerescencias esthétas de raça com outras predileções, nobres e bellas, e tendo uma força de persuasão a lhe permitir nas côrtes estrangeiras verdadeiros exitos politicos.

Trazer a Lisboa, em dois annos consecutivos, os chefes dos tres grandes estados politicos da Europa — Eduardo e Alexandra, Guilherme II, e Loubet (os tres principes directamente e sem itinerario por Hespanha) para um paiz abatido, de cinco milhões e meio de habitantes, na ponta da Europa, e sem papel algum na politica mundial, é um triumpho diplomatico de tal maneira claro, que ninguem contestará tenha elle sido

alcançado pelo prestigio e esforços de tactica pessoal do rei D. Carlos, que todos sabem, quiz sempre tratar por suas mãos, e com particular cuidado, as questões de politica exterior.

Esta força de persuasão, insinuando argucias de *limier* sagaz na traça de burlar ou afastar estadistas importunos, de cortar situações embaraçosas, fazia dizer por vezes aos jornaes que o rei era em Portugal, o unico politico, a ponto de se chegar a allegar, como panacéa salvadora, o engrandecimento do prestigio régio, o que exigia a intromissão do poder pessoal, contra que a opinião sempre incoherente, nos ultimos tempos se voltou, depois de quasi a ter perdido. *Boutades* suas, sangrentas, satyrisando politicos e personagens d'evidencia; certos *impromptus* sensatos, invectivando sob fórmas de dição pictoresca, alguns dos aspectos precarios da paráda vida luzitana, eis outras tantas lucarnas que alumbram para dentro do criterio amargo do homem descontente da morrinha da terra e iniciado pelas viagens nos mais intensos problemas da progressividade européa em todos os ramos.

A sua phrase *isto é uma monarchia sem*

monarchicos, clamada n'um colapso d'angustia, ao cabo d'algum demorado exame ás forças defensivas do throno, grita a clareza cutilante com que elle sente o seu isolamento de rei, entre o egoismo abjecto, das cáfilas retaliando miserias de marmita, no completo alheamento da patria e das instituições tutelares da autonomia.

A carta de 16 de Maio a Hintze Ribeiro, de que a inconveniencia parlamentar, pouco escrupulosa das fórmulas, exigiu a divulgação, ao attribuirem ao rei a ordem d'umas cutiladas da policia em populares arruaceiros; aquella carta *dos erros que de longe veem*, tão sinceramente sentida e de criterio tão nitido, acaso não deixa ver como o rei entendia o seu papel constitucional, e através da expressão cautelosamente velada, via claro os erros dos partidos, a insuficiencia dos chefes, a mancomunagem rotativa envolvente, a urgencia n'uma palavra, de dar fim ao *laisser aller* que era o lemma amarello da cachexia nacional?

Um dia este desejo de vida nova, cuja irreductivel necessidade D. Carlos, se viu, chegou a sentir nitidamente, topou-lhe um bravo *condottieri* cavalheiroso e obsidiado,

como todos os tenazes, pela idéa d'uma missão messianica na patria. O rei ouviu João Franco, e como quantos se lhe acercavam, foi seduzido pelo verbo imperioso e mordente do homem puro; que apenas confiado na sua estrella, e sem as forças dos seus logar-tenentes, nem antes de ter feito a psychologia portugueza, julgou que seria facil transformar no lapso breve d'um ministerio, a alchimia moral d'um povo inteiro. O resultado todos o viram, e não vem ao caso forçar a paciencia do leitor com mais palavras.

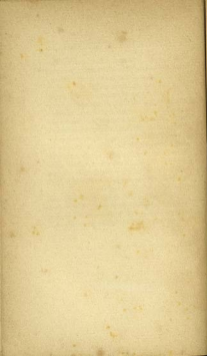
Em plena rua, n'uma chacina que visava exterminar toda a familia, D. Carlos pagou com a vida os crimes do seu povo, crimes já seculares de bestificação, d'ignorancia, d'antipathia pelo progresso, de desamor pelo trabalho, de corruptéla, d'ambição pessoal, d'irrespeito ás leis e d'indiferença ou burla pelas idéas substanciaes de patria e de nação.

A sua morte, pela barbaria sanguinária e cafrealmente besta em que se envolve, e pelas apotheoses abjectas que a seguiram, lança um labéo na terra portugueza, porque nenhuma obra n'este seculo já se cimenta

com sangue, e os que assassinam não podem ser benemeritos da historia, por mais que a demagogia o escreva em folhas, e ouse insinuar em discurseiras.

Foi a tragedia da Servia com as orgias do populacho de Paris quando o Terror; e sem o advento d'uma vida nova, administrativa e social, que ainda lhe atenuaria a virulencia... Mas não! O rei assassinado a 1, e ainda não recludo á sepultura, se resuscitasse, poderia ver a 2, no governo os mesmos homens, a mesma graxa nas almas, mesma passividade nas ruas, mesmo palavreado nos comicios, e nos jornaes os mesmos artigos sem fundo e as mesmas réles palavradas.

Pobre, pobre D. Carlos! quando se pensa que afinal era mais inteligente, e teve talvez virtudes superiores ás dos seus adversarios — e por não dizer — ás dos seus cumplices...



Instrucção e educação popular

SNR. BERNARDO CHOUZAL.

Com pulso firme e mui clara intelligencia bosqueja o discurso de V. o estado descahido, incoherente e anarchico da politica portugueza, e por traz d'elle a espectação sanguinária ou morrinhenta d'um paiz de quasi seis milhões de habitantes que, por não sei que aberração sociologica transita, na época moderna, da barbaria á decadencia, sem quasi haver tocado um estadio, ligeiro sequer, de civilisação intermediaria.

Como todas as pessoas de raciocinio sereno, as poucas que n'esta terra ainda teem látego para fustigar a desorientação crimi-

nosa dos que mandam, invectiva V. as alcateás de politicantes, as da monarchia e as da republica, responsabilizando-as pelas mesmas culpas d'estarem jogando aos dados o futuro d'este povo, e de sobre a sua indolencia sordida fazerem praça, a vêr quem lhe roerá os ossos e virá a lhe cantar o *dies irae* no sepulchro d'uma absorção hespanhola ultra-provavel.

Aprovo quanto diz n'este trabalho, áparte alguns pontos em que o padre não póde ser tão darwinista como o medico, e a crença religiosa d'aquelle corresponde n'este simplesmente á crença filosofica nas idéas.

«Em um seculo, diz V., pouco andou Portugal, se é que não retrocedeu, em relação aos outros povos; ou antes, tem andado aos saltos, sem ordem, sem methodo, sem disciplina, aos encontrões.

«Os mais formosos ideaes, as grandes maravilhas do progresso, e as mais luzidas conquistas da civilisação sempre ecoaram em o nosso paiz; mas batendo d'encontro a almas entenebrecidas, ou espavoridas fugiam, ou resignadas ficavam para sofrer torturas inquisitoriaes.»

Nada mais certo!

Temos retrocedido d'um seculo, pelo que durante esse tempo não avançámos relativamente aos outros povos. Alargou-se um pouco a situação economica, mais impulsada de fóra por exigencia dos que teem trato connosco, do que espontaneamente desperta no nosso espirito insalubre por quaesquer desejos de prosperidade ou de fortuna; pois apezar d'esse aumento, como as necessidades da vida cresceram, póde que o desequilibrio entre os recursos e os gastos, em vez de riqueza, signifique antes miseria, e em vez de progresso melhórmente diga descalabro.

Reformas de mil castas teem palpado a vida portugueza (todos reformam tudo, sem espirito pratico nem methodo), mas como V. faz notar, nenhuma ação reformadora é continuada, venho a dizer filha do sólo, corolario da antecedente, origem da seguinte, e tudo se faz a capricho do relator ou secretario d'estado efémero, que ordinariamente copiam do estrangeiro, sem indagar se a transplantação se faz no tempo proprio isto é, se o *momento social* da gente nossa corresponde em altura ao do paiz d'origem da reforma ou lei que se adaptou.

Os mais altos ideaes, as mais luzidas conquistas da civilisação, diz ainda V., teem falhado d'encontro ao espirito mesquinho e barbaro da terra, e d'ahi o pessimismo negro dos que pensam, e d'ahi a incongruencia imbecil dos que dirigem, e este fluctuar de paiz sem helice no mar da vida moderna, tolerado por cunhas da Inglaterra, independente por esmola, miseravel e vendido, e que senhor das liberdades que engrandeceram e sublimaram os outros povos, apenas poudes d'ellas fazer em oitenta annos de macaqueações parlamentares, estendal da sua incapacidade e samarra da sua vergonhosa barbaria.

«Portugal tem sido um paiz sem instrucção — é certo, é certo — sem recursos solidamente explorados», nem politica conversa á atmospheria de próspera renovação que por todo o mundo varre a tréva dos preconceitos economicos e sociaes dos seculos romanticos. Se V. houvesse d'esmiuçar este ponto especial da incultura portugueza, poderia dizer que não só os governos ha um seculo descúram a educação literaria e professional de todas as classes, contentando-se com uma apparencia d'ensino, senão que estas

teem demonstrado sempre o mais categorico desdem pelo trabalho e pelo estudo, não só a plebe trabalhadora (que essa ainda podia desculpar por miseria uma tal omissão d'atividade), como tambem as classes ditas cultas e dirigentes que, salvo casos sporadicos, são a rotina arvorada em balsão de pedanteria reacionaria, e a improgressividade mental feita barreira.

Veja por exemplo o ensino primario — se algum d'esses evaporaveis homens d'estado que de 7 em 7 mezes passam pelas cadeiras do governo, intenta erguel-o e completal-o, sob promessa solemne de em curto prazo o pôr á altura de redimir o espirito do povo e esclarecer a tartamudêz bestial d'esta nação!

Veja-se os republicanos no seu periodo de força sympathica, venho a dizer quando ainda não tinham mostrado essa ancia do poder sem escrupulos que lhes trouxe aos annaes o regicidio, e quantos hymnos á gloria do Buissa depois revelaram esse partido «avançado», adversario da pena de morte: se os republicanos, dizia, aproveitando a influencia divulgadora de que dispunham, a empregar n'esta cruzada educa-

tiva, esplanando-a em jornaes, evangelisando-a em comicios, impondo-a a governantes, fazendo d'ella enfim o seu estandarte de guerra e vida nova.

E diga-me ainda se os escriptores, pensadores e professores das grandes escolas, a quem cumpriria velar pela hygiene e cultivo cerebral das multidões, se juntáram alguma vez para estudal-a, ¹ se vieram por ella os filantropos, ou enfim a opinião publica, áparte vozes erraticas, reclamou por ella alguma vez...

João Franco apenas, apodado de reacionario por ter suprimido temporariamente

¹ Abre parenthesis a obra patriotica da *Liga Nacional d'Instrução*, ainda em nucleo hesitante, e para assim dizer creada hontem.

Os resultados do seu alto esforço organisador começam-se a evidenciar nos dois congressos que já realisou, e onde um pouco em tumulto ainda, como é uso em toda a obra preparatoria, se vem accumulando montanhas d'alvitres e propostas, magnificas algumas, e que devidamente estudadas e pezadas por alguma comissão technica que trabalhe sem pressa, virão a produzir o almejado plano d'estudos que a instrução das classes pobres ha tanto espera para sahir das trevas em que jaz.

o parlamento, que em Portugal é um dos irridentes fócios do descredito, e dado aos republicanos tanta liberdade que até elles se serviram d'ella para o correrem á pedra no comicio d'Alcantara: João Franco apenas, n'um discurso de distribuição de premios, ousou plantar o problema da instrução primaria com firmeza, empenhando a sua energia d'estadista no compromisso de o pôr á frente de quaesquer outras questões inadiaveis, fixando o prazo de 6 a 7 annos para o resolver completamente, mau grado a mobilidade perpetua dos programmas d'ensino, o desembolso espantoso, e as mil difficuldades que insólvam a questão, n'esta terra onde tudo é pretexto para retroceder e parar no meio da rampa.

Té os menos alimentados d'idéas pre-

No segundo congresso, realisado ha dias, foram apresentados 54 trabalhos, entre theses, relatorios e memorias descriptivas versando aspectos do ensino elementar, primario e profissional; e todas as sessões decorreram no meio do maior enthusiasmo, mostrando os professores e estudiosos que tomavam parte, o mais decidido empenho em fazer triunfante a grande causa.

vêm que, tal como está, a escola primaria é uma officina defeituosa e malsã da cultura popular, e que a instrução primaria sendo para os que não podem ter outra, o bacharelato com que farão vida milhões de seres necessitados d'um systema completo de noções, forçosamente tem de remodelar-se por fórma que o alumno só abandone a escola feito um homem: isto é, na plena posse d'uma consciencia moral que o faça livre, com uma ceara d'idéas geraes, permittindo-lhe desenvolver todas as faculdades nobres do espirito, e enfim, se tanto fôr possivel, com um officio ou módo de vida que lhe faça ganhar decentemente o pão dos seus.

Té nossos dias a escola vem persistindo apenas como officina religiosa e literaria. Urgente é pois modernisar esse nucleo, segundo o criterio admiravel dos congressos pedagogicos que desde o anno passado tem havido. E flanqueal-o em seguida d'outras instituições complementares — ... a bibliotheca publica, escolar, visando erguer o gosto pela leitura em comum, ou isolada, que desenvolverá não só entre os alumnos, mas tambem pelas familias, o professor fis-

calisado e educado á altura da patriotica missão que se lhe exige.

—... a escola agricola, rudimentar (se se trata d'um burgo agricola), onde se ministre a pratica das operações ruraes dominantes no sitio, seja exercitado e divulgado o petrexal de trabalho moderno, etc., por fórma a crear-se o aprendizado rural, que não existe, e é o mais terrivel obstaculo á implantação de culturas progressivas.

—... a escola d'artes e officios (se é um burgo fabril e industrial), do systema da precedente, e tantos *ateliers* quantas as especialidades fabris da região.

—... cantina, gymnasio, balneario, jardins, não é verdade?

Que só assim a instrução primaria seria a universidade dos simples, poderia crear cursos completos, tornar-se o propulsor da resurreição geral, inda tão longe.

É pratica de seculos que toda e qualquer tintura literaria e scientifica dada na escola, prompto fenéce, se ao longo da vida o escolar não tiver occasião de fazer d'ella um instrumento de pesquisa economica ou de deleite. Por isso metade dos que nas classes pobres aprendem a lêr e a escrever, voltam

a analfabetos cerrados, cinco ou seis annos depois de terem deixado d'ir á escola. ¹

*

* *

No relativo ao ensino superior deve V. ter reparado que em Portugal a tradição

¹ Não direi do ensino secundario, mas pelo lido, não está elle melhor que o primario e o superior. Na secção *Factos e Criticas do Povo d'Aveiro*, desvenda o intemerato Homem Christo o estado cahotico e verdadeiramente alarmante do ensino secundario nos lyceus. Diz que ahi faltam professores, e quando se abre concurso, não apparecem concorrentes que entretanto afluem aos corpos docentes do lyceu, a pedir entradas de favor. Que a razão porque se berra contra a organização actual dos estudos secundarios, «é porque ninguem trabalha e estuda com afinc», e nuvens de bachareis querem outra mais facil, que lhes permita virem para os lyceus ensinar — sem aprender.

«O maior mal da instrução secundaria, escreve, é a anarchia brava em que vivemos... Os professores não explicam, em regra, uns porque não sabem, outros, na maioria, porque não querem. Ha professores que faltam extraordinariamente, uns porque são medicos com doentes, outros porque são advogados com clientes, outros pelo inferno. Muitos d'elles não

dos grandes professores está perdida. Já não ha professores, mas diletantes, que salvo excepções, são politicos de carreira, directores de companhias, negociantes de vinhos,

sabem nada porque não são professores de concurso. São professores interinos, admitidos por empenhos, e não escolhidos pelos seus merecimentos. Já se vae para professor do lyceu, como se vae para a alfandega. Um sujeito que quer ganhar uns cobres, arranja a ser professor do lyceu como arranjaria ser empregado nas obras publicas ou no sêllo. É uma tremendissima pouca vergonha, mas contra essa não fala nenhum dos papeis que tanto se esfalfam a gritar contra a lei da instrucção secundaria.

«Além da falta d'assiduidade, de zelo, de capacidade dos professores, temos a bela mandriice dos meninos, que só sonham com a cabula e feriados. É sabido, e nota-se nos liceus, que são raros os paes que se aproveitam da concessão que lhes faz o regulamento, para estarem em dia com o aproveitamento dos alumnos.

«Ha tambem a parcialidade do professor, sempre prompto a favorecer o menino recommendado, com prejuizo, ou pelo menos com injustiça relativa para o que não tem recommendações.

«Por isso mesmo só ouvimos gritar contra a lei d'instrucção secundaria, sem ouvirmos «nunca» gritar contra aquelles que a executam, e contra os paes que desmoralisam os filhos.

jornalistas ou *dandies* sportmaniacos — pessoas enfim gomasas e universaes, da mediocridade arrivista dos topa-a-tudo, gozando illustre fama por se exhibirem de sabios

«Gritam os professores para não terem trabalho. O que elles querem é que a lei os alivie tirando-lhe toda a responsabilidade, embora não haja quem lhes peça contas severas dos seus actos.

«E gritam os paes, porque o unico objectivo é que os filhos passem com facilidade. Não ficam sabendo nada. Bem se importam elles com isso! Cheguem os rapazes a doutores, que a politica se encarregará de lhes dar de comer. A grande questão é ser <doutor>. O diploma n'este paiz é tudo. A sabedoria nada».

Inutil depois d'isto acrescentar que sendo a obra do ensino consequente e solidaria nos seus varios cyclos ou periodos, uma pessima e incompleta instrução primaria, como a que temos, não póde servir de base a nenhuma instrução secundaria fertil em exitos, mesmo que ella tivesse organização moderna e funcionalismo regular.

Ora a nossa tem grandes defeitos, mau grado o lucido espirito d'organização, inspirado do teutonico, isto é, de paizes onde desde a escola primaria se vem preparando o alumno para o cultivo humanistico-scientifico seguinte. Vae, em vez de lhe corrigirmos o mau, sem destruir á actual instrução secundaria esse methodico espirito allemão, o que queremos

nas assembléas dos algodões lavados e dos trigos, ou d'algodoeiros e moageiros nas parlendas da cathedra scientifica... Os Lapas, os Aguiares, os Andrades Corvos, os

é deitar tudo abaixo, n'uma furia de revolucionarios da pechisbéque!

Repito que o exito d'um bom programma secundario depende: 1.º, da preparação dos alumnos sahidos da escola primaria; 2.º, do senso padagogico dos mestres.

A nossa instrução primaria não presta, e por outro lado os professores secundarios, colhidos na massa de bachareis confusos e antigos alumnos do Curso Superior de Lettras, são o que póde haver de mais leigo em pedagogia racional. É indispensavel, como para a instrução primaria, mandar aprender isso lá fóra; e *por muitas gerações, e com muita gente* que venha depois fundar centros de modernisação pedagogica por toda a rede dos lyceus de Portugal.

E a proposito d'idas lá fóra, recordam sem duvida as 138 pensões postas a concurso pelo gabinete João Franco, para o estudo d'especialidades de pedagogia, arte industrial e sciencia agricola...

Comecemos pela concorrencia.

«Para as pensões de agricultura, que eram vinte, escreve um *Diario de Noticias* do tempo, houve apenas dezesseis concorrentes.

«Para as pensões de cursos profissionaes, desti-

Magalhães Coutinhos, os Sousa Martins e os Manoeis Bentos, gente calafetada, apagada, desconhecida na *melè* das ruas e das salas, consagrando toda a energia vital ás tarefas

nadas a alumnos diplomados pelas escolas e institutos industriaes, egualmente em numero de vinte, o numero de concorrentes foi de quatorze, sendo oito para artes decorativas, dois para ourivesaria e cinzelagem, dois para chimica industrial, um para electro-technia, e um para construção de machinas. Não se apresentaram concorrentes ás pensões de tinturaria e estampanaria, tecelagem, carpintaria, marcenaria, serralharia, ceramica e preparo de pelles.

«Ás pensões destinadas a alumnos diplomados pelas escolas de ensino normal primario, que eram dez, concorreram tres individuos.

«Para as pensões destinadas a professores primarios officiaes, postas a concurso em numero de vinte, para aperfeiçoamento nos methodos de ensino, foram apresentados trinta e quatro requerimentos.

«Ás pensões destinadas a individuos diplomados pelo Curso Superior de Lettras, que eram dezasseis, apresentaram-se tres concorrentes; e ás de professores de linguas modernas e sciencias nos lyceus, postas a concurso em numero de dez, concorreram sete.

«Finalmente, ás pensões da 4.^a classe, destinadas a alumnos diplomados pelo menos com o curso complementar dos lyceus, para estudarem em

da sciencia, fazendo um culto religioso do ensino, passando vida austera de laboratório e bibliotheca, esses beneditinos foram-se e não voltam, que tambem desgraçada-

universidades ou institutos technicos superiores do estrangeiro, cursos de sciencias puras ou applicadas, em numero de trinta e duas, houve quatorze concorrentes, quasi todos com preferencia para a mecnica industrial e electrotechnia.

«Considerando a totalidade das pensões postas a concurso, e o numero global de concorrentes, vê-se que para 133 pensões se apresentaram 90 candidatos!!!

Já isto edifica sobre a solitudine com que uma massa de população, dita progressiva e trabalhadora, responde á *vis* educativa do Estado, que ella constantemente acusa de desmazelar as questões vitaes da patria portugueza. Digamos agora que d'algumas d'essas missões civilisadoras começaram a regressar ao paiz os primeiros comissionados (entre outros que não chegaram a completar o tempo), e que procurando informar-nos sobre o exito d'ellas, ouvimos da boca d'alguns professores primarios o que se segue. «A mensalidade em dinheiro era, para algumas cidades d'exilio dos pensionistas, escaça, e tinham de viver como operarios. Inconveniente que uma reclamação razoavel, pelo tempo fóra, muito bem podia remover. Os consules portuguezes que na maior parte das terras são puros ornamentos de

mente as grandes escolas ruíram na industrialização banal de tudo o mais.

De Coimbra dizem que os lentes de mais vulto não querem estar quinze dias na

vadiagem parasita, e ficaram sendo os inspectores e verificadores da applicação e progressos dos pensionistas, recusaram-se quasi por completo a ter relações com elles, alegando que não eram feitos de collegio, nem tinham tempo para andar a meter o nariz na vida alheia. Das provas d' applicação que o pensionato exigia, nenhuma ou quasi nenhuma foram dadas ou pedidas, durante o tempo d' exilio; e ao regressarem á patria, os pensionistas que evidentemente o legislador expedira ao estrangeiro para virem depois nas escolas e focos d' irradição da sua especialidade, ensinar as innovações e avançados methodos da sciencia e da industria visitadas, os pensionistas foram mandados tornar ao canto obscuro d' onde os tinham arrancado, sem ninguem mais lhes pedir contas do dinheiro gasto, dos estudos feitos, nem do compromisso moral, patriótico, grandioso, pelo qual essas actividades ficavam ligadas á vida cultural e á intellectualidade dirigente, superior, do seu paiz.»

Desnecessario é dizer que as missões instituidas pelo governo tutelar de João Franco foram extinctas pelos ministerios imbecis que se seguiram, e que tudo voltou á estagnação misoneista dos paizes só bons — para invadir.

morrinha das aulas e passam na capital vida de principes, na intrigalhada dos centros, em comissões desnecessarias, chamando immoraes aos governos que os mandam regressar. Chega a diuturnidade do ensino a ser interrompida ou cerceada por não haver quem se préste a reger cadeiras, cujos titulares estão em S. Bento gosmando justas d'eloquencia sédiça, exhautorando-se em chufas e doestos, dando a triste lição da sua maneira de ... ensinar.

A maluqueira agora é arvorarem-se os lentes em propagandistas revolucionarios, em conferentes vermelhos, fulminando o regimen que os tolerou desmazelados, a decadencia geral de que são cúmplices, quando a verdadeira propaganda seria prepararem para a obra da redenção futura d'este povo, tantas gerações de discipulos que a bem dizer deixam os cursos sem uma autonomia scientifico-profissional que os habilite a trabalhar sem *pannes* ou colhidas.

Pergunta-se aos estudantes pelos mestres, e se o questionario abarca as grandes escolas, eis aproximadamente o que se apura:

Na maioria dos casos a sciencia não é

tida como um sacerdocio, mas como um módo de vida, exercido na proporção do pouco que rende. Certo haverá professores austeros e escrupulosos (ninguem duvida), mas o dominante é debitemos a explicação a frio, de relógio na mēza, e pensando talvez n'outra materia.

A impressão é que se estuda pouco, sem ensimesmação maturante, só *para satisfazer*, e que o professorado decahe dia para dia. Em certas especialidades onde a sciencia está em formação continua, e portanto o professor não póde ter um instante de repouso se quizer vir a par das theorias dos sabios e experimento dos laboratorios: em certas especialidades o atrazo é deploravel, e urgiria tomar iniciadores estrangeiros, ou enviar lá fóra cerebros frescos para beber na origem os verbos novos.

Na mór parte das aulas, e no curto lapso do chamado anno lectivo, raro a materia scientifica se vê toda, pois com os feriados do kalendario, os gázios dos alumnos e a falta de methodo dos lentes, dois terços do tempo passam-se em ociosidade e diversão. Que o estudante tenha dado a materia ou não tenha, saiba ou não saiba,

siga os trabalhos ou não siga, o mestre não se rála, e lá estão o ponto e uma ou duas lições para o esclarecer no tocante á classificação final que lhe ha-de dar. Claro que d'este módo o escolar sahe dos cursos com sciencia incompleta e a meio de digerir. Podia ressarzir-se, entretanto, e depois de diplomado, estudar; mas quantos, dada a relaxação luzitana, pegam em livro, uma vêz obtida a carta professional?

Esses atafoneiros da oratoria que insuflam por toda a parte a urgencia de crear, sobre as ruinas do velho, um novo Portugal pulchro e catita, deviam começar a moenda pela supressão dos feriados. Feriados de santos, feriados de reis, d'outórgas, d'exequias, de procissões, d'inaugurações, d'entradas solemnes, com que a devoção e a politica acobertam a madraceira publica, impedindo a formação de fortes cyclos de trabalho util, e invalidando as campanhas do esforço methodico com verdadeiros blocos d'inação.

Demais, por desgraça nossa, nas escólas portuguezas tudo falta. Machinismos d'ensino, trabalhos praticos: ou são insufficientes, ou incompletos, ou para muitas disciplinas,

não existem. O campo d'operações, em geral intermitente e mesquinho — e quanto a experimentadores e repetidores, umas vezes por outras, pouco certos.

Ha annos, depois d'erguidos os paredões exteriores de certo grande Instituto, o architecto, para a divisória a fazer, dirigiu-se aos lentes pedindo nota da amplitude e numero d'instalações que cada qual precisava para um largo e moderno funcionamento das suas aulas. Tres annos demorou a resposta primeiro que chegasse ao architecto. Agora, co'a escóla feita, porque mobiliário e petrexal d'ensino foram orçados em 100 contos, vae n'outros tres que o edificio está ás moscas.

*

* *

Se formos ao ensino industrial hemos de vêr eguaes depredações e relaxamento egual por toda a parte. A ideia das escolas industriaes surgiu d'inicio no cerebro d'Aguiar, e na energia executiva de Navarro, quando se pensou em desdobrar o Portugal agricola, n'um Portugal industrial. É a an-

tecessora do proteccionismo feróz d'Oliveira Martins, e foi posta em pratica para reorganizar o ensino das industrias velhas, e fazer possivel a creação de novas, em termos de se evitar o dreño de milhões que o estrangeiro nos levava, e ainda leva.

As melhorias d'esta grande medida são obvias: esclarecer o operariado com um pequeno curso de disciplinas literarias e scientificas; crear seguidamente o ensino technico, que até então bem se póde dizer que era lei morta; introduzir nas industrias o desenho, por forma a permitir o aperfeiçoamento da mão d'obra, a creação de modelos, e quem sabe se no futuro, a desinvolução d'um gosto original; e mais que tudo organizar nas industrias geraes o apprendizado, que não póde existir a sério no trabalho particular, onde os apprendizes só ás apalpadélas, e a poder de tempo, são alguém.

Ora em qualquer paiz d'iniciativa a ideia das escólas industriaes frutificaria prompto, sem a adaptação gastar longos decénios. Na nossa terra ha vinte e quatro para vinte e cinco annos que elas foram instituidas, e salvo a ação bairrista d'uma ou outra, ne-

nhuma conseguiu ainda assignalar-se como centro de cultura e verdadeiro fóco de renovação profissional.

Os dirigentes não souberam guiar com prudente firmeza a função social das escolas industriaes, reduzidas algumas, a méras sinécuras do corpo docente. O publico, relapso sempre a ideias d'avançaço, tam pouco soube comprehender a mina de beneficios que lhe poderia provir do seu desenvolvimento.

No principio d'abertas, tinha-se contratado no estrangeiro uma série de professores que, uns pelos outros, começaram a produzir ação no meio deseducado. Logo se fez contra eles um jogo d'empurra tendente a desgostal-os da nova patria, e viu-se que os pobres homens, contra que se accumulavam séries d'intrigas, eram desalojados dos cargos por portuguezes que não sabendo estimular o ensino, nem reclamar dos governos o que ás escolas faltava, présto as fizeram cahir no consabido coma portuguez.

Assim, o estudo applicado, em oficinas, complemento indispensavel dos cursos theoricos, como meio de gravar indelevelmente

os preceitos profissionaes no cerebro do operario-estudante: o estudo pratico que devêra ter vindo a multiplicar-se e a crescer em multidão de *ateliers* apensos á escola, só n'algumas funciona ha annos com alguns visos de proveito, tendo a mór parte ficado por essas cidades de provincia a dormir o somno da sua triste invalidez.

Sabem todos que pela pobreza habitual da familia obreira, e egoismo dos paes, que cansados de sustentar bocas, mal os filhos sabem falar e ter-se nas pernas, o que querem é viral-os d'agentes de consumo, em agentes de produção, as creanças plebêas raras vêzes teem tempo d'ir ás aulas.

A escola é um luxo de ricos, pois até vê com máus olhos quem lá vae aprender roto e descalço. Logo aos 9 annos se empurram para a brutalidade dos labores que rendem salário, pequenos que deviam na escola estar fazendo o seu iniciado social.

Sem duvida ha leis que forçam os paes a mandar educar os filhos, mas nem se cumprem, nem cingem por fórma a prevenir todas as fugas e negações, assim como tambem se não coage a familia, por outros

meios indirectos, a reagir contra o analfabetismo circundante. ¹ Se a dotação das escolas industriaes permitisse apendericlar a estas, todas as oficinas exigidas para a formação do apprendizado necessario ás industrias portuguezas, e ainda por cima dêsse margem para uma paga de salario equivalente ou superior aos obtidos cá fóra, certo o problema da frequencia total já se teria resolvido, pois d'essa fórma já os paes não hesitavam, coagidos pelos rigores da lei e

¹ A Associação das Escolas Moveis pelo Methodo de João de Deus, dirigiu á imprensa um manifesto elaborado sobre estatisticas officiaes, onde se faz o inventario dos *terrenos incultos* da mentalidade portugueza. Quatro quintos d'essa mentalidade jazem ainda, diz ella, no estado de *charneca* aspera e bravia. Pelo senso de 1900 constata-se que quatro quintos da população portugueza é gente que não sabe lêr. Nas povoações ruraes a ignorancia, em pleno seculo xx, é quasi *primitiva*. Ao sul do paiz, na provincia do *Alemtejo*, districto d'*Evora*, concelho de Extremoz, a freguezia de Santo Estevão conta 405 habitantes. Varões, só *tres* sabem lêr; analphabetos 98,7 0/0; mulheres 100 0/0, ou *todas illetradas*. Na provincia da *Beira Baixa*, no centro do reino, districto da *Guarda*, ha 13 freguezias, em cada uma das quaes só *uma* mulher sabe lêr. Em 9

vantagens economicas da frequencia, a obrigar os filhos a affluir.

Ora sem uma rica dotação orçamental não pódem crear-se oficinas, assim como sem salário aos aprendizes não póde haver frequencia a trabalhos praticos: e eis a razão das escólas industriaes continuarem reduzidas quasi que a uma especie d'ensino theorico confuso, com algum pratico, insu-

freguezias *nenhuma* mulher sabe lêr. É preciso percorrer 22 freguezias d'esse districto para encontrar 13 mulheres sabendo lêr. Na ilha da *Madeira*, concelho de Machico, a freguezia de Santo Antonio da Serra conta 1:124 habitantes; do sexo masculino, em 532 só *cinco* sabiam lêr — 527 ou 90 % analphabetos. Do feminino, 592 illetradas, 100 %: *nenhuma* sabia lêr.

Na Republica do Brazil acham-se disseminados *um milhão e meio* de portuguezes. A média annual dos nossos emigrantes para ali é de 30:000. Ora em janeiro de 1906, pelo governo civil do *Funchal* (ilha da *Madeira*), tiraram passaporte 284 emigrantes, dos quaes sabiam lêr 18; analphabetos 266 ou 93,6 %. Em março do mesmo anno, no governo civil de *Villa Real* (provincia de Traz-os-Montes), tiraram passaporte 308 emigrantes. Apenas 18 sabiam lêr. Illetrados 290, ou 94 %.

Decorridos 73 annos de regimen representativo,

ficiente, e d'elas não formarem centros de cultura operaria, nem terem podido nunca realisar o sonho opiparo e maravilhosamente eficaz dos fundadores.

Claro que mesmo apezar da organização defeituosa, o popular que trabalhe e estude, sempre lhe consegue sacar da frequencia, resultados. Algumas dezenas d'elles ahi andam na industria ganhando vida como

até as chamadas *raças inferiores* nos passaram adiante, no ponto de vista da instrução popular. Por uma estatistica de 1891 verifica-se que, *ha 16 annos*, no Cabo da Boa Esperança, descoberto e dobrado pela primeira vez em 1487 pelo portuguez Bartholomeu Dias, na população européa eram illetrados 28%. Na *raça indigena*, a percentagem dos analphabetos era *para os negros*, de 73,15% em 1880, mas em 10 annos baixou 16,35%, pois que essa percentagem em 1890 (ha 17 annos) tinha descido a 56,8%.

Os algarismos aterradores que vimos de citar, são officiaes e justificam abundantemente o professor suisso que depois de percorrer, de norte a sul, a nossa terra, exclamava: «*Emquanto tiverem as escolas primarias no estado em que se acham, não só não podem progredir, mas nem teem direito a progredir. O que se vê n'este paiz é profundamente lamentavel*». — (O *Seculo*, artigo *Analphabetismo*).

operarios e mestres d'officina, e em fama de singularmente peritos e instruidos. Mas é uma minoria rizivel em que se põem d'exceptção sucessos que em todos os paizes modernos constituem regra ha muito tempo.

Como o ensino theorico por si só não faz operarios, resulta que mau grado haver escolas industriaes ha um quarto de seculo, segue na industria portugueza o mesmo atrazo irreductivel, não tendo a mão d'obra melhorado, nem tam pouco os modelos soffrido qualquer renovo esthetico sensivel.

Os que frequentam os cursos e sahem de lá sem os poder adaptar com facilidade á vida pratica, o que fazem é *mudar de classe*, abandonando os seus nobres officios por uma vida d'amanuenses e senhoritos d'escritorio, como se a blusa fosse um ferrete, e o trabalho officinal puzesse nodoa. É n'este transe que o papel dos filantropos adviria a robustecer a obra desconexa do Estado, completando dotações, fundando premios, missões, bolsas de estudo, abrindo *ateliers* a par das aulas theoricas, provendo a escola de material de ensino á altura do seu maravilhoso verbo educador. Mas onde é que em Portugal ha opulentos abertos ao

critério do papel sociológico da riqueza, e altruistas capazes de, como os milionários gregos e yankees, e certos *indianos* hespanhoes, comprehender que quem ajunta fortuna tem obrigação de legar á comunidade o grosso lote?

D'est'arte o fracasso das escolas industriaes, sobre frustrar os haustos d'um progresso fabril digno de monta, tam pouco deixa que os governos completem a rede, como seria logico e sensato, dada a porção d'industriaes que em distritos longinquos faliram, e o formigueiro de cidades e vilas que atualmente para o commercio, mortas, facil pelo trabalho fabril conseguiram voltar a ser alguem.

— Evora... Beja...

Duas capitaes de distrito que parecem duas aldeias sertanejas. Passam os annos, edades novas primavéram a vida europêa de conquistas, d'acquições, de melhorias sociaes: e aquellas duas urbes proseguem na especie de morte aparente das populações sem desejos, nem impulsividades civicas, exhaustas, como no derradeiro periodo de velhêz. Nem nos seus vastos rocios bosquejam bairros novos, nem a população se

multiplica, nem a cazaria velha se renova, nem a inteligencia e a fortuna organisam novas fontes de labor. É uma estagnação de terras desinteressadas do progresso, sybaritando ao sol theorias d'egoismo, derreadas do esforço de dormir seculos sem conta.

Emquanto por todas as provincias da Hespanha, as mais troglodytas e montezas, depois da guerra co'a America, cidades e vilas entraram n'uma vida de reintegração moderna e d'azafama, syntheticas d'um resurgir de gente naufraga que se decide a viver vida viril, nas luzitanas, mencionadamente as do sul, uma apathia crassa esbarrega-as em charcos de desmazelo archaico, sem ondas hertzianas que lhes digam o que para lá da fronteira canta de vital.

Com os capitaes que Evora e Beja guardam nos seus muros, que d'industrias se poderiam ter creado e melhorado, e que benefícios em 25 annos já teriam dado á provincia escolas industriaes visando restaurar industrias perdidas, ou descahidas, ou sequer rudimentares, que ainda vegetam na bracieira d'entre Tejo e Odiana, e mesmo além, té á picóta de Monchique e ás derrocadas torres d'Aljezur.

No distrito d'Evora por exemplo, os falados tapetes d'Arrayolos, feitos de lãs tingidas de côres vegetaes, e mantendo exatos, sobre a trama d'estopa, debuxos do seculo XII, gothicos e romanicos; a loiça d'Estremôz, barro vermelho, com os puros galbos gregos d'origem, que a filauçia de louceiros modernistas ignobilmente deturpa, fazendo muringues de troncos de sobro, faltos de lhe ensinarem que as fórmãs barristas são obra de seculos, patrimonio de raças, e não deve a mão d'um anonymo tocar-lhes; o mobiliario dito *d'Evora*, pintado de rozas sobre fundos sangue de boi, ultra-violentos, e que se poderia artisticamente corrigir, sem deturpação do typo antigo, melhorando as madeiras, introduzindo machinas, preparando pintores que soubessem desenho e tivessem feito pintura a oleo; ¹ os chocalhos das Alcaçovas, de cujos artifices se poderiam

¹ Alguns operarios teem ultimamente em Evora aperfeiçoado e melhorado o mobiliario de rozas e ramagens, e citarei por auctorisados informes, Ricardo Roberto da Silva, á R. da Cadêa, e Manoel Paulo Barbas, R. Serpa Pinto, que já conseguiram fazer dentro do estylo local, verdadeiras coisas d'arte.

tirar fabricantes de caldeiraria grosseira e loiça d'esmalte, bem como estanharia e caldeiraria artistica, *repoussée*, o que logo creava uma industria sumptuaria; as olarias de Viana, com os originaes bonecos d'assobio, e que um simulacro mal guiado d'escola levou para a macaqueação deploravel da loiça das Caldas, quando o ter-se mantido o fabrico do vazilhame d'adega (vidrado com vidro grosso, em vêz de pês), da olaria de cozinha e dos materiaes de construção (tijolo furado refratario, telha de Marselha, etc.), bastava para lhe assegurar larga fortuna; finalmente os marmores brancos d'Estremoz e d'Alvito, o preto de Villa Ruiva, que ninguem talha e pouco se uza, quando tanto urgiria tratá-los e pulil-los, para embelezar com eles as frontarias da casa alem-tejana, que raro construida de pedra, senão de taipa mourisca ou grosseiro adobe, é uma das categoricas expressões da inelegancia, do inconforto e da rusticidade bossal d'esta provincia...

O mesmo para o distrito de Beja.

Entre Carregueiro e a fronteira algarvia, porque o terreno exausto pouco rende, exercem as populações desde tempos ime-

moriaes, para viver, a tecelagem do ninho, estopa e lãs, em teares cazeiros, produzindo pannos que durante seculos serviram ao consumo provincial, d'onde produtos de melhor tecido e gosto os foram batendo, graças á lei do trafego que tudo quer barato e bom.

Quem vae á feira de Castro ahi tópa o rezumo das industrias cazeiro-pastoris do «campo branco», e o seu grau de primitividade rustica, que a ninguem occorre melhorar. Mantas alemtejanas em lãs sem preparo, ás riscas brancas e pretas, ou mais modernas, já com suas barras de côres, procurando imitar as hespanholas; cobertores de typo analogo; alforjes de trapo, ou coiro, ou lã, que usa o maltez, com duas póchas para guardar os pães da comedia; sacaría d'estopa, de grã fama por sua dura e barateza; saragoças e estamenhas grossas, fedendo á borra d'azeite ranço, com que se veste a gente das brenhas e vilórios serranos; safões de pele de borrego ou cabra, rebordados de gregas de coiro, suas costuras a côres, muito vistosas; mobiliario de castanho aplainado, provindo de Monchique, e d'onde, como em Evora, se poderia apurar alguma industria delicada...

Na esqualida planície d'entre Carregueiro e Saboia, não ha casinha onde o tear não quede ao canto, para os serões da lareira inverniça, ou para a tristeza d'aquelles dias de chuva em que a lavoira não dá faina, e tem de se ficar em casa a ouvir o vento fanfar na telhavã.

Essas pobres tecedeiras quasi todas de typo rachitico, com caroços no peito e rozetas nos malares, de febre lenta! Sympathicas e industriosas abelhas que á noite pedem ao tear o suprimento do pão que a ceara de tres a quatro sementes lhes recusa!

Creaturinhas pálidas, de riso triste, vendendo com seus dedos d'espátula, suas faces desbôtas, por meia duzia de vintens, todo o bragal d'um anno de miserias!

Não ha d'entre os politicões serris de que esta desgraçada provincia é feudo, algum, menos bruto, que no parlamento pugne pelas moribundas industrias da terra, em via de se perderem na exclusivação agricola, e desnacionalisação do trabalho fabril cada vez mais cahido em Portugal?

Essas capitaes da provincia, meio mortas, não despertarão um dia pela voz dos seus filhos mais voluntarios e mais cultos,

que talvez andem pelo paiz gritando que os governos não préstam, quando eles mesmos dão prova de que, primeiro que os governos, não préstam os cidadãos?

Deixo á consciencia de V. dizer se o fomento da riqueza publica do Alemtejo sul, não põe de permissa a creação d'escólas industriaes em Evora e Beja, e se se deve esperar essa prometida riqueza d'uma cerealicultura só produtiva um anno, por cada tres de horriveis prejuizos, d'uma vinicultura mal feita e que o desmazelo local desvalorisa a beneficio dos produtores ribatejanos, finalmente d'um territorio em que a inconstancia do clima, e a falta d'irrigações, não permitem sequer variar de cultura, visto estar á mereê de 15 dias de frio ou 15 dias de calor, fóra do tempo.

*

* *

Vimos o ensino no condizente á escóla e ao mestre: para uma ideia clara do que ao estudo deva a renovação social portugueza, indaguemos um pouco do estudante, vehi-

culo célere da ideia transmutavel, accumulador da caloria scientifica, a vêr como por ele podem as gerações marchar e progredir. Quando a professores se pergunta pelas aptidões dos escolares, respondem quasi todos que são em geral gerações com fraca siria para o trabalho disciplinado, que é o unico frutifero, e intellectos ganhando em facilidade o que perdem em profundeza, d'onde serem assimiladores e nunca creadores, e mostrarem sempre um caráter oscilante e pueril como o dos negros, sobre que não ha meio de fundar um espirito sério da classe, quanto mais o de patria e o de nação.

Tanto o estudo arduo não é processo em favor na escola portugueza, que aos applicados chamam em Coimbra: *ursos*, havendo especção pelos que com insignificante esforço e sobrança lãbia sabem fazer boa figura.

— Não imaginas! É ouvir ler a sebenta, logo fica apto para discorrer c'o lente a hora toda...

Inutil retorquir que nada arde sem coque, e que isto de falar a hora toda com dez minutos de espirito santo d'orelha, não

passa d'uma irresponsabilidade verbal de papagaio.

No norte diz-se d'um homem que acabou os estudos: *tirou o curso de medico, tirou o curso d'engenheiro...* (e falando de classificações) — *sahiu-lhe um louvor, sahiu-lhe um némine...* o que é a fórma instinctiva d'aludir a conquistas que pelos nossos habitos de mandria, mais parecem obra de rifa, do que acquisições d'espírito applicado.

Isto revéla que pelo geral se não dê grande valor ao estudo intenso, e que o culto pela sciencia seja ainda entre nós coisa episódica, que alguns professam, com fama de bruxos, sem outra gloria que a desfructada no seu bairro ou freguezia. É estranha coisa que em Portugal se não crie sciencia, e o talento dos sabios persista n'uma inação de repetidores. Sei que o paiz não compensa, não somos uma raça analytica, os governos não montam dispendiosos laboratorios: sciencias como a chimica, a biologia, a medicina legal, são entre nós méras escamoteações d'anfiteatro, mais atrazadas do que em qualquer burgo escandinavo ou alemão, e tão cedo postas em geito de se lhes comunicar vida profunda.

Na frequencia dos cursos, tanto de rapazes, como dos paes, a preocupação exclusiva é *passar*, colar no exame, e só depois virá a de saber. Para colar no exame serve tudo quanto frustra as cancelas do esforço inteligente, burla a justiça e a austeridade do estudo, tornando o burro, présto, em bacharel. Um amigo meu que em 19... fez parte d'um jury d'exames, recebeu 748 cartas, das quaes duas de membros da familia real, forçando-lhe a integridade em favor d'outros tantos examinandos que, pouco certos dos seus recursos, lançavam mão do processo habitual do portuguez metidos em fôfas, que se é pobre pede esmola, e se remediado, méte empenhos para abiscoitar seja o que fôr.

Como era um caráter probo e intransigente, deliberou não lêr carta nenhuma, e isto lhe valeu nos jornaes fama de despota, e o cortar relações com amigos e antigos camaradas, que á uma lhes exprobaram a verticalidade da espinha, vaticinando-lhe que nunca faria um passo na vida, o que parece se confirma, visto a renitencia do homem a subscrever poucas vergonhas.

De tal modo a carta d'empenho insinuou

na vida estudantil, que até os que sabem, as pedem, para irem precavidos contra as ciladas do jury — *que se pode ofender de não ter sido solicitado*. Também, mercê de causas complexas, raro o professor é para o estudante um amigo e camarada mais velho, que viva com ele, pense com ele, decifre com ele os arcanos dos livros, o que abre as portas da luz, e o contagia do alvoroço do espirito virilizado pela revelação da eucharistia scientifica.

Para o estudante portuguez o lente é antes um inimigo que violenta a apathia e obriga ao esforço, que estando d'alto, tem o castigo á mão, e não póde portanto furtar-se ao apódo de verdugo, e espalhando ideias em publico chama contra si os instintos burlistas do auditorio, vindo a tornar-se mais cedo ou mais tarde n'uma especie d'alvo contra que a jogralidade escolar desfere *piropos* e *chacótas*.

Porque motivo, em vez da cordealidade que entre gente educada e de bom sangue usa ligar camaradas de lutas e canceiras, tripulantes da mesma nave de conquistas, padres do mesmo culto, sonhadores do mesmo ideal historico longinquo, porque motivo

na escola portugueza estudantes e lentes não intimam, como nos mais paizes cultos da Europa e da America, e vivem desnivelados os dois grupos, os professores com caras duras, os estudantes creando-lhes na sombra reputações hostis e caricaturas deprimentes?

É mau preparo dos que ensinam? Debilidade ou irresponsabilidade dos que aprendem? É do desconforto da escola? Dos bancos duros que obrigam a estar ali com sacrificio? Dos regulamentos que em certas escolas, collocando em pé de desigualdade estudantes e lentes, criam um mal entendido que impossibilita a *entente* e subalternisa o escolar aos caprichos despoticos do mestre?

O certo é que pelo geral, a escola portugueza não prende, e sejam as causas quaes forem, o escolar faz o possivel para não aquecer logar na taboa em que se assenta. Em alguns a sêde de desforço contra a auctoridade do catedratico é tão forte, que já teem chegado a estalar motins de rua, comicios de protesto, berratas contra os lentes, bem como folhetos incendiarios a proposito d'exames e concursos, onde a tendencia é acusar os regulamentos de ro-

tina, e a mestrança de sentimentos de parcialidade e rancor contra os desprevenidos subalternos.

Na Universidade houve um professor frequentes vezes vítima d'afrontas d'essas, e ainda ha tres annos se publicava com o seu nome um grosso tomo de anedotas calinas, tão pessoalmente exatas que ainda a maior parte eram versões dos *mots de la fin* e das *nouvelles à la main* do *Gaulois* e do *Figaro*, pelo auctor da obra ajustada á campanha d'odio que o movia.

A verdade é que o espirito da escola, principalmente o da escola superior, tem ainda os seus quês de jesuitico: pouca liberdade de movimentos, um dogmatismo estreito e fóra do seculo, frouxa intenção na fórma d'ensinar; e por outro lado nenhuma retentiva intensa na massa estudantil, que aprende de cór, sem fé prosélytista, com a preocupação antecipada d'esquecer.

Derivará d'ahi esta tendencia chronica para a cábula, particular das aulas portuguezas, — jogar de parte, pedir dispensas alternadas, copiar a dissertação de caderninhos, etc. — coisas risonhas em que se expande o ardil e o instinto ironico dos mo-

ços, mas que primeiro significam má vontade ao trabalho, entusiasmo escaço pelo estudo, e estremada pécha para arranjar classificação em vez de sabedoria, segundo a ronha de gentes que não esperam ser providas por grau de meritos, senão por algum processo immoral de subserviencia ou de empenhóca.

Disse que não póde haver instrução secundaria proveitosa, mesmo com programas magnificos, quando o ensino primario antes não tenha uma organização forte e segura. Pois succederá o mesmo com o ensino superior, relativamente ao secundario. O exito do curso superior depende não só da preparação secundaria, como tambem do senso pedagogico dos lentes. Ora sendo esse preparo mau, e o tal senso pedagogico coisa rara em portuguezes que não tenham ido ao estrangeiro desenvolvê-lo, resulta que a rapaziada vazia quazi de noções de cultura geral, e desprovida de todo o instinto scientifico, vae para os cursos superiores como que alheia, incapaz de trabalhar por si, de tomar interesse ao estudo, de mobilisar e classificar noções adquiridas — n'uma palavra, em manifesta inferioridade sobre o es-

tudante belga e alemão, que é logo á sahida da escola, pela contextura fria do espirito, uma machina de precisão d'ideias, uma força difficil de furtar d'ali por deante á polaridade scientifica que a escola lhe creou. Na maioria dos casos (os professores o dizem) impossivel realizar com o estudante portuguez investigações scientificas, de o fazer raciocinar seguido sobre um thema, ou lhe pedir qualquer monographia sobre pontos de sciencia concreta, pois tudo para eles são cavalos de batalha, razão dos maus methodos d'estudo, agravados pela falta de noções elementares anteriores...

D'ahi o estudo das disciplinas, mutilado, desconexo em geral por falta de mezes de trabalho compacto que o robusteçam, de regulamentos que o concatenem, d'exercicios enfim que tornem o saber duravel e profundo, o estudo tampouco visa entre nós o fim supremo do ensino: a *missão moral*, que faz puritanos, a *preocupação social* que faz cidadãos, e o *culto da bandeira*, que faz homens. Tres coisas que deveriam sempre estar presentes ao espirito de quem ouve e de quem explica, pois sem a convergencia d'elas póde a sciencia fazer

sabios, mas nunca caratères nem cerebros fortes, convertendo-se n'um agente de des-integração a juntar aos que já trabalham a alma da mocidade, como sejam os livros estrangeiros por onde ela estuda, e quantos exemplos de veniaga o parlamento, a imprensa, certa literatura e certo theatro, lhe oferecem em pabulo, para lhe amortecer esse espirito de nacionalidade que é para os pequenos povos ameaçados o grande esteio da unidade historica, e a razão maior da vida independente.

Outra coisa implicate é o isolamento em que, instituidas já de muitos lustres ou de seculos, jazem certas grandes escolas portuguezas relativamente ao meio social, que parece alheio á sua ação.

Coimbra, Porto, Lisboa... Presumivel seria que a permanencia da escola, longos annos num centro de população, começasse por influir na vida d'ele, creando á roda fascinação mental, ponto de partida de campanhas educativas por onde a hegemonia escolar se fosse engrenando ás outras atividades da terra, em termos de as vincar co'a sua *vis* victoriosa.

E' o que succede com universidades in-

glezas e alemãs, e tambem algumas hespanholas, como Oviedo e Salamanca, onde professorado e discipulado pelo facto do enthusiasmo que se comunicam, e da camaradagem estreita em que trabalham, conseguiram alargar para extra-muros do ambito escolar o seu raio de ação educativa, creando, a exemplo da célebre escola ingleza de Toynbee Hall, o que por toda a Europa se chama «extensão universitaria», obra altruista sublime, apostolado d'instrução popular terno e fervente, de que ao depois direi com mais vagar.

Ora nenhuma das nossas escolas superiores parece exercer (modernamente ao menos), no ser circulo de séde, qualquer influencia psychica ou moral sobre a população dessiminada; e seja exemplo Coimbra, a mais constricta e isolada de todas, visto em Lisboa e Porto, fóra das aulas, o estudante nem sequer ter fisionomia d'estudante, dissolvido na massa neutra da rua como qualquer outro anonymo que passa.

De feito, que instituições cultuaes beneficis, ou para a sciencia, ou para a instrução popular, ou para a viricultura, ou para a esthetica, creou de roda de si a universida-

de, em tantos annos de permanencia no seu classico morro á beira rio?

Theatros, clubs, bibliothecas, revistas, como em certas universidades alemãs; centros d'atletismo, sportismo, excursionismo, como em certas universidades inglezas...

Que apostolado moral, que propaganda de factos ou d'ideias, sobre as camadas humildes, que tão sofregamente lhe haveriam escutado o verbo redentor?...

Vive o frutica das sobras do estudante, mas tão arredio d'ele que um odio secular de quando em quando os ajunta em batalhas de móca onde corre sangue em borbotões. A população obreira da terra, se não fôra uma escola industrial que lá puzeram, e uma outra d'arte que Joaquim Gonçalves e Quim Martins, impulsionaram, estaria tão analfabeta como as outras do reino; e quanto á gentuza dos logarejos jacentes, e que poderia ser iniciada como em Salamanca e Oviedo, por benemeritos da «expansão universitaria», são miseraveis bestas fétidas que os aristocratas da cultura desprezam, e a população escolar criva de chascos.

Ha annos, estando em Coimbra por

ocasião de não sei que visita régia á cidade do Mondego, pude assistir a um espetáculo característico das relações estudantis com a população rural dos arrabaldes.

Para reverenciar os reis houvera festas: parada, procissão, fogos de vista; e isto fizera afluir dos arredores, milhares de lavradores, com seus tamancos sem meias, seus mulherios d'uberes caprinos, com os mantéos de burel, os chapeirões e a sovaqueira fumando um butyroso bedún d'antigas eras.

Bródio volvido, os ultimos foguetes de lagrimas queimados, a arraia forasteira desandou a dormir pelos passeios e squares das ruas, amosendada como o gado, com os trazeiros d'uns servindo d'almofadinha ás cabeças d'outros, as mãos resguardando os sitios pudendos, as gorjas sécas dos roncós d'assobio pautando a poeira do ar frigido da noite, onde sob as morrinhas do gaz negrejavam as saragoças dos ranchos, que o asco morno das peles encardidas assemelhava a rebanhos d'ovelhas detidas no redil, para a estrumada...

Eu ia pelos caes, com outros, sob um luar minguate que embaciava o espelho

da trança d'agua do rio, quando d'uma rua algazarras estridulas romperam, e vimos alguma gente a correr, com grandes brados. Bem depressa chegou té nós uma esturdia de moços, que de cabelo ao vento e capas traçadas, pulando como diabos, vinha zurzindo desde o fundo da scena os dorminhocos, mercê de sarrafos que brandiam com uma ferocidade de despotas affeitos a brincar fazendo sangue. Os mais ageis, á frente, chegavam com um pé ante pé subtil cerca dos ranchos, e bispando fêmeas, d'um golpe brusco erguiam-lhe as fraldas, para sobre o pudim dos gluteos lhes descarregarem com os sarrafos, surras tremendas, que os maridos e os manos recebiam, já se vê, de horrivel sombra — ou por pudor ofendido, ou enfim pelo que a investida soia mostrar de murraça preta na carne redondil das suas damas.

Paralelamente ás fressuras do sexo tenro, os zurzidores malhavam nas costas do outro, sem escaparem as mãos dos rapazótes, que estremunhados, sem ainda entreverem do perigo senão a parte ornamental dos berros e dos rizos, faziam os mais comicos tregeitos para furtar as mãos á estalada dos bo-

los, brandida com energia de cyclopes por dois carrascos barbões de Traz-os-Montes.

Pois em vez da reacção furibunda que esperava por banda dos rusticos, com pasmo reconheci que esta cóça geral (para mais intrometida d'afrontas ao pudor mulheril) não provocava cóleras mui vivas, parecendo que o poviléu estivesse por tradição drenado nos enxovalhos e tundas com que a seus amos prazia distrahil-os. Um que outro mais fantil, soltando-se das mãos que o prendiam, fazia geito de tomar do marmeleiro, ou atirar alguma solha ás ventas inimigas; ou eram palavras d'insulto, atenuadas logo d'outras lastimeiras que lhe aplacavam o efeito, restabelecendo a submissão medieval do servo ao filho d'algo; e apenas dois ou tres a quem tinham escarrado na boca, topados a dormir com ela aberta, recalcitaram com energia de homens, brandindo socos, fingindo puxar de facas — sanha de resto logo extincta, pois as gorjas dos typos, ferventes da escarraria alheia que guardavam, entraram a sufocar-se de vomitos, e acabou tudo no meio dos vivos dos que só tinham logrado apanhar tundas de pau!

Eu, com esta scena academica ri muito, gozando as que Fernão Lopes conta sobre os reinados barbaros de Fernando o formoso e Pedro o cru, e mesmo pela tafularia desinvolta, elegantissima, hilare, com que a flagelação se déra, á guiza de tributo pago, de preito secular feito costume pelo consenso d'um povo mais propenso a rastejar do que a morder. Gostaria mesmo de vêr aproveitado para a scena este episodio de costumes ogivae do seculo XV, digno da *Notre Dame* ou do *Monge de Cister*; mas pensei para mim que esses dois blocos, universidade e povo, tinham vida antagonica, e só se poderiam entender depois de preenchido o barranco de 5 ou 6 seculos de civilisação que os separava: venho a dizer, quando virilizado o povo se não deixe mais escarrar e zurzir pelo estudante, e o estudante instruido se envergonhe de rebaixar irmãos só pelo facto do seu desnivel mental e moral na escala humana.

Aqui de lado dizem que esta bohemia dos trinca-fortes de Coimbra não é nada, em comparação do que foi, e que ultimamente parte da grosseria medieval vae-se abolindo das troças, mercê do descerni-

mento dos proprios escolares, que renegaram dos processos antigos, varados pelos sucesos tragicos com que a brutalidade das tosquias e canelões criminalisára, ha alguns annos, a pacatêz da vida estudantil. É bello isso, mas nem pelo facto das selvagerias cessarem estamos cerca da tavola que a Universidade e mais escolas superiores ha muito deveriam ter formado para a compita d'essa obra maxima de, fóra das tarefas officiaes, se promover uma campanha de fervor contra o analfabetismo e a inconcebivel barbaria do povo portuguez. Campanha impossivel emquanto a Escola, em vez de fóco de luz, fôr essa officina de aleijões que ahi se vê! Porque é evidente que á desorganisação do ensino deve Portugal a legião de pusilanimos que pelo maior compõem as classes cultas, e são o produto d'estudos incompletos impedindo um exercicio altivo das profissões, e d'uma carencia de preparo philosophico e moral capazes de fazer do portuguez, para as lutas da concorrência, um organismo integro e são. Somos por hereditariedade uma raça atonica e cansada, mas n'essas forjas chamadas escolas, poderia dar-se tempera d'aço novo a

muita avarióse portugueza, se os tres corpos d'ensino fizessem continuidade uns com os outros, se as materias scientificas não fossem truncadas ao longo dos annos lectivos, se os feriados e bródios officiaes se prohibissem ou limitassem, se a menemonica que é o instrumento acquisitor de noções quasi exclusivo, fosse substituida por algum processo experimental de typo novo (educar, diz G. Le Bon, é fazer passar o consciente no inconsciente, creando associações produtôras de reflexos, de trama duravel, precisamente o que não faz o ensino dos livros e o predominio da memoria no trabalho estudioso), e por ultimo os lentes, com preparo de educadores que não possuem, mirassem *algo mas* que ser na pedagogia nacional como uns automatatos para quem os alumnos são numeros, em vez d'espíritos — vales d'emolumentos, em vez de *pagarés* patrioticos a longo prazo. «*Não só não podem progredir, como nem teem esse direito*», diz o suisso. E como ele generalisaria a todas ou quasi todas as escolas superiores, a maldição lançada ás primárias, caso pudesse assistir um anno á comedia do ensino portuguez! Por essa assistencia teria tocado alguns dos

motivos peores da cachexia luzitana, a chaga putrida que infecta as gerações estudiosas, a gangrena sêca que faz cair aos bocados, nos conflitos da vida publica, a integridade e a energia d'uma juventude que a escola nem preparou, nem fortaleceu, nem preveniu, e que ao fim abandona para as incertezas do *strugle*, com toda a cobardeia e toda a hesitação d'um proletariado incapaz de marchar pelo seu pé.

*

* *

Findo este exposito sumario do quanto os serviços d'instrução e educação nacional vão desleixados, cuido que nenhuma duvida terá V. em concordar que o momento é tremendo, e problema algum traduz melhor a degenerescencia portugueza de que este de não haver professores, nem escolas, nem ensino, e tam pouco o discipulado parecer, por agora, em disposições propicias a adiar ou remediar o futuro no descabro tragico final.

Em tão grave lance, aguardar que os

governos comecem, sem os incitar por um levantamento em massa de todas as energias validas do reino, é persistir n'uma resignação immoral e achar no suicidio o remedio unico de misérias que Portugal só deve á criminosa apathia dos seus filhos.

Se tal fizermos, correrão outros cincoenta annos primeiro que o analfabetismo baixe da pavorosa cifra que nos aponta ao desprezo do mundo, e seguirão no ensino superior as profissões liberaes n'um incultivo humilhante para a sciencia avançada e racional do mesmo tempo. Não! Não!

Do que se trata é de chamar ás armas absolutamente todas as colaborações representativas de seiva disciplinada e d'energia serena, e d'organisar e mobilisar paralelamente á função reformadora que ao Estado cumpre, brigadas de cidadãos que a reforcem, fiscalisem e multipliquem, de sorte que a iniciativa privada exceda sempre o total dos esforços centralistas do Estado, e pugnar pela instrução para que seja para o portuguez alguma coisa imanente, como digerir e respirar. Sem essa ação contra o inimigo comum da barbaria, em que entre-mos todos, como se tratára de defender a

terra da invasão estrangeira : sem essa tática envolvente que por um prodígio de dinheiro e vontade se decida a escalar d'um hausto a posição perdida por Portugal na Europa ha quatro seculos, nunca o problema da educação e instrução nacionaes poderão colher desfecho rapido; e só um desfecho rapido nos salva, e deixá-lo exclusivamente á ação do Estado é aniquilar pela preguiça a unica probabilidade de perdurar e de viver!

Em 1899 o hespanhol Macias Picavea examinou no folheto *El Problema Nacional* os symptomas da *enfermidade hespanhola*, logo a seguir ao desastre colonial da nossa irmã.

«Idiocia ou parésia do progresso e da marcha evolutiva social, diz aquele escritor; psitacismo ou predominio da palavra e da rethorica sobre a ideia; atrofia dos orgãos da vida nacional (regiões, conselhos, gremios, classes, corporações sociaes); olvido e suplantação das tradições; perda de personalidade; desorientação, incultura, ideologismo, vagabundagem, moral barbara, irreligiosidade decadentista, individualidade regressiva, etc...» Eis os patognomonicos da

decadencia castelhana, e hemos de concordar sejam os mesmos da nossa, tendo a *enfermidade portugueza* mui pela certa as mesmas causas. Sobre a especie de atonia congénita da raça, que se deprimiu por uma serie d'énxodos e méscelas de sangue inferior, haveremos de mencionar entre essas causas todas aquellas depredações que a miseria, a cerrada ignorancia, e o isolamento de correntes civilisadoras devido á posição geographica, acarretaram sobre este paiz, ainda para mais amolecido pelo clima e desmoralizado pela tradição de ter vivido sempre á custa alheia. É o intellecto portuguez, pelo geral, mau grado as causas que favorecem n'elle a aparição d'atavismos inferiores, capaz de se civilisar á moderna, e progredir sob as campanhas d'estimulo que estão fazendo acordar maravilhosamente a visinha Hespanha, nossa irmã?

Macias pede para a obra da regeneração hespanhola um d'esses ditadores de genio que, no seu geito de vêr, teem sido sempre os propulsores das transformações sociaes de certa monta. Mas além de que a aventura do Corso se não renova, por os Napoleões serem raros, e a Europa não estar disposta

a proval-os antes de saber o que valem, julgo trabalhará mais pela certa quem puzer a multidão em condições de se regenerar por si, isto é de fazer do ensino a grande e primacial questão da vida moderna, afim de por elle chegar a todos os desenvolvimentos e avanços da civilização medrada ao sol da liberdade.

Em Portugal esta questão é suprema, e não apenas intelectual, mas moral, devendo primar até a colonial e a financeira, sendo um crime de lesa-patria protelá-la em nome de cobardias que de resto só desvendam a incapacidade dos que mandam e a inconsciente estupidez dos que obedecem.

Ora não é do parlamento que devemos esperar para o grito d'alarme, pois os parlamentos são em todo o mundo quasi o mesmo que o nosso, reuniões de mediocres ligados por somas de cubiças e interesses que raro se justapõem aos nacionaes. Especialmente nos paizes latinos, o odio das *élites* cultas ao parlamento é por toda a parte intenso e obsedante, desde que se reconheceu que os paizes apulhastrados são os que mais tempo perdem em altercações e discurseiras. Por toda a parte o bom senso

das populações repulsa essas oficinas de sophismas, bravatas, grosserias, onde todas as questões nacionaes são desviadas e aproveitadas a beneficio d'individuos, ou de grupos, e onde ao cabo de mezes de tumultos nada se adiantou que tres ou quatro homens de talento não fizessem melhor, em tres ou quatro dias, no silencio dos seus quartos de trabalho.

Para a generalisação do ensino popular, ou primeiro ensino, que compendia, dissémos, o elementar, o primario, e o profissional, o que convém é formar uma confederação de sociedades ou ligas, ésparsa em maçonaria por todas as terras do reino, de sorte a colher todos os elementos de preponderancia e força que ahi médrem.

Já em Lisbôa se crearam duas dessas benemeritas, a *Liga Nacional d'Instrucção* e a *Liga d'Educação Nacional*, que tratam de espalhar sucursaes pela provincia, e d'interessar na propaganda o pessoal dos lyceus e escolas superiores.

É muito pouco, é nada, em proporção do que ainda tem de se arrostar. Será preciso que não haja vila ou aldeia sem a sua sociedade d'instrução e educação, que as

casas centraes dirijam, composta de todas as gentes ricas e ilustradas, de sincero querer, sob o compromisso formal de não deixarem ninguem sem ensino, usando para isso dos meios dirétos e indirétos que a sociedade tenha ao seu dispôr.

Como organizar essa inextrincavel rêde, em termos de não deixar escapar o mais miseravel *monte* ou logarejo? Por uma cruzada teimosa que léve das cidades e centros cultuaes, apóstolos a todos os fojos da bisonheria portugueza, a propalar a urgencia desesperada de Portugal abrir os olhos e resurgir para a vida moderna em rapidos galgões. Missões ambulantes, cuja prática livre as auctoridades facilitem, e que percorram as terras, falem ao povo, arrebanhando as influencias locaes uma por uma, e organizem por toda a parte o cadastro minucioso dos incultos, e a campanha salubre de se apontar como um monstro todo o que não possúa ao menos a instrução primaria official, e fóra das rudezas do trabalho não procure na leitura de livros e jornaes esse prazer mental que é a primeira sigla de estar transformado o bruto inutil, em unidade inteligente.

Haverá cruzada mais brava, grandiosa, cavalheirosa, do que esta d'arrancar vendas a cegos e curar de catalepsia povos mortos? De, por via de comícios, conferencias, periodicos, prospétos, editaes, sacudir, vibrar, reacender o nervo das energias vitaes adornadas, impôr fé n'um systema, e derribar do seu throno a barbaria e estupidez tradicionaes d'este paiz soez de gente servil, descalça, apathica e desmoralisada por ter perdido a fé na felicidade? Sim! Sim! Prégam a campanha da instrução como os mouros d'Argel prégam a guerra santa, com um fervor fanatico e violento: o irmão catechizando a irmã; o filho culto, o pae analfabeto; o parocho, os freguezes; o medico, os clientes; e todos por um, e um por todos, de sorte que não haja ouvidos que a não oiçam e consciencias que a não sághem — que só assim a preocupação de saber entrará no alimento diario, no renovo incessante que mesmo em raças mortas a fisiologia faz, por escala imperceptivel, té se tornar, essa preocupação de saber, em ideia fixa de todos, e alavanca inherente ao destino social de cada um.

Emquanto as sociedades ou ligas locaes

vão-se instalando, e a sua rede alastra e fécha circulo, estudem as Centraes, como já começaram a fazer, um projéto d'instrução elementar, primária e profissional, verdadeiramente moderno e talhado sobre as acquisições pedagogicas do tempo, estudem-no e discutam-no sem pressa, sob todos os aspétos práticos, face ao futuro de tantos milhões de seres a transformar; e o governo o decreta, e para a sua instalação faça o cadastro dos edificios novos ou reformados que ha mister.

Edificios solidos e sem luxo, talhados, como disse, em tryptico (a aula ao centro, co'a residencia do mestre, a bibliotheca escolar; aos lados a escola agricola, e a d'arte e officios) e no mesmo cercado as indispensaveis dependencias, cantina, gymnasio, parques ou jardins de jogos e recreios; e as aulas amplas, rasgadas (ao contrario das famosas gaiolas de grilos) em vista do aumento, que não do decrescimo das frequencias escolares, e com elegancia e graça moças, de sorte a serem no burgo a construção convidante, que ria ao sol jovial, e tenha o ar de abençoar e florir a passarada infantil que ahi esgaravulha.

Até hoje as nossas escolas primarias não vão além de cacifros infectos, ou instaladas em predios que primitivamente teriam outros destinos, ou se possuindo construções proprias, entremostrando na fórmula de cazernas e fabricas de moagens, a falta de hygiene e a falta d'imaginação dos architectos salobros que as crearam.

Com a fisionomia e a architettura da escola, é d'urgencia mudar a fisionomia e a architettura psychica do mestre, tanto monta dizer, fazê-lo de novo, prepará-lo, drená-lo, afiançá-lo para o consideravel encargo que vae ter. Encargo tremendo! nada menos que ser uma das pedras angulares da sociedade, pois dependerá d'elle, hoje que a plebe manda, quazi exclusivamente o futuro e a consciencia multipla da nação. Fazer o professor é uma coisa tão difficilmente complexa como organizar o programma por onde ele venha a ensinar. Eis os dois terri-veis escolhos que só em paizes raros a encerebração methodica dos pensadores aborda sem desencanto ou fracasso de maior. Ou porque vertiginosamente as condições sociaes da plebe mudem, creando todos os dias ao monstro novas sedes; ou porque

com as exorbitações da liberdade, causas do espirito anarchico corrente, cada vêz seja mais áspero o modus vivendi entre a minoria que dirige e a turba-multa que moureja, o certo é que as sucessivas reformas d'ensino, e sobretudo as do elementar e primario, que na Europa e na America se teem feito, ou por completo falham, ou episodicamente não chegam a dar o que se espera, resultando nos pedagogos e educadores um desalento que milhares de relatorios, livros e congressos pedagogicos atestam.

Se houvermos de tratar o problema da educação e instrução populares com fitos sérios de seguir na vanguarda dos povos vencedores, lembrar-nos-hemos de que esses povos não tiram nunca do professor primario os olhos inquietos, como d'aquelle de quem tudo depende, e é necessario persista á prova das desfalencias e desanimos dos mais homens, sempre com sciencia e prestigio moral maximos, e não podendo envelhecer nem descansar...

Não olvidemos pois entre os tópicos d'uma reforma primaria, os seguintes, que propositam fazer do mestre-escola, em vez

do fantóche ridiculo que é hoje, o funcionario intangivel e superior que deve ser :

1.º — Escolas Normaes reformadas em face. aos avanços da sciencia pedagogica, e ás necessidades novas da massa popular.

2.º — Tirocinio preparatorio antes da provisão definitiva em cáthedra.

3.º — Fixação de honorarios que ponham ao abrigo da miseria, e dêem ao professor completa independencia sobre caciques politicos, inspetôres, fornecedôres, paes de familia, etc., typos que d'ordinario o humilham e perseguem com exigencias absurdas, explorações, *chantages*, a ponto de muita vez fazerem d'ele um sacripanta sem personalidade, nem envergadura moral, pois de galopim a sabujo tudo o desgraçado abórda para que o deixem em paz na sua tóca.

4.º — Provas publicas de 5 em 5 annos, ou o maximo de 10 em 10, para que nunca a craveira do ensino baixe, e se alégue que a sciencia evoluiu já depois de provido o professor.

5.º — Fixação do ambito ensinante por numero de cabeças, não devendo cada professor lecionar mais de 30 alumnos, 40 o maximo, sabido como excedendo-se estes

limites não mais seja possível desvelar o ensino, e ter sobre a creança a minuciosa atenção que ella requer.

6.º — Consideração dada ao professor em todas as cerimoniaes e formulas officiaes, tornando-o o primeiro cidadão, logo apóz as auctoridades, pois rodeando-o do maximo respeito se lhe fará comprehender que se lhe exigem as maximas responsabilidades.

7.º — Reforma do serviço ao fim d'um certo tempo, sob testemunho d'incapacidade manifesta, e com o ordenado havido a quando válido.

Outorgar ao mestre-escola todas as garantias materiaes e sociaes que o meticoloso cargo requer, afim de no desempenho d'ele se lhe poder exigir uma observancia intransigente, o que até agora se não poudo fazer, dado o ridiculo preparo technico, a miseravel paga e a multiplicidade d'officios que o desgraçado aceita (em terras de provincia ao menos) para equilibrar finanças que, mesmo equilibradas, nunca deixam de lhe dar o aspéto d'um trocatintas ou d'um pobre.

Fazêl-o sabio, fazêl-o independente: E depois ser implacavel, não o largar de vista, não o deixar resvalar nem descansar. Não

consentir que caciques locais, administradores de concelho, sub-inspétores, etc., toda essa malta que médra na lambuja dos votos, do arranjismo malandro de que o Terreiro do Paço é fornalha e caldeiro, faça do mestre-escola uma especie de moço d'ofícios porcos, de galopim desprezível, alma em certas vilórias das traficancias grotescas sobre que assenta o sufrágio, em paga de o deixarem no ensino sem fiscalisação nem freio official, á solta de fazer da escola a pocilga d'estupidez, imundicie e superstição que cada qual póde vêr por ahi, em bom numero de terras sertanejas. E tolerar ainda menos que a demagogia volante dos caga-cebos de comício, vulgarmente conhecidos por tribunos, e a acrimónia ferózmente imbecil das folhas revolucionarias, que os equivalem, acabem d'azedar n'aquellas almas oprimidas os fermentos d'injustiça social que lá dormitam, tornando o mestre-escola em agente de propagandas venenosas contra as fontes d'auctoridade, a disciplina, a ordem, o prestigio da justiça e a inviolabilidade da vida privada, como tambem já se vêem centenaes por esses logarejos e vilórios ultra-selvagens, em que o vamos achar

pelas tabernas convertido em energumeno de todas as más paixões de campanario, trovejando demolições cujo sentido ácido talvez em parte lhe escape, e com que se avoluma o fogacho de retaliações que será o fim da tragedia já começada a explodir pelas cidades...

Civilisado ou embrutecido, todo o homem é preza de duas forças rivaes que constantemente se investem e disputam primazias. Uma que o reporta ao passado e lhe transmite por hereditariedade as ideias, habitos e modos de sêr e de vêr dos antecessores. Outra, evolutiva, (espírito de revolta lhe chama Bakounine) que adapta o individuo aos meios novos, e não cuida senão de o renovar e transformar rapidamente. A vida humana não é mais que o duelo entre estas forças antagonicas: uma conservadora, a outra transformadora; e segundo a victoria d'uma ou outra nas camadas humanas, assim estas aparecem marcadas por um espoente de retrocesso ou progresso que exprime o grau da sua aptidão maleavel para os labores da vida civilisada. Nas populações do campo e cidades de provincia que nenhuma corrente de vida europêa

atravessa, claro que não havendo cultura nem estímulo algum que acorde o *espírito de revolta*, as multidões são prezas da força retrograda, *da outra*, e escravas portanto da tradição rutinária que as manietta aos ancestros, impossibilitando qualquer tentativa de modernização e d'*étape* progressiva. Exceptuando talvez um terço de Lisbôa, e um quinto ou um sexto de Coimbra e Porto, o resto do paiz vive na coação da força retrograda, emparedado em imundicies de *ghetto*, bestealidades de cerdo, idolatrias de negroides, falido para toda e qualquer reacção purificante, n'aquella especie de dispenéa atavica que a Blasco Ibañez sugeriu o titulo «*Los muertos mandan*», da sua ultima novela...

Entrem nas igrejas d'aldeia, á hora da missa, estando a turba-multa descoberta, e as cabeças em ceara ao rez do exame de qualquer observador inteligente; perscrutem essa mesma multidão nas procissões, nas inspeções militares, ou junto ás urnas electoraes: que logo pelo feitio dos craneos e expressão estraviada das veronicas tiram ilações inquietantes sobre o grau d'educação e desbaste mental do povo portuguez.

Craneos de frontal fugidio e temporas deprimidas, de malares escavados, de debuns orbitarios muito compactos, d'apofyses e taboas osseas de tal sorte macissas que ellas estreitam o campo d'expansão das circumvoluções — de dentes obliquos, maxillas prognatas carnivoras, promontorios nasaes partidos a murro; faces onde a animalidade prima a intelligencia, e os appetites bossaes fungam ou esguinham no dilatado ou constricto de feições desymetricas e duras: typos de cão, de lobo, de rapoza, de pintasilgo, de môcho, de carneiro, de boi, de gato-bravo; câras de ferocidade, d'estupidez, d'astucia hilare, de doçura herbivora, cobiça irriquieta, concupiscencia cervical, ironia simiesca, etc., tudo isto recorda aos menos peritos em tentas antropometricas, um homem mais cerca do antropoide de Darwin, que do *Penseur* de Rodin e do canon das estatuas gregas: e entre este *penseur* e aquele orango toda uma serie de typos intercalâres fixando *étapes* d'evolução, desde o *homem-animal* das epochas trogloditas, té ao representante da seleção mental suprema, como sejam Ibsen, Pasteur, Metchnikoff ou Victor Hugo.

Nas raças progressivas, puras, e que não sofreram intercadencia na sua curva d'evolução té nossos dias, claro que estes typos intercalares, de craneo mal feito e face estraviada ou inexpressiva, são raros: a mascara pelo geral n'elles refléte uma nobreza em que se fundem o doairo da intelligencia, com a emoção da delicada sensibilidade, e a altivez do heroismo viril do homem senhor de si e senhor do mundo, e que chegado ao cimo da montanha, repousou.

N'aquel'outras porém em que, mercê de cataclysmos de historia, prevaricações de *meneurs*, e cruzamentos ou mesclas inferiores, houve paragem, imediatamente o typo retrocede, e pela conformação dos craneos e expressão animalisada das faces, veremos, senão d'uma maneira rigorosamente scientifica, pelo menos com aproximado diagnostico, o quanto a seleção será difficil, e o chegar á méta da civilização actual, para esses povos parésicos, um trabalho brutal e esmagador.

É pouco mais ou menos o caso da população portugueza (aparte as camadas superiores de cidades onde pode chegar a corrente europea), e tanto mais frisante

quanto mais recuada a região ou provincia, havendo sitios do Alemtejo, Traz-os-Montes e Beiras onde talvez o embrutecimento supere o de certas tribus da nossa Africa litoral. N'essas povoações ou cazalejos perdidos entre o sobro dos montados, a folhagem dos castanhos e a fiada d'ulmos dos lameiros, n'esses curraes bisonhos de taipa ou granito negro, sem o menor signal de conforto ou de hygiene, podereis topar á hora da missa, nas procissões, nas inspeções militares, esses typos intermediarios do homem lobo, do homem cão, do homem rapoza, do homem mocho, do homem simio, que fixando exemplares de cerebros atróficos, d'inteligencias em regresso ou em coma, de gerações resvaladas á bossalidade sordida dos brutos, desviam da sua linha ascencional a humanidade, e fazem de certos ramos da familia luza como uns hibridos de bicho e de homem, caricaturando especies zoologicas de que, segundo o fascias, quasi se póde dizer que imitam a vida e perpetuam os instinctos inferiores.

Eles ali estão como ha mil ou dois mil annos os vieram topar na peninsula as invasões romanas ou mouriscas, com a mesma

obcessão da força para derimir todos os pleitos, a mesma mobilidade de sentimentos explodindo por qualquer coisa em fúrias homicidas, a mesma carencia d'espírito de causalidade, os mesmos acessos genesicos sem *flirt*, a mesma insensibilidade á dôr, a mesma falta de decoro e de *nuances*, a mesma superstição calamitosa, o mesmo atabalhoado no falar, a mesma inaptidão no refletir.

Quem ensina, quem guia, quem pastorêa, quem manda esta pobre massa ululante, escória d'escórias, e cuja degenerescencia hereditaria quotidianamente se agrava por uma escravidão social quasi continua? quem finge dar-lhe organização consciente, quem a leva a eleger pelo seu voto essa mestiçagem d'adiantados, de palradores, de paspalhões que S. Bento abriga para o estilhaçar de carteiras, quando com a cobiça de muitos briga a má criação do resto, e contra-vem valentações a decidir quem tem razão? O grande proprietario senhor da terra, o comerciante acaparador dos generos, o administrador do concelho, o juiz, o parochio, o medico, etc.; e sobre estes *meneurs* immediatos, os dois *compéres* de revista que se

chamam o deputado e o ministro, e estão á porta a empochar o prodúto da função.

Vós bem sabeis como estes zagaes tratam as rezes, e em que ratoeiras-redis as teem fechadas. A todos convem que o boi não tenha cornos, e a escola não abra os olhos ao Prometheu catracego, que é para lhe roerem o figado os abutres que desde as origens do mundo o vem guiando.

«A vida não é mais que o duelo de duas forças que constantemente se disputam primazia, disse eu ha pouco, reproduzindo o pensador Ch. Malato. A de conservação, retrograda, que domina as massas. A de renovação, que seleciona a vida, e é o propulsor social de todo o esforço.» Esta ultima vibra em especial nos cerebros intrépidos e nos caratères obstinados que pela força da intuição ou da cultura reagem á hereditariiedade e ao meio, conseguindo crear um criterio precursor que vae na frente, alborotando, e traz d'ele, por ordem de curiosidades, todos quantos gostam de vogar na barca, ao capricho ondeante da aventura...

Claro que para o conservantismo burguez, alguns d'estes precusores são inimigos, que muita vez pagam caro o excedente

de vistas proféticas sobre a maioria retrograda e ferrenha. Pelo poder d'antecipação sobre o seu seculo, pela vertigem d'evidencia que parece guial-os, em meio das derrocadas que produzem, pela audacia paradoxal das suas ideias, pela abnegação e espirito de sacrificio que quasi todos teem comsigo, pelo fulgor da consciencia serena, pela vontade inquebrantavel, ou pela bondade ultradivina, não pódem almas d'aquelas deixar de fazer sombra aos dirigentes, como perturbadoras que são do estabelecido, emquanto a multidão sentimental lhes lança corôas, pelo que em geral prometem d'insolito, e arriscam sem lucro, na obsessão d'ideal que os leva a rastos.

D'este metal são feitos os reformadores sociaes, os patriotas intrépidos, os grandes inventores, os grandes escritores, os grandes sabios, os grandes benemeritos: superhomens que exaltam a raça e fazem os picos da cordilheira humana, d'onde é permitido tratar hombro a hombro a divindade.

Temos cá d'isso?

Fontana, João de Deus, José Falcão, Camara Pestana, Sousa Martins, o Conde de Ferreira, D. Amelia Chamisso, etc., eis

ahi na escala de benemerencia, mais ou menos completos, e por um motivo ou por outro, nomes sympathicos que convem lembrar ás gerações. No campo politico...

Se a propaganda republicana tem sido desde o inicio uma propaganda educativa, se o partido republicano tem procurado, apenas ganhou hausto, refundir o portuguez desde a escola primaria, saneando o meio, tirando predominio social á tradição e á rotina; se em vez de cifrar a sua aspiração na cobiça abjéta de substituir idiotas monarchicos por idiotas republicanos, ao contrario tomasse a sério a missão pastoral, estudando no gabinete as questões nacionaes inadiaveis, e empregando a força dos comicios para impôr aos governos o resultado d'esses estudos; se nos seus actos administrativos e politicos mostrasse inteireza, não apaparicando filhos nem fazendo do sufragio uma chafarica peor que a dos contrarios; se tivesse uma integral noção da liberdade, revelasse um espirito de tolerancia antagónico do despotismo grotesco que em todos os actos publicos afixa; se por uma longa preparação sociologica ganhasse credits, fundando o seu prestigio em serviços reaes,

que não em fritangas de rhetorica e intonatas ridiculas donde os cabecilhas fogem, como a induzir que só a canalha se fez para a chacina — n'uma palavra, se em vez do batuque sinistro que resulta, o partido republicano se houvesse como um partido d'intelectualidade e de reformas, sem duvida os titulos de precursor e *meneur* lhe estariam á justa, tornando-o árbitro dos destinos portuguezes, e breve talvez senhor do mando.

D'outra fórma, esses republicanos que pretendem encarnar o espirito moderno e ter convertido á civilisação a massa bruta, só pelo facto de mudarem a fórma de governo, esses republicanos não são mais que o *transfert* da mesma tara hereditaria que ha 400 annos, em nome da religião, queimava judeus para lhes haver os bens, e ha 75, em nome da liberdade, fazia dos sete mil e quinhentos bravos, no dizer de Herculano, oito ou dez milheiros de comilões ¹.

¹ «... ces gens se croient de bonne foi hommes de progrès parce qu'ils ont le mot «république» á la bouche et, comme les autres, ils sont de purs reactionnaires, car ils ne vivent que de choses

Políticos, politicantes, peste!...

Em toda a parte a politica é uma occupação subalterna que só tenta os faladores e os intrigantes, e em geral se abandona ás gentes de pequena virtude, que a exploram como uma alquilaria ou uma tenda.

Ha 75 annos que tudo em Portugal é resolvido e feito por politicos. E o resultado é este! Corrupção, ignorancia, anarchia geral e marcado retrocesso em todas as representações da vida publica e privada.

Partidos recrutados por senhas de *bonus*, pulverisando-os em patrulhas que inviabilizam o parlamento, tornando a queda de ministerios n'um *sport* d'aventureiros e bravucões. Uma burocracia cleptomana que açambarcou os cargos, com móte de não deixar medrar na vida publica ninguem que não seja do can-can. Mezes e mezes d'assembleia onde os deputados fazem lútas d'apaches, ou exploram narizes de cera,

mortes. Ces gens-lá qui, quelles que soient leur étiquette et leurs attitudes, procèdent de la tradition et non de la science expérimentale, constituent une catégorie régressive.» — (Ch. Malato. — *L'homme nouveau*, pag. 27).

abandonando o terreno quando algum assumpto sério vem à fala. Uma imprensa que, aparte tres ou quatro jornaes, symptomatisa bem o descalabro da terra, tão desorientada e ignorante como o parlamento, vivendo de bagatelas e difamações injuriosas, ou reportages tão reles que por elas se aquilata a complacencia estúpida e a degradação moral de quem na lê. Nem litteratura, nem sciencia, nem arte, nem marinha, nem exercito, nem agricultura bastante ao sustento da gente, nem industria capaz de resgatar as dezenas de milhões em que, com importações estrangeiras e juro da divida se esgotam os recursos da mesquinha *epargne* nacional!...

É tempo, é mais que tempo de d'estes desenganos dolorosos sacarmos ilação que nos defenda dos *meneurs* alquiladores e dos messias intrujões, e sobretudo precate a candura publica contra as sugestões de *meneurs* novos, que de resto são os velhos com outra musica e muito mais descaramento.

Quem cotejar os discursos liberaes de 34, com os jacobinos de 909, não fica em duvida sobre os dominós d'aluguel dos ora-

dores, nem deixará d'inferir pela decomposição que teem sido estes 75 annos de constitucionalismo, o que seria uma era de republica, seguindo a turba no estado de selvajaria em que ora está.

Os «patriotas» que gramofonam ás massas por esses vilórios de maltezes, e voltam ovantes dos vivas que já levam de Lisboa, com a eloquencia e os farneis, certo não refletiram no picaresco papel que representam falando em liberdades de pensamento a sevandijas capazes de tudo menos de pensar, e em regalias civicas a rabuzanos que só desejariam a do vinho barato e a de ganhar a vida á jorna tripla. A tarefa d'acordarem o povo só lhes poderia ser tomada em sincero, se esses «patriotas» antes de buscarem eleitores — que é no que pensam — tratassem, como disse, de formar cidadãos, impondo por todo o paiz campanhas de cultura, e ao cabo d'extincto o analfabetismo nos dois sexos, emprehendessem sobre o portuguez cruzadas de direitos e deveres — o amor da liberdade, não pela prédica d'exterminios, mas pela tolerancia e respeito reciprocos, a devoção pelo trabalho, o culto da familia e dos filhos, o

respeito melindroso da infancia, do aceio corporal, que é uma das fôrmas do brio, o odio á taberna e á desordem, o habito da sobriedade e da economia, o espirito d'altruismo e sacrificio; e em ultima analyse o mais absoluto desdem pelas exhibições palavrosas e paradas theatraes de que medra por ahi, sob a égide patrioteira, tanto misticador ôco de caço e ainda mais vazio do sentimento.

Mas aos «patriotas» não faz enveredar por estes caminhos invios que só levam a conquistas platonicas, e tão cedo dariam ao partido a massa de sufragios de que ele precisa para a posse desesperada do mando, do mando em que ele só pensa, do mando que o enfrenezia, que o desespera, que o deslumbra, e já o tem precipitado em aventuras de sangue, e alfim lhe estará aplastado pelas balas da tropa, dado que por algum bamburrio heroi-comico não saia vencedor, para uma republiquêta de semanas ¹.

¹ Estafada coisa é dizer-se que as formas de governo em coisa alguma influem no progresso e na vida das nações. A Belgica, ha 35 annos governada por catholicos, é um paiz d'extrema civilisação, onde

Não nos iludamos pois, amigos meus! Nem deuses, nem decretos, nem revoluções de violencia já servem n'este seculo para purificar sociedades. E' lei inflexivel que emquanto o povo fôr ignorante, a revolução será estéril.

Desdenhemos das formulas sonoras. Não contemos senão com o homem que educado e instruido purifique a civilisação, fertilizando-a pelo trabalho, simplificando-a pela bondade, heroicisando-a pela força.

— Liberdade, antidoto de demagogia, e eis o que o partido republicano não entende. Arte, sciencia, filosofia, moral, são manifes-

as mais avançadas questões sociaes teem curso livre.

Ha pouco menos de dois mezes o presidente Roosevelt dizia a um enviado do *Journal*: «*O progresso não existe fóra da consciencia de cada homem. Os homens são tudo na historia, e as instituições não valem senão o que valem os caracteres que as fazem e as applicam.*» De que serviria pois á vida portugueza, tão carecida de paz e de trabalho, um ensaio picaresco de republica, com os vultos de cimento armado que o partido conta, e a sua falta de preparação governal, que é evidente?

Hontem (23 de maio) Homem Christo no seu *Povo d'Aveiro*: «*Não ha no partido republicano*

tações de liberdade. E' ella que enobrece a democracia, e para a saber entender é necessario ser culto e ter o coração tão alto como o espirito.

Ora o povo portuguez, que é um povo embrutecido, não está em situação de comprehender e praticar a liberdade. No Porto, por ocasião da peste, correu os medicos á pedra, e o mesmo acaba de fazer nas ilhas dos Açores.

Em Lisbôa, durante a visita de Loubet, depois d'ouvir de pé, no Colyseu, a *Marseheza*, pateou deante dos jornalistas francezes, logo a seguir, o hymno nacional. E

um unico estadista. Não ha n'elle um unico publicista digno de tal nome. Não ha no partido republicano sobretudo um homem d'energia moral. Tudo se confundiu na mesma imoralidade...»

O epilogo então vê-se.

Republica proclamada, no hiatus entre a proclamação e a intervenção estrangeira inevitavel (qualquer pecuinha diplomatica seria pretexto), veriamos os republicanos expurgados do poder pelos rapozos monarchicos, que mais elasticos e politicos se teriam convertido á fé nova, *pela força das circumstancias*, seguindo tudo na antiga podridão, para variar. E adeus talvez independencia!

não quero eu falar das romarias com flôres ás sepulturas do Costa e do Buissa, nem nos escarros deixados sobre os panos d'ataúde de D. Carlos e do príncipe, nem nas scenas canibalescas do Rocio, quando dos tumultos d'abril, nem nas mascaradas d'alusão ao regicidio, o entrudo ultimo, que tudo isto são aberrações por tal fórma exorbitantes da captação moral dos homens, que em balde se buscará pelo mundo, fóra da tragedia da Servia, coisa que de longe sequer as equivalha.

Povo de sacristães, bestas e cafres! Quem verdadeiramente o amar tem d'educal-o primeiro, livrando-se de tirar partido das suas taras criminosas, de cantar a sua lorpice e de subir pela sua abjeção. E eis o motivo das minhas duvidas sobre a bôa fé republicana, e da minha crença na eficacia d'um governo de força — mas de força! — que só cuide de restabelecer a ordem moral e material, para dentro d'ela resolver os pontos de cultura e fomento, sem a liquidação dos quaes nada pôde fazer n'este paiz.

*

* *

Por todas as fórmas é urgente extirpar da vida portugueza o marasmo da força retrograda, e só a energia dos grupos intellectuaes, movida por um altruismo corajoso, póde fazer cessar, longe das lutas politicas, esse paludismo ancestral de que são vitimas quasi cinco milhões de creaturas.

Ora, d'essa obra de transformação e redenção, o balanceiro propulsor, a pedra angular, é sem duvida alguma o mestre-escola. Calcularão portanto o melindroso cuidado com que será necessario formál-o, e a vigilancia incessante com que teremos de o defender dos agentes depressores, ou *meneurs* velhos, que continuarão a relaxá-lo como outr'ora, e dos agitadores ou *meneurs* novos, que necessariamente hão de querer servir-se d'elle para a sua propaganda dissolvente. É o mestre-escola o segundo progenitor dos pequeninos, o escultor cerebralizado das almas balbuciantes, que molda na cera virgem do espirito os caratères viris

ou frouxos que hão-de dar espoente á raça e preparar no futuro a obra válida da patria. Pois bem! que esse escultor faça modelos, em vez de caricaturas, Apolos em vez de Quasimodos, reflexivos em vez d'esturdios, homens de sangue frio em vez de sentimentaes literatiços.

Dir-me-hão dizer que tanto como doze ou quinze mil professores remunerados sem miseria, são um acrescimo de despeza respeitavel. Não ha duvida. E o estado deve pagar sem regateio, pois é despeza sagrada e que em pouco tempo resarcirá com agio o inevitavel sacrificio; o que certo não succede co'as dezenas de milhões que a podridão constitucional teem derrochado em patuscadas e orgias, de que os famosos adiantamentos são a mais recente amostra publica!

Como os acréscimos de despeza provindo da melhoria de paga aos professores, e aumento numérico d'estes, ainda o erario póde, mas já não direi o mesmo quanto ao custeio de 3:500 ou 4:000 edificios escolares a erguer de novo, para ser completa a rede do reino, e outros tantos a modernisar e a alargar segundo a traça que a reforma nova exigiria.

E eis outro ponto em que o alastramento e a catechése activa das Ligas poderia obrar prodigios d'amor patrio.

Já para traz frizei a escaça benemerencia civica dos nossos homens ricos, a percentagem somítiga em que estejam, na classe argentaria, os que vêem a filantropia em grande, relativamente ao bloco egoista dos que não dão cheta, ou se contentam com dar pequenas somas que pouco ou nada aproveitam á assistencia popular. É certo que alguns nomes resalvam no computo geral a secura do coração dos opulentos. Do Brazil contravem por vezes cheias d'ouro, a proposito de catastrofes e fundações d'obras piedosas, significativas do quanto, longe da patria, a saudade afina o amor do berço, e altruiza corações que sem o crisol da ausencia seguiriam mudos e indiferentes. Mas tudo isto é zero em proporção do que seria mister, e mais feito com a debilidade do sentimento do que com a força methodica do espirito, d'onde a sua desorganisação desprodutiva.

Se os homens de fortuna que nunca sahiram de Portugal, fossem pelo geral instruidos, e viajassem ; se a emigração

portugueza em vez de se fazer com analfabetos, levasse ao Brazil gente drenada d'intelligencia e d'ação para o *strugle* d'um continente que deixou de ser sertanejo ha muito, e onde a civilisação prospéra e vibra, certo as obras da filantropia nacional seriam outras, e mui diverso o papel dos portuguezes nos Estados da Republica onde dia a dia o predomínio antigo lhes foge, e d'onde acabarão de ser expulsos pela superioridade social e mental da emigração d'outras nações mais previdentes e mais práticas.

Assim a benemerencia dos ricos, sobre mesquinha em proporção da massa de riqueza acumulada nos cofres, tam pouco converge para o fim principal, que era instruir. Dão para construções d'igreja e capelas, para obras hospitalares, para peculios de Misericordias e irmandades (tanto monta dizer, para tudo o que nos dominios do bem póde abarcar o raio d'intelligencias estreitamente catholicas e sem visão de conjunto social); mas quanto a institutos, escolas, bibliothecas, museus, é uma miseria o que n'este seculo de democracia humanitaria está cahindo das bolsas para desbravo rus-

tico da raça e redenção mental da pobre gente.

Evidentemente essas grandes fortunas do trabalho continental e do exodo africano-brazileno já teriam fundado em torrão patrio obra de mais vasto alcance social e educativo, se os nababos portuguezes tivessem, como os filantropos yankes e inglezes, uma cultura d'espírito complexa, e uma iniciativa de caratères creada fóra do odioso comunitarismo latino, que mui pelo claro lhes mostrasse como as riquezas são energia morta em mãos de herdeiros que nem as frutifiquem pelo trátego, nem as brazonem com bemfeitorias sociaes de certa monta. O culto de Minerva ha muito levaria em derrota, o do Senhor de Matosinhos e o da Senhora do Sameiro se a emigração portugueza que vae para o Brazil completamente virgem de letras e de luzes, fosse da sua terra habilitada a encarar o trabalho sob aspétos mais nobres que os que fazem suar bestas de carga.

Ora não são contos de réis o que é necessario gastar para pôr a instrução inferior e superior ao par das nações que fazem lei, mas duas ou tres boas dezenas de mil con-

tos, que ao Estado faltam, e pela consecução das quaes bem poderíamos esperar té ás calendas. Pois essas dezenas de mil contos podiam havel-as as Ligas, organisando-se, como disse, pelo paiz em rede estreita, onde de cada localidade fossem incluidos todos os homens de fortuna e posição proeminente, que numa catechése methodica, tendo em vista a grandeza da obra, contagiaria d'altruismo, levando-os, quem sabe! a dar á causa da instrução e educação populares o melhor do seu oiro e do seu tempo.

É scisma minha que n'este mundo perverso, ao contrario do suposto, o bem é muito mais contagioso do que o mal, e que ás primeiras grandes bizarrias surgidas, depressa outras, por aqui, por além, viriam vindo, não sendo d'espantar que isoladas ou associadas as pessoas ricas tomassem em suas mãos o encargo paterno de levantar essas 3:500 ou 4:000 escolas que faltam, e d'alargar e melhorar as outras que a nova reforma do ensino elementar, primario e profissional, declarasse em condições de não servir.

O illustre Rafael Altamira, cathedratico d'Oviedo, transcreve d'uma exposição ao

governo hespanhol sobre o estado do ensino, um d'esses casos de contagio altruista, que muito quadra á ilucidaçãõ do ponto que me ocupa.

«En Guijo de Santa Bárbara (provincia de Cáceres) las personas que por su capacidad y categoria poseen aptitud para instruir á sus convecinos, se consagran á tan humanitaria y provechosa tarea, y sustituyen los pasatiempos en que emplean su vagar otras poblaciones, com los nobles empeños de la instrucción, que no sirve sólo para nutrir a los entendimientos, porque también robustece y sana á las voluntades y á las conciencias.

El magnifico ejemplo de Guijo de Santa Bárbara tiene gloriosa historia. No es el amor á la cultura, de que da tan plausibles señales, cosa reciente ó transitoria. En ese pueblo, por lo escaso de su vecindario y conforme á lo prescripto por la ley, no debe haber más que una escuela mixta, y existen, sin embargo, escuelas de niños, de niñas y de parvulos, todas instaladas en magnifico edificio construido «ad doc», con locales espaciosos, jardin, biblioteca y viviendas para los maestros.

El edificio escolar fué costeadado por D. Antonio Jiménez Garcia, verdadero patriar-cha, que puzo al servicio de sus semejantes la fortuna de que disponia, y que murió á los ochenta de edad, bendecido por cuantos conocieron sus bondades.

La iniciativa del Sr. Jiménez Garcia tuvo continuadores. Su hijo politico D. Quintin Moreno Poblados, fallecido poco há, acrecentó la biblioteca fundada por su padre, y a el se debe el feliz pensamiento de crear las conferencias semanales, en las que empleó su claro entendimiento; después, la tarea se ha confiado á nuevos esfuerzos, y hacen de ellos alardes generosos, el médico D. José González Castro, hombre de vocación, escritor de mérito; el párroco D. Juan Mateo Munóz, el maestro D. César Mariscal, y el secretario D. Hipólito Mateos, etc.»¹

Tambem em Portugal uma ou outra vêz ha doações escolares, se bem que desacompanhadas do afan pedagogico da fundação Jiménez Garcia; mas além de serem em

¹ R. ALTAMIRA. — *Psicologia del pueblo español*, pag. 200, edição de 1902.

geral dons incompletos, para a obra a fazer, colossal, teem essas dadivas a pécha de surgir como casos sem inclusão n'um plano vasto e geral, unico eficaz para matar de todo o analfabetismo, e alfim emprehender a educação psychologica e moral do povo portuguez.

Resultado da incultura cívica, e tambem talvez do pessimismo politico é este do portuguez em geral não ter o habito de dar. Continuamente se lê nos jornaes francezes, inglezes e alemães, casos de coleções artisticas ou de simples obras d'arte isoladas, cujos possuidores as legam ao estado, com destino a tal museu ou coleção incompleta, e n'um fim evidentemente educativo e patriotico. Ora nem sempre esta gente generosa póde chamar-se rica, ou sequer remediada, pois são ás vezes pequenos empregados, modestos rendeiros, aristocratas decahidos, que possuindo qualquer objeto raro, um retrato de familia de pintor celebre, um bronze, um tapete, um movel, em vez de fazerem dinheiro com eles, generosamente os cedem ao thesouro artistico da cidade ou vila em que rezidem.

Com documentos historicos, moedas, li-

vros, mapas, o mesmo resulta, e assim o estado consegue reunir em pouco tempo numerosas e ás vezes muito escolhidas coleções.

Ora entre nós ninguem se lembra do estado senão para o maldizer e explorar n'aquilo que póde. A ideia de patria compendiada na ideia d'estado, o portuguez repulsa-a, trabalhado de rancores contra tudo que represente auctoridade ou obediencia a um qualquer principio pairante e superior.

Assim, quantos museus particulares maravilhosos (o do rei D. Fernando, o do conde Daupias, o do marquez da Fóz, o de Fernando Palha, com a preciosissima biblioteca, o de João Arroyo, etc.) viu o paiz dispersarem-se nos ultimos tempos, ou tomarem o caminho do estrangeiro, sem que a menor peça viesse enriquecer as coleções nacionaes, tão desenxabidas e tão pobres?! ¹

¹ Dois casos de bizzarria patriotica, recentes.

Em Inglaterra, o duque de Norfolk fez saber que punha á venda, da sua galeria, um retrato de Holbein, celebre no mundo dos colecionadores e dos artistas, conhecido pela *Duqueza de Milão*.

Estava o negocio tratado com um archimiliona-

Donativos em metalico, parte de leão nas grandes heranças... Não figura na lei, mas devêra já ser uma aquisição da consciencia moderna, esta ideia aparentemente despotica de que na sucessão das fortunas excedendo uma certa cifra, a instrução e a beneficencia deviam sempre ter parte importante. Nos paizes onde a filantropia tem rasgos como os dos milionarios yankees e inglezes, que dão ás dezenas de milhões para bemfeitorias sociaes, o instincto altruista antecipou de muito as sugestões da sociología humanitaria; e se o habito de

rio de Nova York, pela soma rotunda de cerca de 400 contos de réis. Ora, mal a nova correu logo se abriram listas de subscrição em varios pontos de Londres, com o fim d'adquirir o quadro para a *National Gallery*. O que se fez, pondo o governo britanico apenas uma pequena parte da quantia.

Ha dias, em Paris, um sr. Chauchard, fundador dos *Grands Magazins du Louvre*, depois de durante a vida ter dado milhões para os desvalidos e pobres da cidade, legou em testamento á França, fabulosas quantias, em obras e a cedencia ao museu do Louvre d'uma coleção d'objetos d'arte, estatuas e quadros, que por si só vale entre 30 e 40 milhões de francos, e onde está resumido um verdadeiro

dar se não generalisa na proporção das misérias instantes do proletariado, elle é ainda assim frequente bastante para supormos que de futuro entre na lei um sacrificio a que já tanta gente se presta de bom grado.

O ideal era que todos os homens ricos além d'uma certa medida, conviessem na imoralidade que é deixar a herdeiros quantias fabulosas, que ou vão morrer improductivas em cofres, ou propulsar vícios com que se amaina o tédio dos que compram as distrações a pêzo d'oiro.

Pantheon da pintura franceza de 1830, em cerca de 200 telas de Millet, Troyon, Corot, Daubigny, Decamp, Diaz, Jules Dupré, Rousseau, Fromentin, Izabey, Meissonier, Ziem, Henner, Delacroix, etc. A este dom, o testador acrescenta telas de Gainsborough, Nattier, Drouais, marmores de Coysevox, Lemoine, Coustou, Coffieri, e a esplendida serie das primeiras provas de Barye. Para o custeio d'uma instalação sumptuosa d'estas obras, Chauchard deixa á administração do Louvre, grossa quantia, e mais lega á cidade de Paris dois bronzes de Caim, e todos os objetos de marmore e bronze que ornam os jardins d'uma casa de campo havida em Longchamp.

Ora assim entende-se!

O que se poderia fazer n'um paiz onde todos os superfluos da fortuna particular volvessem á massa comum, com o fim de melhorar e sanear a vida, realisando as ideias dos pensadores e os sonhos dos artistas!

Os altruistas devem insistir na urgencia d'um apelo vehemente á necessidade de dar — não dentro do que é uso chamar «a proporção das posses» — mas dar sem restrições, fazendo no monte a indispensavel parte dos herdeiros, claro, mas reservando sempre a melhor e a maior para o fundo de defeza da especie, em termos de se ajuntar tanto oiro que a falencia por incultura ou miseria viesse a parecer no futuro uma *boutade* de humorista.

Tornando á escola: convem, para uma difusão total da cultura entre o povo, des-centralisar o ensino, deixando ao estadó apenas a faculdade executiva, e organização, construção e custeio escolares pela mór parte á guarda da iniciativa particular dos homens livres. Prescindir o mais possivel de governos, que peados pela coação das quadrilhas politicas, e a braços sempre com questões intrincadas, a mór parte das vezes

não sabem, nem pôdem, nem talvez lhes faça conta enredarem-se n'esta formidavel *pieuvre* da instrução.

O que em companhias agricolas e industriaes faz a iniciativa privada, poderia a mesma realisar com empresas de cultura, pondo milhões em laboratorios e museus, bibliotecas e escolas, que cedo a prosperidade geral, embora por uma fórma indirecta, lh'os reverteria em fortes renditos.

... Difundir, difundir pelo paiz a rede geral das Ligas d'educação e d'instrução, tenaz, sem desfalencias, onde os mais pequenos esforços se somem, e d'onde não possa escapar-se um unico auxilio util; e paralelamente ir no publico creando uma opinião tão susceptivel, que todo o analfabeto se aponte como um monstro, e pae que não mande educar os filhos préste á justiça severas contas, para, sobre o descredito da rua, ele parecer na republica como um guzano daninho e destrutor. ¹

¹ Um caso d'acrimonia publica contra o analfabetismo, é nas provincias de Burgos e Leon (das mais adeantadas de Hespanha, a tal ponto que ahi está prohibida a mendicidade, e até nos mais mise-

Estou certo que a cruzada da instrução popular, prégada com fervor pelo poder persuasivo das Ligas, ajudaria a crear n'um prazo d'annos curto, uma rara obra de cohesão patriótica e social, primeira de várias que a sciencia aconselha para a reconstituição do espirito de nacionalidade que o portuguez perdeu ha quatro seculos; e que uma vêz readquirido esse espirito, a obra da transformação nacional seria um facto, e já não faltaria dinheiro para realisar, nos mais custosos detalhes, todo um vasto plano educador.

Sem duvida a empreza é errissada d'agruras, e nos primeiros tempos será terrivel o embate das preguiças e egoismos seculares a desbaratar e a vencer com armas de hermeneutica paciente, coleante astucia, e incansavel fé prosélytista. Mas não se ajuntaram outr'ora corporações de fidalgos e ricos-homens para as batalhas de moiros e

raveis logarejos raro o aldeão que não escreve e lê correntemente) o das raparigas cazadoiras que, dizem Serrano e Lopez Moran n'um relatorio, *«senalan con el dedo á los jóvenes que no saben leer y escribir, y rehusan contraer matrimonio con ellos»*.

castelhanos, para as emprezas guerreiro-comerciaes da India e da America, para o envio arrogante d'armadas, e a construção de templos e fortalezas?

Pois com entusiasmo identico e parecidas larguezas de dinheiro pódem repetir os feitos os argentarios e benemeritos portuguezes do seculo XX, servindo-se da cooperação heroica para bater o analfabetismo, que é uma segunda moirana, desasnar a bisonheria nacional, que é uma Africa em casa, e emprehender a conquista da cultura, que sob o ponto de vista dos lucros é outra India e outra America, que usufruiriamos d'esta vêz sem espalhar sangue, nem pedir á ferocidade a corôa de laureis com que enramar a testa dos novos conquistadores e dos novos heroes.

Estou certo que uma vêz o plano de uma instrução popular estudado e decretado, e o alastramento geral das Ligas tornado um facto, logo espontaneamente auxilios jorrariam do sempre provado patriotismo das colonias portuguezas errantes pelo mundo (Africa e Brazil em primeira cita), que assim antecipadamente conheceriam o alcance da obra para que davam, podendo

tomar sobre si o encargo d'uma parte; ¹ e que a estes socorros poderiam juntar-se os derivados das rendas de confrarias e estabelecimentos beneficis, improductivas em certo ponto, bem como as d'alguns institutos d'ensino que por legados antigos funcionam (ou não funcionam) em terras onde nem a frequencia escolar os busca, nem o professorado sem fiscalisação ou

¹ Para ilucidação de como os americanos juntam em meia duzia de dias, n'um leilão altruista, sublime, quantias fabulosas com que fundar sumptuosamente escolas e museus, copio d'um livro de Urbano Gohier, a pagina que segue:

«Nada curioso como a historia d'estas instituições que em 10 annos percorrem as mesmas fáses de desenvolvimento que as francesas cumprem em 10 seculos. Um milionario, um professor, e um sacerdote, concordam em cavaqueira que era uma bela coisa fundar cerca de Chicago um bom collegio. Logo o milionario oferece tres milhões de francos, sob clausula d'alguem entrar com outros dois. E aquillo corre. O dono d'um armazem de novidades dá um terreno avaliado em 625,000 francos. O primeiro milionario junta um milhão. O das novidades, 675,000 francos. Mas já o professor opina que em vêz de collegio, o que devia era fundar-se uma universidade.

exercício estará á altura do fim cultural que os doadores houveram por bem.

Misericordias e confrarias com centenas de contos, e que só gastam com encargos pios metade dos reditos, sumindo o resto em despezas surdas, funçanatas d'igreja e procições onde a bossalidade do povo verga á idolatria d'uma estatuarria ultra-grosseira: santuarios como o Bom Jesus de Braga, a

Diz o primeiro milionario: Bella ideia! e vae buscar novo milhão, que com os quatro já dados, faz cinco. Correm semanas. A noticia alastra, a celebridade chega, e o milionario traz mais cinco milhões, afóra os donativos do homem! Certo comerciante oferece 1,175,000 francos. O das novidades, mais 500,000. E desde esse momento os donativos chovem. Um que dá 750,000 francos; outro 300,000; outro 250,000. Já pouco falta. Diz o milionario: apareça quem dê milhão e meio, e eu farei outro tanto. É dito e feito. Á medida que os milhões surgem, as construções apparecem, as faculdades constituem-se, os cursos multiplicam-se; e hoje, dois annos volvidos sobre a palestra do milionario, do professor e do sacerdote, passam de dois mil os estudantes que frequentam a nova universidade, sem embargo das aulas de direito, medicina, ténologia, musica e bellas-artes, estarem ainda por fazer.» (LE PEUPLE DU XX SIÈCLE, pag. 216).

Senhora do Sameiro, S. Bento da Porta-Aberta, S. Torcato de Guimarães, o Senhor da Piedade d'Elvas, a Senhora d'Ayres de Viana do Alemtejo, o Senhor dos Passos da Graça, etc., que recebendo annualmente contos de réis d'esmolos, senhores de verdadeiras fortunas, gastam o dinheiro em parques e capelinhas, bazilicas que nunca se ultimam, kermesses e arraiaes onde o debóche e o vinho misturam co'a devoção seus vomitos sacrilegos — isto quando por uma prevaricação da fraternidade catholica as mesmas rendas não servem para exercer a uzura, figurando de preguistas os santos, e indo á praça bens por seu mandado...: institutos e lyceus manhosos, como o de Cabeceiras, que ao cabo de tres annos de instalado passa para Gondarem, e de Gondarem para Cabeceiras, ao cabo d'outros tres, sem em parte nenhuma ter função proveitosa para as terreolas bossaes onde o crearam — ou como o de Viana do Alemtejo, com centenas de contos de bens, e como o anterior sem maior prestimo, servindo parte das rendas para emprestar sobre hypotéca — ouviram? ouviram? — todas estas cafúas de numerario esconso e mal pa-

rado, fontes de dissipação local que nada produzem, está-se a vêr como, sob uma reforma d'instrução popular viva e perfeita, poderiam ser coagidas a englobar no thezouro d'ela todas os obras orçamentaes das suas contas, pois não se admite que em paiz d'ignorancia e penuria tal cifra de contos de réis se esgueire todos os annos por sinecuras e bródios, actos de superstição e devoção mais que suspeitos, quando outra obra mais util, mais contemporanea e mais forte, reclama da beneficencia té aos ultimos chorumes d'auxilio, para poder estender seus vastos braços.

*

* *

Temos o professor formado e a escola feita.

E d'ensino?...

O ensino elementar e primario annos ha se estatuiu por lei obrigatorio, mas será desnecessario dizer que até'gora ninguem tem sido obrigado a coisa alguma. Na mór parte as escolas continuam a ser antros

infectos e chavascaes improduttivos; continua a mór parte dos paes a não tratar da educação dos filhos; e quanto a professores, sem fiscalisação eficaz que lhes imponha um trabalho sério (segundo se infére da percentagem ridicula das creanças a exame), tam pouco no meio coacto em que médram, dispõem d'alentos para exercer sobre os discipulos uma disciplina forte e salutar. De sorte que assim como é preciso reformar o estatuto das E. Normaes onde o mestre-escola se forma, reconstruir os edificios onde a creança estuda, e escrever novamente os livros por onde ela ha-de aprender, assim tambem as urgencias educativas da hora demandam para a escola primaria regulamentos de frequencia que em parte coarctem a influencia da familia sobre o alumno, pondo-o escolarmente na dependencia do mestre, sob a vigilancia paterna das Ligas ou juntas locaes, que não largarão de vista os dois.

Quem diz ensino obrigatorio, entende logo suspeita *systematica* do estado por todas as frequencias escolares dependentes da vontade intermitente ou nula dos paes, e necessidade de sujeitar a infancia a uma

disciplina cultural ininterrupta, sem a qual ninguém pôde fazer educação.

O sequestro do alumno á autoridade da familia, durante a frequencia escolar, tinha a vantagem de o furtar ao comunitarismo nefasto d'aquela, e emprehender desde o periodo infantil uma educação d'iniciativa, que desenvolvida poderia mudar o rumo do carácter, e evitar um dos escolhos maiores da atividade, qual essa hesitação concentrica, essa mania da duvida de que padecem os individuos que tiveram sempre mentor e responsavel, pois como diz o pedagogo Samuel Smilles: «sempre que submetem o homem a um excesso de proteccionismo e de governo, cahem no perigo de o reduzir a um estado d'impotencia relativa».

Vel-os pequeninos, esses filhos e netos da educação comunitaria, lastimosos anõesinhos com cabeça de feto e ondulação derreada de bicho da fruta, borrados de fazer cem metros fóra das saias da titi, quando em Alemanha e Inglaterra, sob os rigores d'um clima rispido, pequenos de 10 e 12 annos logo pela manhã sahem de casa, sósinhos ou em ranchos, a fazer por via ferrea percursos de legoas, para ir aos gymnasios

e ás escolas, entrando nos *bars* e restaurantes entre aula e aula, com o desembaraço de pessôas que o trabalho esfomeou, como é devido!

Um membro do *Inquerito Parlamentar francez sobre as reformas de ensino*, M. Pasquier, reitor do lyceu d'Angers, refere ter conhecido um petiz saxão de 10 anos que foi sósinho de Londres a S. Petersburgo, e um rancho de oito ou dez colegiaes, d'entre 10 e 12, que nas férias viveu n'um ilheu, sem guardas, dormindo em tendas, comendo da pesca e caça colhida em seus ardis, no gozo enfim d'uma autonomia perfeita de Robinsons e futuros colonisadores, e sem que as familias se inquietassem da aventura, que a todas parecêra um excelente exercicio para a cultura integral do *self-help*. Entre nós o menino não deixa um instante o côlo da mamã e a vigilancia dos creados, que o acompanham á rua, que se alarmam por ele de tudo, que lhe prohibem tomar uma resolução, ter uma ideia, e exercitar enfim a iniciativa movendo-se e girando na foiteza compativel com o seu desenvolvimento e a sua idade.

O professor tam pouco tem a menor

influencia sobre a creança que lhe mandam para ensino. A' menor birra, ao menor castigo, logo papás e mamãs contravem com admoestações irritantes, queixas idiotas que favorecem a manha, solicitam a maldade nativa da férasinha, e fundalham no espirito nascente um regimen de hypocrisia e relassaria que nunca mais o largam té á morte.

Aniversarios de familia, procissões, doenças fingidas, uma vês porque faz sol, outra porque faz chuva, tudo é pretexto para não ir á mestra o pimpolho que, sabendo-se o *ai Jesus* da casa, se acostuma á simulação e ao mimo, e acaba por um retrazo de faculdades, origem do verdadeiro horror que o trabalho mental em muitos causa.

Este horror certo provirá tambem dos methodos d'estudo, que já frizei serem nas nossas escolas primarias e superiores, anachronicos methodos didaticos, com dissertações, recitações livrescas onde só brilha a memoria em detrimento das faculdades racionaes e experimentaes de nobre cepa.

No inquerito de Jules Huret á vida alemã, publicado primeiro em artigos soltos do *Figaro*, e logo reunido em volumes do

editor Fasquelle, ¹ vem um paralelo entre o ensino francez e o alemão, que parece traçado com vista ao nosso, e por isso o transcrevo na integra, em vêz de lhe espremer o suco em quatro linhas.

«Ici (na Alemanha), l'élève prend rarement sa plume pendant la durée des classes, et son livre est toujours fermé. L'effort du maître consiste à tenir en éveil l'attention de l'enfant par des interrogations successives et variées: effort épuisant et qui demande un zèle, un amour du metier incomparables! C'est qu'en effet toutes les matières sont enseignées de la même façon, la langue comme l'arithmétique, l'histoire, la geographie comme les sciences naturelles. Le maître ne dit jamais «Récitez». Il interpelle l'enfant sur toutes les phrases de la leçon, qu'il retourne, intervertit, et sur lesquelles il revient autant de fois qu'il est nécessaire pour que toute la classe ait compris et retenu les notions qu'il s'agit d'incul-

¹ JULES HURET — 1.^o v. *Rhin et Westephalie*; 2.^o v. *De Hambourg aux marches de Pologne*; 3.^o v. *De Berlin à Strasbourg*.

quer. Pour être sûr que chacun des auditeurs tendra l'oreille et ouvrira son intelligence à tous les instants du cours, le maître, au lieu de prononcer d'abord le nom de l'élève et de formuler ensuite sa question, procède à l'inverse. Une fois la question posée, les élèves qui savent ou croient savoir lèvent la main avec plus ou moins d'empressement, selon leur degré de certitude, et c'est parmi eux que le maître choisit celui qui doit répondre. Lorsqu'un élève tarde trop souvent à lever la main, le maître l'entreprend particulièrement, et recommence pour lui, avec une patience inlassable, les explications et les démonstrations nécessaires.

Cette méthode produit au moins un résultat : elle soutient, d'une façon intense et permanente, l'intérêt des élèves... De retour à la maison, l'écolier devra résumer sur son cahier la leçon ou les leçons du jour. Ainsi s'exercera sa mémoire et se fixeront mieux les notions qu'il doit s'assimiler.

À l'examen superficiel, nos élèves paraissent plus brillants, ils ont l'air de savoir plus de choses, et je suis même sûr qu'ils

sont, en réalité, plus intelligents que ceux des lourds pays germains et même anglo-saxons. Mais je suis sûr aussi que les petits allemands savent mieux ce qu'ils savent; nos méthodes pharisaïques ne servent en rien l'intelligence naturelle de la race, elles l'obstruent, au contraire, l'encombrent, comme une belle plante qu'un jardinier fou entourerait de cailloux au lieu de la nourrir de terreau et de lui donner de l'air.

Dernièrement, un directeur de collège de Natal, dans l'Afrique australe, qui parlait l'anglais, le français et l'allemand, s'est mis en tête de connaître la valeur comparative des écoles primaires parisiennes, berlinoises et londonniennes, au moyen de compositions et interrogations orales identiques, dans des conditions d'égalité aussi parfaits que possible. Le résultat de cette enquête donna la supériorité aux écoles de Paris pour l'étude de la langue, des mathématiques *écrites*, la récitation, la diction, le dessin. Londres, il y a là de quoi nous étonner, vient en tête pour le chant, et Berlin dépasse tout le monde dans le calcul mental.

Eh bien! Je suis absolument persuadé que cette enquête fut imparfaitement menée,

et que si, au lieu d'interroger sur des *formules*, au lieu de faire composer par écrit, on avait vérifié la *véritable* connaissance ou plutôt la plus parfaite *assimilation* des élèves des trois pays, en histoire, en géographie, en sciences naturelles, par exemple, les petits allemands eussent de beaucoup dépassé les autres, non par la quantité des notions acquises, mais par la certitude de celles entrées dans l'esprit. C'est que — je le répète à dessein — notre enseignement de *perroquet*. Il donne le moins de mal, il est vrai, permet à l'élève, et au maître, par conséquent, de briller, mais aussi il procure le minimum de résultats *vrais*. Chez nous, pendant longtemps, les maîtres se sont figuré que leur rôle consistait à faire apprendre par cœur et à réciter des textes, des formules, des faits. Un inspecteur des écoles de la Ville de Paris me racontait, il y a quelques mois à peine, qu'un enfant d'une haute classe, interrogé sur les mesures de surface et qui répondait avec assurance et sans se tromper aux questions les plus compliquées sur ce genre de calculs, ne sut pas finalement, un mètre à la main, mesurer la superficie de la classe où il se trouvait...

Voilà, pris sur le vif, le défaut capital de l'enseignement français. L'enfant lit, écoute, retient, mais *ne comprend pas*. Interrogé, il récite des mots qu'il a lus ou entendus, mais sa mémoire seule opère, il ne s'est pas assimilé la matière qu'il récite.

... faut-il que j'insiste encore pour me bien faire comprendre ?

Un élève d'école congréganiste, interrogé à un examen sur un point d'histoire, la politique de Richelieu, répond :

— Son but était d'abaisser la maison d'Autriche, etc., etc.

Il récitait ainsi, et inperturbablement, des paragraphes entiers de son livre. L'examineur — que je connais fort bien — lui demanda :

— ... Était-elle bien haute, cette maison d'Autriche ?

— Oh, oui, monsieur !

— Combien d'étages ?

E il répond, avec la même assurance :

— Trois étages, monsieur... »

Mas não é propositio meu insistir em processos d'ensino (o traslado d'esta carta vae longo), e tão sómente direi da necessidade de, para a extinção formal do analfa-

betismo, se tornar a frequencia á escola rigorosa e eficazmente obrigatoria.

Desenganemo-nos, que sem medidas asperas tolhendo na mesma imposição filhos e paes, não lograremos meio d'impedir a relaxação que de norte a sul grassa na escola. Particularmente as creanças do povo, que são a massa imensa, a carne viva e renovante da raça, já dissémos a que criminoso abandono as votam, e como, mau grado a taboleta oficial d'*ensino obrigatorio*, tudo serve de pretexto á familia para explorar o trabalho braçal da infancia, em detrimento da sua expansão fisica, e do cultivo mental e moral que havia dar-lhe.

Cuido que em todos os paizes morosos, onde manifestamente a aversão provocada pela ideia d'estudo ameaça fazel-os retroceder e falhar na feira dos povos, houve urgencia d'impôr o ensino á força, em vêz de o deixar ao livre alvedrio dos cidadãos. Ora em Portugal essa aversão é manifesta, e já lhe devemos desastres de tal monta que não lhe pôr cobro é querer por força morrer de ruim morte. Em Inglaterra, como na cultissima Alemanha, não só os paes respondem pela assiduidade e disciplina academica dos

filhos, como tambem estes incorrem em medidas de rigor sempre que o regulamento da aula os declare relassos ou rebeldes aos deveres comuns dos escolares.

Aos paes são impostas penas que vão da multa gradual, á detenção em carcere, agravando-se a pena aos reincidentes, segundo a persistencia do desleixo. Aos alumnos permite-se-lhes sem justificação a falta d'um dia, mas ao segundo vae o inspetor constatar os motivos d'ela, e dado que sejam desmazelo ou preguiça, o menino é sacado á familia para vir purgar na escola o castigo disciplinar correspondente.

E ninguem protésta, nem as gazetas gritam despotismo, porque ha uma razão d'estado pela qual estas coisas se fazem, e paralelamente uma imprensa onde os diurnaes parece que ainda teem momentos lucidos.

Para a instrução d'adultos, se o rigor já não póde ser tão facil, em compensação meios indirectos ajudariam á conversibilidade letrada da massa: o ponto é que os puzessemos a funcionar conjugadamente, aproveitando de cada qual a ação que melhor desse. Esses meios consistiriam em

cortar por todas as fórmulas a retirada ao analfabeto, tolhendo-o nos interesses materiaes, unicos que verdadeiramente lhe doem, e impedindo-o de fazer um passo sem encontrar a hostilidade social, contrariando-o. Por exemplo, o estado e administrações officiaes suas dependentes, não aceitariam trabalhador algum, fosse para que serviço fosse, sem ele apresentar carta d'exame primario; e ao mesmo poderiam obrigar-se os particulares, por sugestão das Ligas, á medida que a montagem dos serviços escolares fosse permitindo esta medida de rigor.

Dar no serviço militar primazia sempre aos analfabetos, subindo-lhes o tempo na proporção em que fosse diminuido aos illustrados. Na cazerna estabelecer o ensino com professores de carreira, que não com sargentos broncos e sem dreno pedagogico, e para numero restrito d'alumnos, *verbi-gratia* tantos professores quantas vêzes quarenta homens a instruir. O soldado sem obter em exame publico, extra-regimental, carta d'exame, não deixaria em caso algum o serviço das armas, sendo abreviado o tempo aos que aprendessem melhor e mais depressa. Proibir aos analfabetos a sahida

do reino, fosse para que ponto fosse, afim d'evitar certos espetáculos deprimentes da emigração portugueza no Brazil, e alguns estados da America do Norte, onde os nossos homens na maioria só servem para trabalhos grosseiros, inhibindo por exemplo no Brazil a raça precursora de conservar situação preponderante.

No campo d'ação dos particulares, alguns sabios alvitres poderiam concorrer tambem para cortar os viveres ao bruto, e estabelecer preferencia para o trabalhador esclarecido e desasnado. Bastaria que as pessoas dispondo d'uma certa cultura, se impuzessem a obrigação christã «d'ensinar ignorantes» n'aquelas partes onde não pudesse chegar a influencia da escola, e o prestigio pessoal conseguisse atrahir o povo ás suas predicas. Lavradores perdidos em montes de herdades, familias em quintas, longe do povoado, principaes de logarejos exiguos onde tão cedo póde chegar ensino official, etc., todos esses *homes bons* ensinariam á noite os jornaleiros e servos analfabetos, entretendo assim patrioticamente os ocios d'espírito, e prestando o seu concurso á grande causa. Nos povoados onde houvesse

escóla, lançarem as pessôas instruídas, paralelamente á obra d'esta, como os benemeritos de Guijo de Santa Barbara, a obra das conferencias, buscando por todos os meios identificar-se co'a plebe, atrahil-a á causa da instrução e da cultura, despertando-lhe curiosidades por assuntos a que ela tem permanecido indiferente, e fazendo-lhe vêr o quanto pela desinvolução da vida d'espírito, o prazer de viver se duplica, e a natureza humana se enobrece. Conferencias faceis, em lingua clara, á altura da balbuciação mental do auditorio, de geografia, de historia, d'artes plasticas, tomando como pretexto até as esculturas e pinturas da igreja, livros d'estampas, aspetos de natureza variados; conferencias sobre agricultura, officios, artes industriaes, etc., e vir dahi subindo até ás práticas da sciencia social e da moral civica, que só pôdem abarcar espiritos syntheticos e com uma certa visão global da vida humana.

Mas já não seria isto bem uma campanha de instrução, mas de educação (tanto melhor!) que na area d'influencia das universidades e grandes escolas faz parte da chamada «extensão universitaria», e em

regiões afastadas podia cometer-se, pelo influxo das Ligas a todas as pessoas cultas, como advogados, parochos, medicos que estivessem no caso de a promover e auxiliar.

*

* *

Extensão universitaria se chama, d'uma maneira geral, a cruzada de cultura exercida pelas Universidades e grandes escolas, fóra do seu raio d'ação official.

Entregue ao esforço unisono de professores e d'estudantes, é uma obra d'iniciativa privada, feita para elevar o nivel social e moral das multidões, e á qual muitos paizes de formação particularista, como a Inglaterra, a Alemanha, os Estados Unidos, etc., devem em parte a reconstituição moral da sua plebe.

Algumas universidades hespanholas progressivas, como Salamanca, Oviedo, Saragoça, Sevilha, Barcelona, estam-na adaptando com exito evidente, graças aos esforços de Posada, Altamira, Canella, Unamuno, Rodriguez Méndez, etc., que sendo

dos espiritos mais revolucionarios da Hespanha, gravitam n'uma orbita extra-politica, e só como professores entendem girar.

Na origem, a extensão universitaria formou-se mais com o intuito educativo, do que propriamente visando alardes d'instrução, pois creada em paizes onde os analfabetos são raros, o seu fim principal era iniciar o povo nas práticas do contracto social, ductilizando-lhe e facetando-lhe o espirito, que o popular possui fechado, e desdobrando-lhe os aspectos da vida, que esses homens rudes resumem d'ordinario na satisfação das necessidades materiaes, ou desfrute de vicios grosseiros, que tanta vêz lhes abatem a energia, perturbam a saude, e vem acabar co'a vida antes de tempo. Mas não quer isto dizer que os esforços da divulgação do ensino popular lhe sejam estranhos, nem que em regiões iletradas ela não ponha em força os seus missionarios para a extinção da malária analfabeta, o que viria a dar-se em Portugal.

Dado sejam missões d'instrução que proposita, o processo é sumario: os membros da «extensão», ou como tambem lhe chamam,

da «universidade popular»¹ põem-se em campo, dividindo entre si a turba iletrada (adultos por via de regra), que vão lecionar ás salas das associações populares, das bolsas de trabalho, dos municipios, dos presbytérios, ou quaesquer outras dispostas ao efeito; e seguem assim os cursos nos bairros de povo em que a universidade ou grande escola domina, reservando-se as férias para excursões aos pontos distantes, onde pela curteza do tempo só se podem

¹ Vendo as coisas por alto, e n'um sentido geral, *universidade popular* e *extensão universitária* são o mesmo. Eram o mesmo ahi por 1870 ou 71, pois já n'esse tempo a extensão trazia em germen todos os elementos da universidade popular. É o que se infere dos trabalhos do professor Stuart, de Cambridge, um dos primeiros que codificaram e detalharam os propositos e fins da extensão.

«Esta tem quatro modos d'exercer-se, diz Stuart: 1.º cursos por serie de lições sobre um mesmo assunto, em vêz das conferencias isoladas. Estudo aprofundado de materias substituindo a dissertação superficial, sem preparação anterior, nem seguimento; 2.º *Syllabus*, ou sumario impresso de todas as lições sobre um mesmo assunto, que o professor ou proletor distribue aos auditores antes

fazer campanhas rapidas. Estes cursos, se pertencem á instrução primaria e elementar, devem reproduzir os das escolas-tipos do ensino, e estar ligados á rede geral das Ligas d'educação e instrução, que é para envolverem na sua ação completamente todos os individuos necessitados de cultura,

da lição, para os guiar. Serve para ensinar como se tomam notas, e se resume o texto das lições, e no fim do curso constitue da materia uma especie de manual rapido, condensando o preciso, indicando fontes d'informação, obras a consultar, pontos obscuros a esclarecer, estudos originaes a tentar, informes sobre trabalhos preparatorios, etc. Esta especie de sumula de curso é o guia do assistente estudioso, quando já fóra da ação do lente, e permite-lhe estudar depois por alvedrio proprio, sem recorrença a nova frequencia; 3.º exercicios escritos, entregues semanalmente pelo assistente ou alumno, e destinados a substituir o interrogatorio publico nas aulas; 4.º, classe dialogada, em opposição ao curso, que é uma exposição dogmatica da materia, e destinando-se á discussão de textos, esclarecimento de duvidas, e exame sobre se os assistentes conhecem ou não a materia das lições».

Modernamente porém, a expressão *universidade popular* vae tendo significação separada da *extensão*. A universidade professa cursos fixos, d'anno, com

em termos de ninguem escapar pelo crivo, e se poder ter fé absoluta na colossal sementeira que se intenta.

Claro que para a consecução dos altos fins da extensão universitária, todos os meios são bons e todos os expedientes adótables dado revertam á obra da ins-

exames finais, e minuciosa desinvolução das disciplinas professadas.

Até, em alguns paizes, dão esses cursos direito á matricula em escolas superiores, confêrem gráus, e garantem acesso a situações officiaes de certa monta. Ao passo que na extensão universitária a tarefa é mais simples, cifrando-se, ou em conferencias soltas sobre questões do dia, ou d'interesse especial para o auditorio a que se destinam; ou então pequenos cursos de 3, 6, 12, etc., lições seguidas sobre assuntos escolhidos para em conjunto darem ao operario noticia sobre o complexo da mentalidade humana e da vida social do nosso tempo.

O methodo e maneira d'agir d'estas instituições variam segundo o fervor que na massa trabalhadora despertam, e segundo os auxilios prestados pelo elemento rico e official. Não é possível desenvolver e explicar aqui esses processos, que andam um pouco á mercê da iniciativa dos fundadores e apóstolos da obra, podendo dizer-se são tantos quantas as universidades que os teem irradiado.

trução e da educação populares a maior soma de calorias eficazes; e que nos primeiros tempos será preciso contar com a bisonheria desconfiada da turba, com o desdem das *coteries* politicantes, com a troça dos jornaes e a erosão dos piadistas de café, que tudo isto são elementos retrógrados medrados na pelintrice moral das terras sem vida própria, negando tudo, contrariando tudo, provavelmente á espera que a providencia remova crises que só se podem vencer pela cooperação de todos, movida á voz d'uma minoria culta e corajosa.

Não desfalecer com os primeiros insucessos, logicos e naturaes n'um paiz de selva-geria secular e marcada degenerescencia, uzeiro na negação de todas as tentativas, gabando-se de fazer falhar a mór parte das belas inovações que lá fóra avançam a vida e vencem de sucessivos passos o caminho da felicidade e do bem estar.

Na persistencia com que encetassemos a empreza, não esqueceríamos que o operario das cidades e o trabalhador rural são o fundo de reserva da raça, a maioria da patria portugueza, e que essa maioria convem seja o mais possivel candida e robusta, sen-

sata e equilibrada, pois chamada a pezar em massa na decisão das lútas complexamente colossaes que o futuro cumúla, cavará ela propria a sua perda, dado continue á mercê d'eventualidades impulsivas e sugestões malsãs e interesseiras.

A primeira sociedade d'extensão universitaria que se creou em Inglaterra (primeiro paiz onde o ensino de todos por todos se tornou d'ideia em facto) buscou captar por espetaculos d'arte a atenção dos operarios.¹ Leituras publicas d'obras literarias, concertos e saráus de poesia, canto e musica, exposições d'estampas e pinturas, seguidas de resenhas criticas breves, e o menos possivel discursivas, taes foram os afans primeiros dos fundadores para a provocação de sensações estheticas, ingenuas, e consecutiva produção d'emoções e raciocinios. Visitaram-se museus e jardins, fizeram-se excursões para a paysagem e frequencia sentimental de monumentos, e quando se começava a generalisar o interesse por assuntos estheticos, e a produzir no espirito dos

¹ R. ALTAMIRA, *livro citado*, pag. 171.

catechisados um choque nobre, emotivo e mental em sumo gráu, — especie de choco propicio á comprehensão d'assuntos mais complexos — entrou-se francamente na era das conferencias e palestras familiares; e foram cursos sumarios d'educação profissional, d'economia domestica, de hygiene, palestras sobre pontos da vida uzual, etc., o mais possivel prácticas e á altura da mentalidade simples dos ouvintes, preferindo-se sempre aqueles assuntos que mais diretamente se relacionassem com os interesses, a historia, tradições e condições naturaes da região catechisada.

Assim se chegou, diz Altamira, ás veladas ou *soirées* co'a chavena de chá em comum, especie de lição prática sem ares de lição, que confraternisa e nivela os convivas, habituando os do povo a certas prácticas e maneiras sociaes da gente culta.

É pécha de terras em que a educação publica foi deixada aos contratempos da impulsividade brutal do instinto, sem mais sofreadores que o acaso e o tempo, que as diversões e distrações populares revistam ás vezes insociabilidade tão fosca, tão desprezivo tom de amorabilidade e de rudeza,

que a turbamulta cause aos proprios moralistas uma impressão marcada de nausea, como se ela pertencesse ainda a um estado primitivo da especie, e fosse preferivel deixál-a na cadeia zoologica em grupo aparte.

Sendo Portugal um dos paizes de maior ignorancia e atrazo, claro a educação não póde deixar de ser profundamente tosca e descurada. Não só a educação da plebe, mas grande numero de pessoas das classes média e alta deixam n'este ponto a desejar; e quem nos C. de ferro leia os disticos gravados nos vidros das carruagens de primeira, convirá nas razões d'esta queixa; e quem frequente as ruas de Lisbôa ouvirá a cada instante as conversas cortadas por palavras obscenas e interjeições da ultima porcaria, sendo o habito de *falar mal* uma especie de chic, e o da má lingua e difamação por via jocosa um dos inquietantes syndromas da desconjunção moral do portuguez. Em termos que esta cruzada tendente a facilitar o convivio entre as classes, e induzir as inferiores a uma certa polidez de maneiras, a nenhum povo conviria melhor que ao nosso, sendo certo que não só uma melhor escolha

de fórmulas sociaes lhe iria bem, senão que n'um ponto de vista mais largo, parte dos antagonismos que põem receosos e palidos d'odio, operarios em frente de patrões, acabaria por se suavisar e atenuar, se proletariado e burguezia convivessem, conhecendo-se melhor, e a obra da Extensão começasse entre eles essa *entente cordiale* tão necessaria á Europa do seculo XX, o seculo dos palacios da paz e dos tratados de arbitragem, onde entretanto se não ouvem senão gritos de furor!

N'estas conversações e veladas intimas viria a succeder com as ideias o que a fisica constata para os liquidos em vasos comunicantes, e vem a ser que em todos, passado tempo, o nivel sóbe á mesma altura. Ora com operarios mais cultos e uma burguezia mais humana, já seria mais facil fixar entre capital e trabalho um estalão de relações mais cordeaes, em termos dos accordos se fazerem sem essas lutas tragicas que a cada instante intercéptam no mundo a vida da industria, pondo multidões de famintos em *chomages* de inferno que são a vergonha da civilisação e a vingança do capitalismo refalsado.

... Demos que se conseguia despertar na alma do trabalhador curiosidade e paixão por assuntos artisticos, pelos habitos finos e distintos, pelas palestras sobre coisas elevadas: suponhamos que pouco a pouco correntes d'orgulho derivadas d'esse novo estadio moral e mental da classe obreira, levavam-a a preferir, como seria natural, aos habitos embrutecedores da vida antiga, outros mais belos, mais nobres e mais altos: que lhe causava repulsa a taberna e o álcool mortifero, que as altercações insultantes, as graçólas soezes, o analfabetismo, a imundicie corporal, etc., lhe apareciam, por aquele criterio novo, como práticas reprováveis — e por exemplo sports musculares, leituras na bibliotheca publica ou em casa, associações musicaes e coraes, gosto d'espectáculos, actualidades sociaes ou scientificas, excursões, jornadas d'arte, entravam a substituir a sua vitalidade salubre, a sua beleza fecunda, ás preferencias antigas, revelando uma massa popular em plena sazão civilisada e em plena força... Então viria, da extensão universitaria, a segunda *étape*, a ultima: e cursos de moral, de direito popular, de geografia, de historia, de sciencias

naturaes, d'artes mechanicas, d'agricultura, de medicina domestica, passeios d'archeologia ou simples reconhecimento historico e economico, etc., estariam indicados: e d'aqui para cima todos quantos problemas ajudam á formação do caráter, e põem o homem já um pouco fóra das forças cegas da natureza, habilitado a se formar ele mesmo o systema regulador e registrador da sua traslação social, sem recorrença e estranhas sugestões...

Hein? que papel admiravel, este das velhas universidades e escolas superiores deixando o isolamento aristocratico, e vindo aos humildes, como um morgado a um irmão segundo, a repartir com eles os seus bens! E como ele daria áqueles velhos institutos um sentido social novo e fecundo, acabando com a educação privativa dos ricos, e os mal entendidos que por estas e outras exclusões incompatibilisam desde o berço as classès, separando os homens pelo critério do dinheiro, que é um critério mesquinho e miseravel! As nossas escólas d'ensino superior, e mencionadamente as universidades de typo medieval como a de Coimbra, pela privança d'educarem só

pessôas das classes média e alta, abandonam-se a uma especie de diletantismo, reservando para uma *élite* fechada, egoista, pimpona, essa illustração livresca, de *partipris*, que só serve a formar juventudes puidas de pretensões ridiculas de classe, desastradas na prática da vida, e em completo antagonismo com o espirito democratico do tempo.

Comprehende-se que até ha um seculo o fôro d'aquelas orgulhosas instituições permanecesse arisco ás convivencias populares, porque não havendo então povo (pelo menos como tal constituido) o legislador não podia prevêr o advento rapido d'esse quarto estado ululante, em cuja fereza rude crucita uma tão audaciosa febre de mandar, e uma tão desenfreada raiva de viver.

Mas hoje os tempos mudaram, e n'uma época onde cada vêz mais os movimentos da opinião publica dominam, e a democracia invasora tende a uma especie de loucura religiosa, como sob o imperialismo romano o christianismo catacumbal, instituição que resista á preamar democratica, ou se subverte na vaga, ou mirrada pela salsugem hostile do vento marinho, inerte vegeta, como n'um tecido vivo um corpo estranho.

E foi o caso da nossa universidade, que a opinião publica vergasta, tomando o typo do bacharel como caricatura do pateta falador, e mesmo rindo á socapa das outras escolas, pela mór parte oficinas d'exames, fócios de mediocridade archi-arrivista que, como disse, nem fazem profissionaes nem cidadãos.

Para o advento d'uma pura democracia social devem as fronteiras intellectuaes cahir antes das outras. E não é coisa d'obter por decretos ministeriaes e propagandas negativas, mas por um forte espirito d'organisação que bata em brécha os reductos da ignorancia, e por agrupamentos d'esforços que condensem a ação n'um sentido completo e integralmente educador. *Somos todos responsaveis*. Devemo-nos todos a esse esforço titanico de formar o povo. Entre as obras sociaes que solicitam o nosso cuidado, nenhuma imperiosa como a instrução e a educação da massa bruta. Lancemos a rede das Ligas d'instrução para submeter por toda a parte o analfabetismo. Completamol-a pela obra das Ligas d'educação e da extensão universitaria combinadas, para sobre o popular instruido se poder formar o cidadão.

É á sahida da escóla primaria, ou profissional, depois dos 16 ou 17 annos, quando já o homem pende para um lado, e a vida se decide, definindo-se a linha do carácter com a expansão arbustal d'uma palmeira jovem, que a força assimiladora da universidade popular deve colhêl-o, para o desemburrar e pulir na aspereza inata, para lhe ductilisar o espirito em seguida, ensinando-o a pensar por digésto proprio, de sorte que tudo quanto ele venha a atingir de verdade e justiça seja sementeira e vindima da sua propria reflexão. «Dar á turba uma alma pela formação d'individualidades conscientes, diz o pensador G. Deherme, ¹ e reconstituir pela agrupação d'essas individualidades, os elementos organicos da sociedade, em vista d'uma ação positiva e cada vêz mais preponderante». Tal a missão da universidade popular, que é «a casa livre onde se formam, na ação livre, homens livres para uma sociedade livre», e não tem limite em nenhuma doutrina, nenhuma seita e

¹ GEORGES DEHERME: *La Démocratie vivante*, pag. 362 e seguintes.

nenhum espirito de *coterie*, sendo um produto maravilhoso da associação, que modernamente se vae substituindo ao estado, e mesmo em tempos futuros chegará a absorvel-o.

Ora entre nós, primeiro que a ideia da universidade popular seja viavel, quanta resistencia a derribar, quanta atividade insolita a mover!...

Como se já a tarefa d'edificar todas as escolas primárias que faltam, e a de formar professores á altura do ensino moderno não fossem trabalho esmagante para uma geração de homens energicos, vem tambem ess'outras de levar o professorado e alumna-do das escólas superiores a organizar com visos de successo a extenção universitaria, e a de crear em localidades distantes d'essas escólas, pelo concurso de todas as pessôas ilustradas, sociedades de conferencias com fins eguaes aos da extensão, exigir uma tão colossal tensão de força viva, que se não apelármos para um levantamento em massa das vontades, e por todos os cantos do reino não formos prégando a guerra santa do ensino, correremos risco de nunca levar a termo esse grande movimento de

solidariedade, o mais grandioso de quantos em Portugal se teriam feito, e que é indispensavel se cumpra, como condição de vencer ou de morrer.

Sem duvida as dificuldades são tremendas, insuperaveis os obstaculos, n'esta terra de mal humorada preguiça onde tudo está por desbravar.

Além da impressão d'exotico trocista que esta ideia d'extensão universitaria a principio provocará na opinião portugueza, deshabituada de movimentos solidarios, outro maior entráve supera: a falta de preparo d'estudantes e lentes para a obra esfalfante da extensão. Porque não basta vontade: é necessario tambem methodo, um criterio sazonado, uma serenidade e uma justeza de razão clarividentes; e o tacto mais delicado, a abnegação mais absoluta; e acima de tudo reservas scientificas permitindo variedades d'assunto em palestras e cursos, e sua perfeita adaptação doutrinal ao espirito pouco esclarecido dos ouvintes.

Infelizmente só uma minoria dos nossos professores terá esse preparo, e diga-se tudo, illustração para lançar-se afoita á obra benemerita; e quanto aos alumnos, nenhum

talvez, d'escóla nenhuma, á hora presente, estaria apto a lhes servir d'auxiliar.

Em Inglaterra e Estados Unidos a educação das classes média inferior, e popular, tornou-se para os missionarios da extensão universitaria, uma especie d'obcessão frenetica, e contínua. Radiada das velhas universidades d'Oxford e Cambridge, das escolas de Londres e Edimburgo, a rede dos centros d'extensão vae conseguindo cobrir o paiz inglez d'uma verdadeira sarça de postos de cultura, que recebem santo e senha d'aquelas, e mobilisam pelos campos e povoações industriaes, milicias de milhares e milhares d'explicadores e conferentes.

Quasi todos esses explicadores são diplomados ou doutorados das universidades, que já em estudantes se filiavam na extensão, e abandonando o claustro academico nem por isso deixam de se consagrar á obra reudentôra, fundando nos sitios onde a vida os fixa, em nome da Universidade, o respectivo fóco de propaganda, que logo angaria fundos, se põe em relação com os centros obreiros, abre cursos, espalha livros, e ambiciona reproduzir-se em outros centros, d'onde por

via d'excursões léva a cultura aos mais afastados logarejos.

Para uma obra assim alta, primeiro que tudo é necessaria uma fé cega, e depois d'ela uma abdicção formal de toda a vaidade e todo o orgulho, de guiza ao missionario da extensão ser na propaganda scientifica o que é na milicia religiosa o jezuita, um agente impessoal, sofrendo e trabalhando por um ideal devorante que tudo lhe exige, vida e fazenda, afétos e descanso, em tróca do orgulho de levar vestida a cógula e poder falar em nome do espirito de Deus.

De mólde vae o caráter dos homens loiros, e sobretudo o inglez, a estes drenos de fidelidade e disciplina á obra jurada, e eis porque na Inglaterra e Estados Unidos a extensão é uma cruzada cumprida quasi sem esforço, por dedicações que estão na corda da raça, e servem uma causa que desde que é declarada nacional immediatamente capta o direito á quota e á proteção.

Em 1889-90, com um dispendio de noventa contos, reunidos principalmente por quotas minimas, semanaes ou mensaes, de schelling, pences e dinheiros, subscritos

entre professores, estudantes, operarios, sociedades e clubs instrutivos e sportivos, a que juntaremos subsidios do governo e d'alguns dedicados filantropos, conseguiu a extensão universitaria ingleza servir cultura a 42:000 pessôas de todas as classes, especialmente operarias, muitas das quaes, habilitadas com os cursos preparatorios da extensão, seguiram depois nas Universidades estudos superiores. Durante esse anno, os missionarios dirétos d'Oxford, Cambridge e Londres, que eram 78, deram 90 séries de cursos historicos, 64 de sciencias naturaes, 33 d'artes e letras, e 5 d'economia politica.

Como disse, muitos dos antigos estudantes agregados na extensão, continuam toda a vida apóstolos da obra, paralelamente ás suas occupações particulares. Outros (e ao inverso do que se poderia supôr, são o maior numero) são verdadeiros fanaticos, que se fixam periodicamente nas terras para exercer o préletorado nos cursos da extensão, fundar centros, organizar bibliotecas volantes, buscar os operarios nos *bars* de noite e á sahida das fabricas, até terem conseguido completamente organizar a obra; e finda a tarefa n'um ponto, vão a outro, e assim

annos e annos, uma vida agitada d'apostolos, esgotante, ardente, e toda cheia d'alegre heroicidade. A mór parte sacrifica de bom grado os interesses materiaes e confortos d'uma posição official proeminente, a esta missão admiravel de lampistas psychicos, que nem sempre tem por paga a gratidão e o amor das multidões. E bastantes, por este tirocinio variado d'expositores scientificos e tribunos, desenvolvem qualidades maravilhosas de lentes, ou são publicistas e autores de livros reputados.

Ora considerando os defeitos do luzitano, a sua insubmissão a todas as disciplinas, e muito mais á mental, que é para ele um suplicio chinez, pergunto se será possível implantar-se a extensão universitaria com caratères de progressividade e permanencia, ¹ n'uma terra onde já o simples labor das aulas officiaes se cumpre mal?

¹ Pelos esforços da *Liga d'Educação Nacional* se emprehenderam este anno em Lisboa e Coimbra, os primeiros tentamentos d'extensão universitaria, sobre auditorios ainda mesclados e incarateristicos, porém com exitos de curiosidade e atenção mui para louvar. Em Lisboa não houve cursos, e o serviço

Que em verdade, tambem para esses males de educação magistral está ensaiado o remedio, *a extensão mesma*, e não teriamos de fazer senão o que n'este momento faz a Hespanha; e embora por uma forma mais vága, tanto o Brazil como as republicas hespanholas já começaram a tentar. Missões ao estrangeiro de professores novos e estudantes em fim de curso, os mais inteligentes

limitou-se a algumas conferencias para cultos, na séde da *Liga*, subordinadas ao plano *Estado da Sociedade Portuguesa*, e feitas por professores e intellectuaes como Silva Teles, Consiglieri Pedroso, Costa Ferreira, Sertorio Monte Pereira, Antonio Belo, José Julio Rodrigues, Antonio Arroyo, Faria de Vasconcellos, Pinto Magalhães, etc. De todos os trabalhos foi distribuido *Syllabus* ou sumario impresso.

Os trabalhos da comissão de Coimbra constaram de dezoito conferencias, algumas formando série de duas e tres, em evidente proposito de esclarecerem auditorios de povo e classe média inferior, venho a dizer com verdadeiro carácter d'extensão.

Eis a resenha:

Uma lição sobre *estrutura geral do corpo humano; divisão geral do corpo*, por B. Barreto.

L. sobre *digestão*, pelo mesmo.

L. sobre *ar atmosferico: composição e alteração*, por Ch. Lepierre.

L. sobre a *agua*, pelo mesmo.

e os mais sérios, com fito não só de communicarem com os progressos da sciencia, aperfeiçoarem os methodos de trabalho e d'ensino, como tambem d'estudarem sobre o vivo a montagem e função da universidade popular, que depois viriam organizar pelo paiz. E missões a Portugal de professores estrangeiros, vindos a fazer aqui estadas de mêzes, pelas diferentes sédes

Tres lições sobre *arithmetica pratica*, por Mira Fernandes.

L. sobre *Constituição da Sciencia geographica atravez da civilisação*, por Sanches da Gama.

L. sobre o *Comercio e a Paz*, por Machado Vilela.

L. sobre *Alcoolismo*, por Nogueira Lobo.

L. *Fisica elementar*, por Sidonio Paes.

L. *Hist. da Civilisação*, Oliveira Guimarães.

L. *Problema da aposentação operaria*, Madeira Pinto.

Duas lições praticas sobre *Botanica*, Eusebio Tamagnini.

L. *A terra no espaço*, Rocha Brito.

L. *Os terrenos de Coimbra*, Ferraz de Carvalho.

L. *Historia Natural*, Rocha Brito.

Todas estas lições imprimiram e distribuiram sumario ou *syllabus*, por onde o assistente poude acompanhar o orador, e levar para casa um schema d'estudo que sobre os livros desenvolverá, se bem

do alto ensino, sob o mesmo intuito educador.

Foi por missões d'estudantes e lentes á Europa, e chamadas d'especialistas europeus ao territorio, que o Japão chegou a ser no mundo uma primeira força, e é assim que a China cura d'entrar, com os seus 400 milhões de cabeças, no predomínio das nações asiaticas, que até ha pouco se riam d'ela

quizer. Tanto em Lisboa como em Coimbra, o que se fez foi uma simples e leve tentativa, especie de vôo d'ensaio para serviços d'uma futura extensão universitaria, mais aturada e regular, com verdadeiros cursos dogmaticos, provas escritas, e controversia dialogal, tendendo a uma obra educativa em globo, que não esparsa em palestras distanciadas de mezes, que de resto nada aproveitam, e servem só para fingir que se trabalha.

Se os membros da extensão universitaria portugueza estão dispostos a agir com a ardorosa energia dos colegas inglezes e hespanhoes, sem duvida a obra será proficua, e a extensão prestará a este paiz um serviço supremo, possibilitando o advento d'um Portugal fortalecido para o *struggle* das nações com vida propria. Mas é preciso entender que a proficuidade da extensão universitaria não comporta turismo, nem se satisfaz com comunhões intermitentes, senão reclama a assistencia continua d'educadores e d'educandos, e da banda d'aqueles, obcessão trans-

quando inglezes e alemães a arrastavam pelo rabicho, e lhe impunham as indemnizações de guerra a pontapés.

Ali na vizinha Hespanha, apesar das vociferações dos pessimistas, desde a derrota de Cuba e Filipinas que o despertar é geral, e a ancia d'atingir um estadio de civilização superior em todas as fórmulas de ação reveste

figurada d'apostolos e verdadeiros arroubos mysticos de santos. Como ensaio de forças, o que este anno se fez, presume a possibilidade de se tentar a extensão com resultado. Mas não vale nada, ou quasi nada, sob o ponto de vista educativo, porque não cria alumnados, não obriga o assistente a estudos em casa, nem pela controversia dialogal e a prova escrita garante ao professor que o alumno estuda e pensa.

Os benemeritos de Coimbra e Lisboa necessitam organizar o cadastro das terras a que se possa levar a extensão universitaria, reproduzir por ellas nucleos da Liga, angariar fundos, e fazer viajar assiduamente por meandros d'esta obra patriotica, alguns dos seus missionarios entusiastas. Dado que os tenha...

Se porém antes de começada a obra já os esfalfa a fadiga, e o thédio entra de bocejar a inação trocista com que n'esta terra se matam as tentativas corajosas, então amigos diga-se adeus a todo o tentamen de vida nova, e o melhor é que isto arrebente o mais depressa que poder.

curiosos typos de luta, com cujos exitos se ufanam já diversos ramos da vida nacional. Chegou agora a vez da intelectualidade, que em dois ou trez annos tenta mobilisar recursos para a obra de ressurreição da sciencia hespanhola, e sementeira intensiva da cultura popular.

Sobretudo em 1808 e 1809 os esforços d'algumas universidades representam um verdadeiro arranco d'energia, d'onde já commecam a verter frutos e flores. Ainda em 12 d'Abril d'este anno, á sombra da universidade de Valladolid se reuniu uma assembléa de notaveis, onde exposta a infeção analfabetica hespanhola, sobretudo da população rural, e a decadencia mortifera do alto ensino, se lançaram as bases d'uma Liga, tendo em vista reformas d'instrução. Ao cabo de lutas e relutas contra os agentes depressores comuns dos paizes ibericos (preguiça da raça, falta d'auxilios do estado, medo ao ridiculo, que lá como cá é a ordinaria desculpa dos que não querem fazer nada, e enfim obstrucionismo clerical, equivalente hespanhol da coação exercida em Portugal pelos republicanos), conseguiu-se formar uma junta central tendo á frente

Ortega y Munilla, e que em pouco tempo espalhou pela provincia 47 delegadas suas, isto é, havia conseguido estender por toda a Hespanha as primeiras mãos fortes para a tecelagem d'uma rêde de juntas locaes aproximadamente no intuito das que eu tenho vindo a defender.

Esta junta, se chama *Reformista de la Instrucción Nacional*, trabalha com afincico, e n'uma proclamação distribuida ha pouco, fazia sentir que a difusão da cultura talvez em certas localidades aproveitasse mais aos de cima, que aos de baixo, «pois é coisa provada que a Hespanha que mais lê é a do operariado das cidades, cujo cerebro desperto discute e comprehende quasi tudo o que na Europa scientifica e intelectual tem curso livre».

Em 19 d'Abril ultimo, reunido extraordinariamente o claustro da Universidade Central de Madrid, com affluencia de todas as faculdades, procedeu-se á nomeação d'uma outra junta ou comissão permanente, destinada a tratar das reformas necessarias ao ensino superior, cuja madorna chegára a alarmar os proprios lentes.

Era proposito estender a iniciativa da Cen-

tral de Madrid a todas as universidades hespanholas, e pugnarem unidas por uma resurreição completa dos altos estudos, o que logo começaram a fazer provocando a convocação immediata dos outros claustros, e já este anno o intercambio universitario com professores de Bordéos e Napoles, e da faculdade de letras de Paris, e a ida a França d'alguns cathedra-ticos ovitenses, que deram conferencias na universidade de Bordéos, acompanhados por muitos escolares d'Oviedo e Saragoça. ¹

Portugal que em materia d'ensino está tão mal como metade das provincias hispanicas, e que a outra metade, sem comparação, muito peor, Portugal não tem senão a seguir o exemplo da irmã peninsular, que é o de todos os paizes postos entre o dilema de trabalhar ou sosobrar.

A' hora presente, e pelo manifesto atrazo em que se acham, todas as nossas escolas

¹ Não vem registrar a existencia e formação de todas as sociedades modernamente em Hespanha creadas para a resurreição da cultura publica.

Direi sómente da *Sociedad para el progreso de las ciencias*, de que é alma o eruditissimo Simarro. Da sem par *Institución livre de Ensenanza*, que já

superiores deviam concertar-se uma reforma geral dos altos cursos, reclamando energicamente as subvenções precisas, e provendo os laboratorios com o instrumental moderno que lhes falta; e enviar lá fóra delegações

tem dado á Hespanha muitas gerações de trabalhadores uteis e sabios. Da *Universidad Popular de Madrid*. E finalmente da extensão universitaria, que se propaga e alastra com exito surprehendente, e esmeçada em Oviedo, graças aos esforços do reitor Firmin Canella, e do autor da *Historia de España y de la civilización española*, Altamira, já hoje estende á roda das universidades de Sevilha, Saragoça, Barcelona, Salamanca, Valencia, etc., uma rede de centros com que ha contar no resurgimento proximo da Hespanha.

Na *Revue Internationale de l'enseignement* vem uma resenha da extensão universitaria hespanhola, relativa ao anno de 1903, por onde o leitor apreciará o quanto póde a energia d'um punhado de homens de caráter firme, coração generoso e intelligencia archi-desperta.

A extensão progride a largos passos em Barcelona, Valença e Oviedo, diz o relato; e mais modernamente Sevilha, Saragoça e Salamanca procuram captar as graças do operariado, e insinuar-se na propaganda das numerosas associações que ele ali conta. Em Saragoça ha verdadeira extensão universitaria. Em Sevilha, os professores Castro, Gascon, Candau,

de professores e alumnos applicados, bem como promover o intercambio com mestres estrangeiros, como já nos tempos de D. João III e do Marquez de Pombal, para Coimbra se fez, com admiraveis resultados.

Relimpio e Suner, tomaram a iniciativa de conferencias, e traçaram programas de cinco cursos d'assuntos, medico, direito, chimica, politica e agricultura. Em Salamanca fizeram-se n'este anno conferencias sobre o thema *Familia*, nos seus aspétos historico, juridico e social.

Em Barcelona, graças aos esforços do reitor da Universidade, Rodriguez Méndez, unificaram-se trabalhos feitos dispersamente na capital, em Reus, Badalona e outras cidades da Catalunha, constituindo-se em Barcelona um comité central, e comités regionaes em Reus, Tarrasca, Lérida e Mahón, que serão outros tantos fócios d'irradiação para as terras dependentes d'aquelas, e assim se irá apertando a rede até cingir de perto toda a população carecida de cultura. Além d'isso os esforços dos lentes e alumnos da Universidade barceloneza acham-se ligados aos das Escolas Locaes, Escolas do Comercio, Normal, Artes y Industrias, Nautica e Lyceus. Tanto as camaras municipaes como varias sociedades catalãs operarias e burguezas, estabeleceram pensões para custeio da obra; e tendo alguns missionarios defendido a conveniencia de se ligarem os serviços das conferencias e cursos regulares com a parte

N'estas viagens os professores nacionaes aprenderiam muito do que não sabem, especialmente em práticas de laboratorio e methodos d'ensino, e os estrangeiros trariam, quem sabe, o espirito d'emulação e a auste-

recreativa e sportiva dos jogos, passeios, festas musicas, representações dramaticas, etc., em termos de formar tudo um corpo, logo os directores e inspiradores da extensão barceloneza trataram d'organizar as bases d'essa confederação colossal, que assim ficará modelo mui para seguir e imitar nas outras sédes da Extensão.

Em Valencia ha extensão universitaria e universidade popular. Esta tem todo o anno cursos regulares. Aquella organisa pelos *centros obreros e circulos d'artezanos*, séries de conferencias e cursos sumarios, numerosos e de todos os generos, a tal ponto que um literato, E. L. Chavarri, aficionado de musica, abriu uma serie de conferencias-concertos, musica antiga e moderna, com sua orchestra d'instrumentos de corda que ele mesmo ensaia e rege com verdadeira maestria.

Em Oviedo, cursos politicos na universidade e *centro obrero* (uma lição por semana), e cursos fechados na Universidade Popular, Eis alguns themas professados na primeira:

Questões presentes da vida d'Oviedo.

Leituras de Homero.

Os raios XX.

ridade de sacerdocio que parece faltarem na sciencia portugueza, baralhada com preocupações que diminuem a compostura professoral na medida do mercantilismo a que se entrega.

Theoria fisica da musica.

Os pyrineus e a costa cantabrica.

Formação da Terra (com projeções luminosas, fotografias, mapas e excursões experimentaes).

As bibliotecas das Astúrias.

Historia da musica de camara, etc.

No Centro obrero:

Cursos e conferencias d'economia politica, pedagogia, geografia, literatura, archeologia, geologia, zoologia, fisica, eléctrica. Leituras d'autores hespanhoes, etc.

Na Universidade Popular, nove cursos, em tres periodos, de dois mêzes cada um. A saber:

Direito usual.

Educação civica e governo.

Lei municipal.

Geologia.

Arithmetica.

Lingua castelhana.

Zoologia.

Historia da civilisação.

Em Gijon, o comité local organisou, como em Oviedo, nos centros operarios, conferencias publicas e cursos fechados, que logo se encheram de assis-

Portugal precisa de professores que só trabalhem no ensino, e tenham a inteireza de viver pobres, por ele e para ele, sem tergiversar por práticas videiras. Em toda a parte o bom sabio é como o bom padre,

tentes. Assuntos: *antropologia, geografia precolombina e moderna, astronomia, direito natural, electricidade, literatura, Historia da musica hespanhola (com audições de piano e canto), sciencia politica, etc.*

É curioso o desenvolvimento dado em toda esta cruzada á arte musical, mas não nos deve surpreender, pensando o quanto a musica tem na vida hespanhola papel proeminente. Quasi não ha povoação sem orfeons e sociedades musicaes, muitas notaveis, sendo os orfeons da Galiza e Catalunha verdadeiras maravilhas coraes que todo o forasteiro procura ouvir.

Esta inclusão da musica na obra da extensão universitaria visa fundar a secção «arte para todos» que tão bons resultados deu já em Paris. Pensam agregar-lhe representações dramaticas, mas contraem o escolho de não ser facil arranjar companhias d'atores que se votem de graça ao movimento.

Por estas notas rapidas se alcança do como a Universidade d'Oviedo é o anel central d'uma cadeia organica abrangendo desde o homem de sciencia ao jornaleiro, e porque maneira cavalheirosa cumpre á risca o papel de chamar á obra da redempção hes-

uma creatura d'abnegação rebelde ás glorias da mundaneidade e ás ciganices do dinheiro, sofrendo pelos outros, vivendo para os outros, na exclusivação d'um ideal messianico e divino. E' por esse abandono for-

panhola todas as forças vivas da nação. Enfim o numero de sociedades d'educação e instrução nos ultimos annos creadas pelas povoações hespanholas d'algunha importancia, vae já a umas poucas de centenas, e em todas se revela o patriotismo d'um povo que volta a ter fé no seu destino, e quer readquirir no mundo a perdida hegemonia. As missões d'Altamira e Blasco Ibañez á America hespanhola, e até ao Brazil (por vergonha nossa) não teem outros propositos senão reconquistar sobre aqueles paizes o prestigio da antiga raça precursora, da patria inicial, restabelecendo uma confederação d'ideias e conti-guidades sociaes que criem na politica do mundo hespanhol, como ha o alemão, o inglez, o japonez, para á sombra d'ele se fazer prosperar essa prodigiosa massa d'interesses continentaes, que economicamente salvariam a Peninsula, e só para lá do oceano poderiam ter expansão compensadora.

A ideia d'uma grande universidade ibero-americana onde se creassem os dirigentes da expansão hespanhola na America, e ardesse perpetuamente a pyra do espirito ibero-latino, é sonho que alancêa a alma dos patriotas ardentes, e póde ser que algum dia venha a ter realização. Emquanto porém práti-

mal dos bens terrenos, por esse desterro voluntario n'uma thebaida d'estudo, por essa exclusivação n'uma vida de chama e sacrificio, que pensadores, professores, sabios e artistas teem no culto das multidões

camente ela não vinga, vão os intellectuaes hespanhoes procurando estreitar por todas as fórmãs, com as republicas americanas de sangue iberico, laços de camaraderia estreita e convivencia, facilitando viagens e carreiras de navegação, intercambio d'artistas e escritores, troca de jornaes e livros; n'uma palavra tudo o que dá cohesão á raça e afervóra o espirito de familia, em termos da America ficar sempre uma projecção integral e politica da Hespanha, e da assimilação estrangeira sempre n'ela encontrar terreno hostil á sua ação. Compare-se agora esta maneira de sentir o patriotismo, nos seus aspétos profundos d'interesse mercantil e prosápia historica, identica em todos os hespanhoes, qualquer a fação politica que os arme, com o que em Portugal succede respeito á insignificancia dos politicantes que levam vida em retribuições de grosserias e acusações de ladroagens, sendo preciso que venha um fura-vidas valenciano, meio editor, meio novelista, filauciar por palavras nem sempre discretas que vae ao Brazil falar em nosso nome — que é como se dissesse (e com razão) que no estado em que estamos, já não haverá quem lá mandemos, ou no estado em que está o Brazil, já não ha que ouvir um portuguez !

uma exaltação moral distinta, pois como diz Nietzsche são os «espiadores do espirito, que desfloram o conhecimento immaculado» e formam na humanidade como uma aristocracia de monges e de santos.

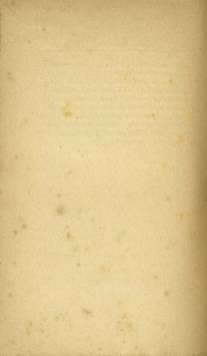
Vede em Hespanha, Altamira, Ramon y Cajal, Miguel da Unamuno; vede em França Renan, Charcot, Pasteur, o abade Loyset; em Portugal, Sousa Martins, e mesmo na sizudez da sua vida professoral Th. Braga; são idolos da juventude inteligente; e o relevo da sua exclusivação scientifica e da sua admiravel pobreza criam-lhes na sociedade cupida que os cerca uma tão augusta sarça de respeito, que pronunciar esses nomes é logo estabelecer na consciencia um protésto contra a injustiça e o erro universaes.

No dia em que por um mais escrupuloso senso da responsabilidade, cessem estas intruzões dos profissionaes superiores na esfera de misteres mercantis que os deshonestam, de sorte ao homem de sciencia viver só para a sciencia, sem duvida a actividade do semeão d'ideias que é o lente entrará n'uma fâse de fervor educativo, e já não veremos esses diletanti frios, de relógio na

mêza, vendendo as preleções como quem vende xixaros ou trapos.

Então os profissionaes do ensino reconhecerão que, fóra ou dentro da cáthedra, o seu dever social é formar homens, e seja qual fôr a categoria do inculto, todo o desbravo da ignorancia publica lhes cabe, de sorte á extensão universitaria ser *mais uma obrigação do officio*, em vêz do favor d'exceptão que inda vem sendo.

FIM



INDICE



INDICE

Lisboa, 1 de Novembro de 1910	5
Lisboa, 16 de Novembro de 1910	29
Lisboa, 4 de Dezembro de 1910	43
Lisboa, 31 de Dezembro de 1910.	67
Frederico Chagas	87
A morte do rei	93
Instrucção e educação popular	115



Sousa Costa

Regresso á Felicidade

Novela Naturista

1 vol. 500

Mauricio Maeterlinck

A vida das Abelhas, Tradução da 62.^a edição
por Candido de Figueiredo. 2.^a edição, 1 vol. 600

Inteligencia das flôres, Tradução de Candi-
do de Figueiredo, 1 vol. 600

A Morte, Tradução de Candido de Figueiredo. 1 vol. 600

Eugenio Vieira

Flôr da Lama

Contos. 1 vol. 600

D. Virginia de C. e Almeida

A Praga—Novelas 700
Innocente—Contos. 1 vol. 700

Ruy Chianca

Aljubarrota 500
D. Francisco Manoel 600
Desventurado Amor. 400
Freira de Beja. 200
Por um beijo 200
Ressurreições 600
Santo (O) Condestabre. 400
Nun'Alvares (no prelo).
Triste feia (no prelo).

Dr. Bettencourt Rodrigues

O Problema therapeutico da tuberculose

Com uma carta do dr. Luiz Pereira Barreto

2.^a edição—1 vol. 600